



Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Doutorado  
Área de Concentração: Psicologia Social

**PSICOLOGIA HUMANISTA DE CARL ROGERS: RECEPÇÃO E  
CIRCULAÇÃO NO BRASIL**

Paulo Coelho Castelo Branco

Belo Horizonte

2015

Paulo Coelho Castelo Branco

**PSICOLOGIA HUMANISTA DE CARL ROGERS: RECEPÇÃO E  
CIRCULAÇÃO NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino.

Belo Horizonte

2015

150 Castelo Branco, Paulo Coelho  
C349p Psicologia humanista de Carl Rogers [manuscrito] :  
2015 recepção e circulação no Brasil / Paulo Coelho Castelo  
Branco. - 2015.  
157 f.  
Orientador: Sérgio Dias Cirino.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Rogers, Carl R. (Carl  
Ransom), 1902-1987. 3. Psicologia – História - Teses. 4.  
Psicologia –Historiografia - Teses. I. Cirino, Sérgio Dias.  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



## ATA DA DEFESA DE TESE DO ALUNO PAULO COELHO CASTELO BRANCO

Realizou-se, no dia 27 de outubro de 2015, às 14:00 horas, Auditório do 4 andar da Biblioteca Central - UFMG, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *Psicologia Humanista de Carl Rogers: recepção e circulação no Brasil.*, apresentada por PAULO COELHO CASTELO BRANCO, número de registro 2012660570, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Sergio Dias Cirino - Orientador (UFMG), Prof(a). RODRIGO LOPES MIRANDA (UCDB), Prof(a). ERIKA LOURENÇO (UFMG), Prof(a). ADRIANO ROBERTO AFONSO DO NASCIMENTO (UFMG), Prof(a). Raquel Martins de Assis (Universidade Fderal de Minas Gerais).

A Comissão considerou a tese:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2015.

Prof(a). Sergio Dias Cirino ( Doutor )

Prof(a). RODRIGO LOPES MIRANDA ( Doutor )

Prof(a). ERIKA LOURENÇO ( Doutor )

Prof(a). ADRIANO ROBERTO AFONSO DO NASCIMENTO ( Doutor )

Prof(a). Raquel Martins de Assis ( Doutora )

*Mas sendo local, o conhecimento pós-moderno é também total porque reconstitui os projetos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade, e por essa via transforma-os em um pensamento total ilustrado. A ciência do paradigma emergente, incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora do seu contexto de origem.*

Boaventura de Sousa Santos

## **Agradecimentos**

Sou grato a todas as pessoas que direta e indiretamente participaram do meu percurso acadêmico. Agradeço especialmente:

Ao professor Doutor Sérgio Dias Cirino, que me acolheu, acreditou e investiu em meu trabalho. Obrigado pelo cuidado e zelo em me orientar e pelo aprendizado de fazer pesquisa histórica.

À minha mãe, Gerlene, e a tia Zirlane, por investirem sempre em minha formação, possibilitando o meu acesso ao conhecimento.

À minha esposa Andréa, pelo amor e cuidado nesse período de doutoramento. Na alegria e nas adversidades conseguimos crescer juntos.

Aos meus avós, Gerardo e Elrizem, que me criaram e ensinaram as dimensões da responsabilidade.

À minha outra família, Carlos, Aguiar e Ana.

Ao pessoal do grupo de pesquisa, César e Eustáquio.

A Emanuel Meireles Vieira, pela interlocução, amizade e parceria em discussões.

Ao casal Ivanilson e Ivaneide, por me acolherem em Belo Horizonte.

Aos professores Doutores Erika Lourenço, Adriano do Nascimento, Raquel de Assis e Rodrigo Miranda pelas contribuições na defesa.

Ao professor Doutor Tommy Akira Goto, por me ajudar com valiosas contribuições no período de qualificação.

À Maycoln Teodoro, pela paciência em me ajudar a sair de um momento difícil e encontrar realização.

À Universidade Federal de Minas Gerais, por me possibilitar um espaço de qualificação.

À Universidade Federal da Bahia, por me possibilitar uma morada acadêmica que ancora e concretiza as minhas realizações em docência e pesquisa.

Ao Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista, grupo que me possibilitou boas discussões e aprendizado.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	10
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	11
<b>RESUMO</b> .....	12
<b>ABSTRACT</b> .....	13
<b>Apresentação</b> .....	14
Referências.....	21
<b>Estudo 1 – Recepção e circulação: implicações para pesquisas em História da Psicologia</b> .....	23
Introdução .....	23
Fundamentos da noção de recepção e circulação da Psicologia .....	24
Implicações da noção de recepção e circulação em pesquisas historiográficas em Psicologia .....	33
Considerações finais .....	36
Referências.....	38
<b>Estudo 2 – Relações de Carl Rogers com a Fenomenologia: análise historiográfica</b> .....	41
1 Introdução .....	41
2 Método .....	43
3 Análise I: filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers .....	50
4 Análise II: relações de Carl Rogers com a Fenomenologia na Psicologia estadunidense .....	57
4.1 <i>Relação de Carl Rogers com Donald Snygg e Arthur Combs, nos anos de 1940-1950</i> .....	57
4.2 <i>Contato de Carl Rogers, na década de 1950, com dois estudantes</i>	

<i>Europeus que tinham influências da Fenomenologia: Max Pagès</i>	
<i>e Eugene Gendlin</i> .....	60
<i>4.3 Relação de Carl Rogers com Adrian van Kaam, na década de 1950</i> .....	64
<i>4.4 Relações de Carl Rogers com as obras Existence (1958) e Existential Psychology (1961), sob a organização de Rollo May</i> .....	66
<i>4.5 Colaboração de Carl Rogers com dois livros pioneiros à Psicologia de inspiração fenomenológica, nos EUA, em 1959 e 1964</i> .....	69
<i>4.6 Estada de Carl Rogers no Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento, na década de 1960</i> .....	73
<i>4.7 Alusão de Carl Rogers a uma pesquisa fenomenológica empírica em um workshop, em 1970</i> .....	74
5. Considerações finais .....	76
Referências .....	78

### **Estudo 3 – Recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers**

<b>no Brasil (1945-2014)</b> .....	85
Introdução .....	85
Análise I: momentos da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil .....	87
Análise II: traduções das obras de Carl Rogers para o português brasileiro .....	95
Análise III: circulação de artigos sobre a Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil (2002-2014) .....	101
Considerações finais .....	115
Referências .....	116

### **Estudo Suplementar – Tensões entre Carl Rogers e a Fenomenologia:**

<b>reflexões sobre a questão da consciência</b> .....	123
Introdução .....	123
Noção de consciência em Carl Rogers .....	127

Noção de consciência na Psicologia de William James.....	131
Noção de consciência na Fenomenologia de Edmund Husserl .....	135
Reflexões sobre as tensões implicadas na apropriação fenomenológica de Carl Rogers.....	138
Considerações finais .....	144
Referências.....	146
<b>Conclusão</b> .....	151
<b>Apêndice</b> .....	154

**LISTA DE FIGURAS****Estudo 1**

*Figura 1.* Exemplificação conceitual.....32

## LISTA DE TABELAS

### **Estudo 2**

<i>Tabela 1.</i> Filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers .....	46
<i>Tabela 2.</i> Filósofos de orientação fenomenológica referenciados nas entrevistas com Carl Rogers .....	47
<i>Tabela 3.</i> Obras de filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers.....	50

### **Estudo 3**

<i>Tabela 1.</i> Livros de Carl Rogers publicados e traduzidos para o português brasileiro .....	96
<i>Tabela 2.</i> Livros de Carl Rogers publicados somente no Brasil .....	97
<i>Tabela 3.</i> Entrevistas com Carl Rogers publicadas em português brasileiro .....	97
<i>Tabela 4.</i> Total de artigos obtidos no SciELO e no PePSIC, de 2002 a 2014 .....	105
<i>Tabela 5.</i> Distribuição de publicações nos anos de 2002 a 2014 .....	105
<i>Tabela 6.</i> Desempenho dos periódicos brasileiros .....	106
<i>Tabela 7.</i> Desempenho individual de publicações .....	107
<i>Tabela 8.</i> Desempenho institucional de publicações sobre a Psicologia Humanista de Rogers.....	109
<i>Tabela 9.</i> Frequência de publicações por filiações nacionais nas regiões do Brasil .....	110
<i>Tabela 10.</i> Caráter da circulação de artigos sobre a ACP de 2002 a 2014.....	110
<i>Tabela 11.</i> Temáticas discutidas nos artigos .....	112
<i>Tabela 12.</i> Artigos que versam a ACP de orientação fenomenológica.....	113

## RESUMO

Tese dividida em quatro estudos, cujo eixo central é o entendimento de que toda Psicologia é local e expressa em seu respectivo contexto de desenvolvimento uma hibridização que depende dos seus processos históricos de recepção e circulação. Aplicou-se esse entendimento ao argumento de que a Psicologia Humanista de Carl Rogers, em seu desenvolvimento nos EUA e no Brasil, foi sensível a esses processos, havendo especificidades que os distinguem em cada localidade. A perspectiva que se escolheu para investigar tal argumento ocorreu mediante as relações da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) com a Fenomenologia. Ressalta-se que todos os estudos são independentes, entretanto cada qual versa historicamente essa perspectiva ao seu modo. O primeiro estudo tem um cunho teórico sobre a noção de recepção e circulação e suas implicações para pesquisas históricas em Psicologia. O segundo estudo se inspira na abordagem historiográfica de Josef Brožek para analisar as diversas relações que Rogers estabeleceu com a Fenomenologia. Para isso, o estudo 2 se divide em duas análises: a primeira levanta o número de filósofos citados e referenciados por Rogers ao longo de suas obras; a segunda examina sete momentos relacionais de Rogers com o movimento de recepção da Fenomenologia pela Psicologia estadunidense, nas décadas de 1940-1960. Rogers, efetivamente, somente citou e referenciou 1 fenomenólogo, Martin Heidegger. A Fenomenologia que Rogers menciona não é a filosófica, que ele viu com ressalvas, mas é um paradigma estadunidense de ciência empírica e de estudos da personalidade. O terceiro estudo, novamente inspirado pela historiografia de Brožek, divide os momentos de recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, de 1945 a 1990, analisa as obras rogerianas traduzidas para o português brasileiro, nos anos de 1970-2000, e realiza um levantamento bibliográfico para entender o tipo de ACP que circula em periódicos brasileiros, de 2002 até 2014. Os resultados do estudo 3 apontam que: a ACP de orientação fenomenológica se estabeleceu em um período de crise, no final da década de 1980; atualmente, há uma escassez de produção de artigos sobre Rogers; existe uma hegemonia de produções teóricas e clínicas; a ACP brasileira se distingue da ACP de Roger por concretizar uma relação com a filosofia fenomenológica europeia em suas discussões teóricas. O quarto estudo reflete, a recepção e circulação da noção rogeriana de consciência na ACP brasileira de linhagem fenomenológica. Aponta-se para o cenário brasileiro, onde existe uma tensão epistemológica em aproximar da Psicologia Humanista de Rogers a Fenomenologia, pois a ideia rogeriana de consciência procede de uma base pragmatista-funcionalista que difere do esteio fenomenológico; entretanto, historicamente, é possível entender essa relação em termos de um desenvolvimento local. No transcurso dos estudos, concluiu-se que há uma série de potencialidades teórico-conceituais na aproximação da ACP com a Fenomenologia. A atitude historiográfica sobre essa relação possui, em seu cerne, um aspecto compreensivo as dimensões locais que afetam historicamente a Psicologia Humanista de Rogers e a ACP brasileira.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Carl Rogers; Circulação; Fenomenologia; Recepção.

## ABSTRACT

This thesis is divided into four studies whose central idea is that all Psychology is local and expresses in its developmental context a hybridization that depends on its historical processes of reception and circulation. This idea was applied to the argument that the Humanist Psychology of Carl Rogers, in its development in the U.S.A. and in Brazil, was sensible to these processes, with specific aspects distinguishing them in each place. The perspective chosen to investigate such argument is based on the relations between the Person-Centered Approach (PCA) and Phenomenology. It should be noted that all studies are independent, however each of them refers historically to this perspective in its own way. The first study is theoretical and is about the notion of reception and circulation and their implications to historical research in Psychology. The second one is inspired by Josef Brožek's historiographical approach, analyzing the several relations that Rogers established to Phenomenology. To do so, the second study is divided into two analyses: one that reviews the number of philosophers quoted and referenced by Rogers throughout his work; other that examines seven moments when Rogers established relations with the movement of reception of Phenomenology by the American Psychology, from 1940 to 1960. In fact, Rogers only quoted and referenced one phenomenologist, Martin Heidegger. The Phenomenology mentioned by Rogers isn't the philosophical one, which he saw with caveats, but an American paradigm of empirical science and personality studies. The third study, again inspired by Brožek's historiography, divides the moments of reception of Rogers' Humanist Psychology in Brazil, from 1945 to 1990, analyzes the Rogerian works translated to Brazilian Portuguese from 1970 to 2000, and performs a bibliographic review to understand the kind of PCA that circulates in Brazilian periodicals from 2002 to 2014. The results from the third study point out that: phenomenological PCA was established in at the end of 1980s' crisis; currently there's a shortage in articles production about Rogers; there's hegemony of theoretical and clinical productions; Brazilian PCA differs from Rogerian PCA as it establishes, in its theoretical discussions, a relation to the European phenomenological philosophy. The fourth study reflects, epistemic and historically, the reception and circulation of the Rogerian notion of consciousness in Brazilian PCA of phenomenological lineage. Noteworthy points up to Brazil scene, where there is an epistemic tension in approaching Rogers' Humanist Psychology to Phenomenology, as the Rogerian idea of consciousness comes from a pragmatic-functional base that differs from a phenomenological one; however, historically, that relation can be understood in terms of local development. In the course of the studies the conclusion is that there is a series of theoretical and conceptual potentialities in approaching PCA to Phenomenology. The historiographical attitude toward this relation has, in its core, a comprehensive aspect to the local dimensions affecting historically Rogers' Humanist Psychology and Brazilian PCA.

Keywords: Person-Centered Approach; Carl Rogers; Circulation; Phenomenology; Reception.

## Apresentação

Umberto Eco (1977/2004) em sua obra clássica nos meios acadêmicos, *Como se faz uma tese*, definiu o relatório de doutorado como um trabalho escrito que “(...) aborda um problema relacionado com o ramo de estudos em que pretende formar-se” (p. 01). Uma tese deve produzir um estudo, ou uma série de estudos, que “(...) os outros estudiosos do ramo não deveriam ignorar, pois diz algo de novo sobre o assunto” (p. 03). Cabe à tese avançar na disciplina em que o doutorando se dedica. Nesse caso, existe interesse em aprofundar uma formação nos campos da História da Psicologia e na Psicologia Humanista de Carl Rogers<sup>1</sup>. Esta tese de doutorado compila, pois, uma variedade de textos produzidos por Rogers e sobre a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) no Brasil para lançar nova luz, ou uma luz histórica, sobre eles a fim de reler tais escritos precedentes e elaborar uma maturação de conhecimentos que se encontravam dispersos neles.

Como imerso em um contexto acadêmico de ideias, este trabalho de doutorado, no que concerne ao transcurso do que foi organizado e proposto em termos conceituais e metodológicos, insere-se em um grupo de pesquisa sobre História da Psicologia, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pelo professor Doutor Sérgio Dias Cirino. Nesse grupo, há uma série de produções concluídas e em andamento que abordam diversos estudos sobre as questões relacionadas às dimensões históricas globais e locais que compõem a recepção e a circulação de variadas Psicologias, dispersas pelo mundo e apropriadas segundo as condições do contexto brasileiro de produção psicológica. Propondo investigar as condições e os efeitos históricos dessa

---

<sup>1</sup> Emprega-se a dicção *Psicologia Humanista de Carl Rogers* em menção ao conjunto da obra desse autor, que inclui intervenções em nível de aconselhamento psicológico, psicoterapia, práticas grupais, reflexões epistêmicas sobre a Psicologia como Ciência Humana e o desenvolvimento de pesquisas empíricas e atividades educativas. Ao utilizar essa dicção, intenciona-se remeter a todo o conjunto de contribuições rogerianas, sem ofuscar uma em detrimento da outra.

migração de conhecimentos psicológicos de um local para outro, algumas produções desse grupo de pesquisa já podem ser acessadas e conhecidas (Cirino, Miranda & Cruz, 2011; Cirino, Miranda & Sousa, 2012; Cirino, Miranda, Cruz & Araújo, 2013; Miranda, 2014; Cirino & Miranda, 2015; Souza Júnior, 2015).

No que diz respeito ao contexto de ideias rogerianas, atualmente, existe um contexto propício de produções de conhecimentos sobre a ACP no Brasil. Este é permeado por alguns trabalhos que tentam pensar a realidade atual de uma ACP brasileira, entendida como imersa em uma fase pós-Rogers (Moreira, 2010), iniciada de 1987 até os dias atuais, caracterizada como um conjunto de várias elaborações que vão além do legado rogeriano, sobretudo com base na apropriação dos aportes da Fenomenologia para repensar a ACP e desenvolvê-la (Frota, 2012). Existem várias linhagens de ACP no Mundo, mas, especificamente, a ACP brasileira é reconhecida como abordagem de orientação fenomenológica e existencial (Segrera, 2002), ou seja, esta é uma tendência forte no Brasil, singularizada em relação a outras manifestações de ACP em outros países. Segundo Moreira (2010), “Esse fato tem sérias implicações tanto metodológicas como epistemológicas, pois a fundamentação que será adotada por cada uma das linhas variará segundo seu desenvolvimento depois de Rogers. Nesse sentido é que elas passam a ser neorogerianas, assumindo identidade própria” (p. 542). Por conseguinte,

Não se trata mais do pensamento de Rogers puro, mas de novas teorizações variadas, que partem dele. (...) Nesse sentido, é importante não apenas ignorar os significativos desdobramentos em andamento nos últimos 20 anos após sua morte, como estabelecer um diálogo entre as diferenças que preserve a proposta original de Carl Rogers em seu caráter humanista, de respeito pelo ser humano e

suas potencialidades. Seu pensamento continua vivo em cada uma das vertentes atuais (...), passando a assumir diferentes caminhos epistemológicos na continuidade de sua construção teórica (...). (p. 543).

Sem dúvida, uma análise pormenorizada de todos os desdobramentos de ACP pelo mundo é uma tarefa que excede o escopo desta tese. Esta exprime um objetivo mais restrito, que é adentrar as especificidades das relações de Rogers com a Fenomenologia e entender historicamente as condições de recepção e circulação de sua Psicologia Humanista no Brasil. Eis os eixos condutores da tese: a relação da ACP com a Fenomenologia e o uso dos conceitos de recepção e circulação sobre a Psicologia Humanista de Rogers. A pergunta-problema que nos<sup>2</sup> conduziu ao longo desse trabalho foi: como se desenvolve a relação de Rogers e da ACP brasileira com a Fenomenologia? Os conceitos mencionados, imersos em uma perspectiva histórica, nos permitiram desenvolver algumas respostas.

Salientamos, de uma forma metafórica, que esta tese não iniciou ou terminou com uma moldura ou um quadro explicativo sobre um determinado objeto de estudo. Embora uma moldura metodológica anterior à eleição de um objeto o direcione como estudá-lo, não começamos por esta via, por considerarmos que a moldura adorna o quadro, mas é a pintura que se impõe na obra (Latour, 2006). A feitura da pintura, da escrita da tese, seguiu um fluxo criativo constituído mediante as ponderações conjuntas entre orientador e orientando, permeadas por outros encontros da vida acadêmica que possibilitam a elaboração de vários estudos que tratam de visadas históricas diversas

---

<sup>2</sup> Até aqui a escrita se referia somente ao estudante em suas ponderações sobre a proposta de tese, por isso estava escrita de um modo impessoal. A partir do momento em que a proposta do estudante passa a ser compartilhada com o orientador, tornando-se objeto de pesquisa em um Programa de Doutorado, a construção discursiva elaborada na tese fica na primeira pessoa do plural (nós). Essa perspectiva, segundo ajuizamos, explicita um trabalho colaborativo em todo o percurso e exposição em eventos acadêmicos. Indicamos as fontes que nos inspiraram no que concerne à construção verbal dessa escrita (Moukachar, 2013; Miranda, 2014).

sobre a Psicologia Humanista de Rogers. Longe de intencionar propor um novo quadro explicativo ou crítico a essa Psicologia, ocupamo-nos em fazer algumas descrições e reflexões sobre ela, com base no que levantamos com apoio no uso de alguns recursos historiográficos. Acreditamos que esse seja o valor desta tese: uma atenção aos dados obtidos sem nos preocupar com escrever narrativa única para essa situação (Latour, 2006).

Em outras palavras, obtivemos três pontos de vistas (Estudos 2, 3 e Suplementar) distintos sobre a Psicologia Humanista de Rogers, tal como encontramos uma estátua – que é uma estátua em si mesma – e andamos no entorno dela, observando-a e obtendo distintos pontos de vista sobre ela, que comporta uma multiplicidade de prismas de acordo com a posição em que se a percebe. Além disso, há uma complexidade que a estátua, no caso a Psicologia Humanista de Rogers, impõe para aqueles que andam à sua órbita, observando-a. Por isso, nossa prioridade sobre o objeto e o que ele impôs – em termos de assunção metodológica, em diversos momentos do período de doutoramento. Experimentamos, pois, três visões históricas sobre a Psicologia Humanista de Rogers, obtendo três pontos de vista ao seu respeito, perpassados por um entendimento básico disposto em um trabalho teórico-conceitual basilar (Estudo 1).

Destarte, a constituição desta tese está organizada segundo a composição de quatro estudos que versam variadas ênfases historiográficas. Consideramos que esse é um formato alternativo de tese que, atualmente, é difundido em diversos programas de pós-graduação no Brasil – por exemplo, apontamos a UFRGS e a PUC-RS. É uma tendência contemporânea consequente das exigências de padrões avaliativos de dissertações e teses com base nos artigos que se desdobram delas para serem publicados em periódicos científicos. Conquanto esse formato seja questionável por alguns

acadêmicos, ponderamos na ideia de que, por um lado, o formato tradicional de uma tese se desenvolve em uma narrativa mais contínua, que interliga os seus capítulos em uma lógica geral de introdução, desenvolvimento e conclusão – algo que se assemelha a um livro. A tese composta por artigos, por sua vez, é caracterizada como a compilação de estudos diversos, singulares e independentes sobre determinado tema, em que cada um possui uma introdução, problematização, método, resultados e discussões próprios e distintos do outro estudo. Meneamos para o formato da tese composta por artigos por ela facilitar distintas visadas (estudos) sobre um tema de pesquisa, objetivando que ele possa ser submetido, durante a feitura da tese e após a sua defesa, em periódicos científicos e livros organizados. Consideramos que o trabalho de elaboração de uma tese não acaba no ato de sua defesa, mas na publicação de suas ideias em eventos, periódicos e livros acadêmicos. Ponderamos que essa é uma vantagem ante o formato tradicional, que requer mais tempo e energia para adaptar os capítulos da tese para os padrões de artigos exigidos pelos periódicos acadêmicos. Após isso, com a permissão das revistas que publicaram os manuscritos, é possível divulgar os estudos em um livro.

A despeito de explicitarmos essas argumentações, salientamos que ainda não existe uma padronização geral de como se deve apresentar uma tese composta por artigos. Conquanto tenhamos nos inspirado em alguns formatos (DeCastro, 2009, 2013), elaboramos uma apresentação própria em que tentamos interligar os estudos da tese pelas considerações finais deles. O leitor pode entender, entretanto, independentemente, cada estudo, sem necessariamente seguir a ordem de leitura sugerida por nós. Caso o leitor tenha interesse, disponibilizamos o resumo de cada estudo nos apêndices desta tese. Julgamos esse aspecto como inovador, dado que não encontramos outras teses e dissertações com essa proposta de apêndice. Com efeito, mostramos sucintamente os estudos que leitor irá defrontar nas próximas páginas.

O primeiro estudo da tese, intitulado *Recepção e circulação: implicações para pesquisas em História da Psicologia*, possui uma lente mais teórica e conceitual, que organiza uma perspectiva historiográfica norteada pela noção de recepção e circulação. Neste estudo, o leitor ainda não adentrará as contendas históricas da Psicologia Humanista de Rogers, mas aprenderá uma visada que perpassa os três estudos seguintes, os quais denotam olhares diferentes sobre essa Psicologia. É interessante notar que, nos estudos posteriores, a mencionada noção se dissipa na descrição dos dados, havendo uma proeminência maior de alguns conceitos em alguns estudos do que em outros.

O segundo, *Relações de Carl Rogers com a Fenomenologia: análise historiográfica*, apropria-se de um plano metodológico, inspirado por Josef Brožek, para investigar ao longo das obras publicadas por Rogers suas relações com a Fenomenologia e o que dela foi recebida e circulou pela Psicologia estadunidense, nos anos de 1940-1960.

O terceiro, *Recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil (1945-2014)*, novamente inspirado em alguns aportes metodológicos de Brožek, divide os momentos de recepção da ACP no Brasil, nos anos de 1940-1990, para em seguida analisar esse movimento pelas traduções das obras rogerianas para o português brasileiro, nos anos de 1970-2000, e pela circulação de artigos publicados sobre Rogers em periódicos nacionais, de 2002 a 2014, com base em um levantamento bibliográfico<sup>3</sup>.

O quarto e último estudo, *Tensões entre Carl Rogers e a Fenomenologia: reflexões sobre a questão da consciência*, aborda epistêmica e historicamente uma reflexão sobre a noção rogeriana de consciência, relacionando-a com o seu contexto estadunidense de ideias psicológicas, de procedência jamesiana, e com a apropriação do

---

<sup>3</sup> No contexto acadêmico existem, atualmente, alguns sinônimos para a técnica ou o método de levantamento bibliográfico, como revisão sistemática de literatura ou levantamento bibliométrico. Optamos pelo uso do primeiro termo para facilitar sua associação com a noção de *circulação*, ressaltando que os procedimentos de coleta e análise dos dados bibliográficos seguiram a mesma lógica independente da nomenclatura utilizada.

legado de Rogers no Brasil, com foco em uma estirpe fenomenológica. Por um lado, problematiza epistemologicamente as aproximações da ACP com a Fenomenologia; por outro, reflete essa relação, no Brasil, como um processo de recepção e circulação das ideias de Rogers que possibilitam extensões (hibridizações) de uma ACP pós-Rogers.

Frisamos que o quarto estudo é suplementar, no sentido de acrescentar um viés mais reflexivo que pode ampliar as análises empreendidas nos Estudos 2 e 3, que utilizaram de um método historiográfico para investigar as relações de Rogers com a Fenomenologia e a recepção e a circulação de sua Psicologia Humanista no Brasil. Embora não apresente ou quantifique dados empíricos sobre esse tema, o Estudo Suplementar surgiu como uma necessidade de desdobramento qualitativo-reflexivo ao que foi analisado anteriormente. Reside, pois, na perspectiva de incluir um suplemento, outra característica que julgamos inovadora ao formato desta tese.

Pelo fato de os estudos serem concebidos-escritos separadamente, por óbvio, ocorreram certa fragmentação e algum nível de superposição dos seus conteúdos – o que se mostra um limite do formato desta tese em relação ao feitiço tradicional de escrita. Assumimos, apesar disso, o desafio de tornar as etapas/sequências dos estudos as mais coerentes possíveis em relação aos propósitos da tese, a despeito das especificidades de cada estudo, que possui objetivo e procedimento próprio. Por serem estudos independentes que podem em algum grau ser articulados pelo tema da relação da ACP com a Fenomenologia e pelo uso dos conceitos mencionados, impele ressaltar que optamos por manter as referências de cada parte no final de cada seção da tese. Acreditamos que isso possibilita um melhor acesso das referências para o leitor consulente.

Ao final, antecipamos o fato de que não encerramos uma explicação monista (um modelo teórico) geral que aplique um fio condutor histórico e universal à

Psicologia Humanista de Rogers e do que se fez dela no Brasil. Estimamos, entretanto, apontar alguns dados ilustrativos sobre aquilo que houve em tal Psicologia e aquilo que não se ouve sobre ela. Tais estudos não cogitam em invenções ou descobertas revolucionárias, mas implicam um modo novo de ler e entender o legado de Rogers e sua manifestação no Brasil.

## Referências

- Cirino, S. D., Miranda, R. L. & Cruz, R. N. (2011). The Beginnings of Behavior Analysis in Brazil: A pedagogical view. *History of Psychology, 15*(3), 263-272.
- Cirino, S. D., Miranda, R. L. & Souza Jr., E. J. (2012). The Laboratory of Experimental Psychology: Establishing a psychological community at a Brazilian university. *Revista Interamericana de Psicología, 46*(1), 135-142.
- Cirino, S., Miranda, R., Cruz, R. & Araújo, S. (2013). Disseminating Behaviorism: The impact of J. B. Watson's ideas on Brazilian Educators. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta, 39*, 119-134.
- Cirino, S. & Miranda, R. (2015). The role of a laboratory of experimental psychology in the Brazilian education renewal of the 1930s. *History of Psychology, 18*, 69-77.
- DeCastro, T. (2009). *Lógica e técnica na redução fenomenológica: da filosofia à empiria em psicologia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 104p.
- DeCastro, T. (2013). *Percepção e autoconsciência: modelos experimentais na naturalização da fenomenologia*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-

- Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 217p.
- Eco, H. (2014). *Como se faz uma tese* (G. Cesar, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1977).
- Frota, A. (2012). Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 168-178.
- Latour, B. (2006). Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático) (J. Vieira., L. Lima. & U. Garcia, Trads.). *Cadernos de Campo*, 14(15), 382-386.
- Miranda, R. (2014). *O laboratório de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte: diálogos entre psicologia e educação (1929-1946)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 166f.
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia(Campinas)*, 27(4), 537-544.
- Moukachar, M. (2013). *Psicologia da Educação nas licenciaturas: considerações sobre uma didática clínica*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 216f.
- Segrera, A. (2002). El enfoque centrado en la persona: reflexiones en el centenario de su fundador Carl Rogers. *Miscelánea Comillas*, 60(117), 399-419.
- Souza Júnior, E. (2015). *Circulação da instrução programada no Brasil (1960-1980)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 331f.

## **Estudo 1 – Recepção e circulação: implicações para pesquisas em História da Psicologia**

### **Introdução**

Consideramos a História da Psicologia como um campo de pesquisa que intenta perfazer uma compreensão de como os conhecimentos e as práticas psicológicas surgiram, desenvolveram e propagaram, relacionando-se com o presente, em continuidades e descontinuidades (Campos, 1998; Wertheimer, 1998; Araújo, 2012a). A pesquisa histórica em Psicologia possibilita, pois, uma construção de sentido sobre um determinado conhecimento psicológico, aprofundando-o em seus aspectos internos (teóricos) e externos (contextos sociais e culturais) que o levam a progredir em um universo de transmissão e extensão de ideias e não ficar estagnado (Santos, 2007). Ainda que o psicólogo se furte de reconhecer e adentrar as contendas de tal campo, é inegável a existência da dimensão histórica nas fundações e fundamentações de uma abordagem psicológica (Araújo, 2012a).

Além de investigar a relação do passado com o presente, há o interesse de estabelecer um diálogo entre aquilo que é universal (global) e local (particular-contextual) em um conhecimento psicológico (Pickren & Rutherford, 2012). Essa direção critica uma visão monista da Psicologia restrita aos eixos centrais de produção de conhecimento psicológico estadunidense e europeu (Brock, 2014), abrindo um horizonte do diálogo e interlocução com aquilo que é global e diversificado na produção de Ciência, considerando cada Psicologia na singularidade de sua esfera local. Dessa

perspectiva emerge o seguinte questionamento: o que possibilita a migração de uma Psicologia de um país para outro?

Entendemos que uma possibilidade de resposta a essa questão se encontra na noção de recepção e circulação. Trata-se, com efeito, de apropriações conceituais individuais advindas de várias produções de conhecimento em História da Psicologia (Dagfal, 2004; Danziger, 2006; Masolo, 2009; Grynzspan, 2012; Pickren, 2012; Pickren & Rutherford, 2012), das quais consideramos, em sua articulação, constituírem um aporte profícuo para o planejamento e o desenvolvimento de pesquisas historiográficas. Apesar da origem diversa, existe um sincretismo entre todos os conceitos trabalhados neste tópico para abordar o fenômeno da migração/movimentação de conhecimentos psicológicos de um local para outro. Objetivamos, pois, organizar uma sistematização teórica que permite compreender como a noção de recepção e circulação serve de recurso para auxiliar pesquisas em História da Psicologia que estudam a relação global-local, naquilo que é diversificado na produção e propagação da Psicologia em várias localidades do mundo. Argumentamos, ainda, que a mencionada noção contribui no debate metodológico que permeia o campo de pesquisa historiográfica em Psicologia.

Para atender a esse objetivo e esboçar uma resposta ao aludido questionamento, apontaremos, inicialmente, um plano de fundamentação teórica da noção de recepção e circulação; posteriormente, discutimos algumas implicações dessa noção para pesquisas historiográficas em Psicologia; consideramos, finalmente, alguns apontamentos relacionados às potencialidades da aludida noção.

### **Fundamentos da noção de recepção e circulação da Psicologia**

O conceito de *recepção*, embora utilizado pelo campo da História da Psicologia, deriva da *Estética da Recepção da Obra Literária*, postulada pelo filósofo alemão Hans Robert Jauss, como um enfoque hermenêutico do caráter histórico e público da apreciação de uma obra de arte por parte de quem a escreve e do contexto em que ela é lida (Dagfal, 2004).

No que concerne ao campo da literatura comparada, Jauss (1972/2002) define o termo *recepção* como propício a uma dupla função, pois expressa um sentido ativo e outro passivo. É um ato duplo que aponta para um efeito produzido pela obra literária em um público que a recebe; e alude a uma função ativa do leitor que concretiza um sentido para a obra. Há, pois, uma troca de experiências em que a obra de arte não somente reproduz o real, mas também a cria, ampliando os horizontes da experiência e renovando a percepção da obra.

O leitor seleciona a obra e o seu sentido, segundo uma tradição que o confronta. Ele pode se apropriar do passado, incluindo interpretações advindas de terceiros, e pode romper com o sucedido, modificando-o. Esse liame interativo de recepção com modificação concretiza um sentido para a obra – daquilo que lhe é próprio e daquilo que se dispõe a ela ultrapassar (Jauss, 1972/2002).

Jauss recorre à ideia husserliana de horizonte de sentido, como um fruto da intersubjetividade e da relação diacrônico-sincrônica que se encontra no mundo. Nisso reside uma tensão entre o passado que se presentifica e o presente que se lança em um horizonte de expectativas. A recepção de uma obra implica, pois, uma fusão de horizontes que se ancora em uma dada situação social carente de nexos de recepção e produção de conhecimento. A obra literária parte da experiência subjetiva do autor para uma relação intersubjetiva com o leitor e, posteriormente, dos leitores entre si (Dagfal, 2004).

Em linhas gerais, o vocábulo *recepção* acena a um duplo movimento de apropriação e intercâmbio de ideias. No campo dessa discussão, cabe se perguntar sobre a pertinência de transpor uma noção oriunda da literatura comparada para a História da Psicologia.

A apropriação da noção de recepção pelo campo da História da Psicologia implica, portanto, uma reflexão comparativa entre o caráter da obra literária e a obra psicológica. Cabe ressaltar, pois, três características que situam uma relação entre texto literário e escrito psicológico (Dagfal, 2004). (1) Enquanto o primeiro versa sobre a transmissão de uma experiência eminentemente estética, o segundo aborda a comunicação dos princípios de uma teoria e/ou as especificidades de uma prática. (2) Em ambos, há cânones condicionadores de afinidades e sanções que não se explicam somente pelo conteúdo do escrito, mas por uma conjuntura cultural/social que possibilita um esquema prévio que irá receber (assimilar) a ideia. A apreensão ou recusa do novo ocorre mediante as categorias conhecidas pelo contexto científico da época. (3) Existe, também, um caráter afetivo de quem recebe o conhecimento, vinculando-o a uma carência, tensão ou espera do que ele pode suprir ou oferecer em termos de respostas satisfatórias a uma dada questão.

Segundo o nosso entendimento, a noção de *recepção* é uma forma de abordar um objeto de estudo a ser versado conforme uma pesquisa histórica. Destarte, uma Psicologia pode ser apreendida, em suas manifestações, como uma teoria, um conceito, uma modalidade de serviço, um espaço de produção de conhecimento, um instrumento, uma técnica, um procedimento de pesquisa, uma abordagem clínica ou educacional etc.

O termo *recepção* refere-se à migração de uma psicologia de um local para outro em um determinado período (Dagfal, 2004). Ao ser recepcionado, essa psicologia, potencialmente, pode ser reconfigurada conforme as condições locais. Assim, o

conhecimento produzido sobre uma psicologia pode *circular* de maneira hibridizada, por meio das habilidades e compreensões daqueles que o receberam. A palavra *circulação* acena para um movimento ordenado, ou passível de ordenação, de um conjunto de conhecimentos os quais se estabelecem em um dado espaço-tempo, contando com certos agentes e eventos sociais que possibilitam o seu fluxo (Grynzspan, 2012).

No quesito da *recepção e circulação*, chama-se atenção para a análise de operações sociais diversas que proporcionam a movimentação de um conhecimento e a propagação de um pensamento. O estudo da circulação de uma psicologia complementa e adorna o estudo de sua recepção em um dado país, no que concerne ao modo como ele se difunde no local. Existem, pois, algumas operações sociais que proporcionam a recepção e a circulação de uma psicologia, propagando a suas ideias. Por exemplo, o levantamento dos periódicos que publicam artigos sobre a psicologia investigada representam fontes de informações que auxiliam o entendimento de sua recepção e circulação.

A linha de argumentação que conduz uma justificativa para utilizar a noção de recepção e circulação em pesquisas históricas em Psicologia é a de que, conforme Danziger (2006), após a Segunda-Guerra Mundial, houve um aumento do expansionismo da Psicologia dos EUA, e, acrescentamos, da Europa, para outros países da América, ocasionando a emergência de psicologias locais mais ou menos autônomas em relação a um centro de referência. Nesse processo, muitas psicologias advindas dos EUA e da Europa ofereceram, explícita e implicitamente, objetivos universais de validação do seu conhecimento, tornando-se eixos de referência centrais à condução de um pensamento psicológico. Formam-se, então, as psicologias centrais, entendidas como aquelas que produziram uma inteligência teórica e prática que marcou um

posicionamento fundamental na emergência de um conhecimento psicológico, situado geograficamente num eixo de referência à produção desse conhecimento (Danziger, 2006).

Na segunda metade do século XX, entretanto, muita psicologias se estabeleceram geograficamente à margem dessa Psicologia central (Danziger, 2006). Com efeito, esse eixo de referência produziu uma distinção entre o que é considerado central (homogêneo) e periférico ou local (heterogêneo, mas com um apoio naquilo que é central). Formam-se, pois, periféricamente aos eixos estadunidense e europeu, diversas localidades geográficas e intelectuais de Psicologia, autônomas e distintas (Brock, 2014).

Logo, a ideia de História da Psicologia utiliza-se de uma perspectiva mais global, que amplia o foco para o que acontece fora dos centros de fundação do conhecimento psicológico, dado que a Psicologia não é mera continuação desses polos (Pickren & Rutherford, 2012). Por diversas razões, em cada momento histórico, em todo lugar, o interesse de um público está mais preparado para receber certos conhecimentos psicológicos. Para Danziger (2006), isso é um fator intersubjetivo em que um horizonte de expectativas se articula em um interesse intelectual. Esta estrutura intencional caracteriza uma disciplina com objetivos próprios e interesses em comum, que podem se estender a outras disciplinas e agentes sociais, servindo também para articular os fatores intra e interdisciplinares na produção e recepção do conhecimento.

A pesquisa histórica de uma Psicologia não deve se limitar, pois, ao estudo da produção do conhecimento, mas há que considerar os instrumentos e técnicas produzidos neste campo disciplinar. Quando um autor escreve uma obra de Psicologia, ele o faz por interesses idiossincrásicos e sociais, compartilhados por uma comunidade de pares. Todo autor, entretanto, antes de tudo, é um leitor perpassado por uma fusão de

horizontes que, por um lado, intenciona honrar uma tradição e, de outra parte, a situa para frente, segundo novas discussões (Dagfal, 2004).

No esteio do pensamento de Dagfal (2004), outra categoria conceitual que interessa à História da Psicologia, inspirada em Pierre Bourdieu, refere-se ao *campo*. Este alude a uma autonomia relativa a uma comunidade científico-intelectual, que se relaciona com outros grupos e influências sociais mais gerais. Essa comunidade tem regras e rituais específicos constitutivos de um sistema relacional objetivo, com propriedades próprias e posições adquiridas, que dão valor às ideias, textos e práticas dos seus agentes, sejam estas pessoas, grupos ou escolas de pensamento.

Dentro do campo, há autoridades que acumulam um capital simbólico dotado de competência e luta por legitimidade. Esse reconhecimento somente vem dos pares que integram o mesmo terreno e, também, competem por igual acumulação de capital simbólico. A noção de campo abre, pois, um caminho para abordar a complexidade das escolas psicológicas em suas unidades e anarquismos disciplinares, pelos seus subcampos (Dagfal, 2004).

Do mesmo modo, a categoria *problemática*, postulada por Danziger (citado Dagfal, 2004), complementa o exposto. Cabe distinguir essa ideia em relação ao termo *problema*. Este é contingente e remete a uma dimensão individual e consciente daquilo que aparece como um obstáculo ou dificuldade para estabelecer um conhecimento. A problemática se remete a uma troca coletiva, de um grupo, que, por vezes inconscientemente, constitui um marco com origem no qual os problemas individuais são possíveis. Para Danziger (citado por Dagfal, 2004), as atividades que propiciam um conhecimento apenas têm lugar em um contexto de resolução de problemas que não significam invenções individuais, mas estão inseridos em uma problemática. O exame histórico da Psicologia considera, pois, seus mecanismos dialéticos de produção,

recepção e circulação. Isso é importante para verificar como um país deu conta de assimilar e elaborar um conhecimento psicológico estrangeiro.

Com efeito, a recepção e circulação de psicologias oriundas de uma *escola*<sup>4</sup> psicológica estrangeira, imersa em um *Zeitgeist*<sup>5</sup> específico, evoca, portanto, um ecletismo de ideias recebidas que, justapostas, exprime um horizonte de sentidos e expectativas radicalmente distintos de seu solo originário, pois estão situados em um novo contexto social, cultural e científico. Em tal disseminação, incorre-se um processo de *indigenização*<sup>6</sup> de psicologias que se tornam híbridas em relação ao seu país de origem e colaboram com a elaboração de uma psicologia local. Entende-se, pois, o processo de *indigenização* como um movimento em que um determinado conhecimento apropriado se torna distinto e híbrido em relação a sua matriz original (Masolo, 2009).

O termo neológico *indigenização* (*indigenization*) é utilizado por Danziger (2006) para descrever o processo de apropriação local de um dado conhecimento psicológico, em virtude das características locais de sua recepção e circulação, envolvendo o contexto social, cultural e histórico específico. Logo, a *indigenização* aponta para a “(...) construção local do conhecimento e da práxis psicológica (é preciso ter cuidado para garantir que este termo não seja usado em qualquer sentido que sugira que as psicologias nativas são de algum modo primitivas)” (Pickren & Rutherford,

---

<sup>4</sup> Urge esclarecer que o termo *escola* diz respeito a um agrupamento de pesquisadores que, malgrado expressem pensamentos distintos, compartilham um denominador comum em relação a determinado assunto (Penna, 2001).

<sup>5</sup> *Zeitgeist* significa, etimologicamente, *espírito de um tempo*. No campo da História e Epistemologia da Psicologia, o termo *Zeitgeist* alude a um contexto científico que afeta a cultura e a preocupação intelectual de um determinado período histórico (Penna, 2000).

<sup>6</sup> A apropriação do termo *indigenização*, especificamente, no Brasil, é problemática, se considerarmos as questões linguísticas e culturais envolvidas em seu emprego. Nos EUA, por exemplo, o termo é utilizado, no campo da História da Psicologia, para demarcar e salientar um processo de nativização de uma psicologia oriunda de uma migração que se hibridizou e enraizou em um dado local<sup>6</sup>. No Brasil, a palavra *indígena* é permeada por discussões sobre minorias oprimidas imersas em movimentos de lutas sociais para o reconhecimento, a manutenção e a valorização de uma cultura. É sabido que essa opressão se iniciou no período da colonização portuguesa, repercutindo até os dias atuais. Conforme foi mostrado, porém, no desenvolvimento deste estudo, não perpassamos essa discussão sobre o lugar social do índio brasileiro nem sugerimos que o leitor entenda o conceito de *indigenização* por esse viés e entaves linguístico-culturais.

2012, p. 59). A *indigenização* considera, também, a promoção daquilo que não é hegemônico segundo um país central, pois é localmente produzido e instalado no topo de seu funcionamento.

A apropriação das ideias de *centro*, *periferia*, *campo*, *problemática* e *indigenização* na noção de recepção e circulação implicam, pois, uma análise da assimilação histórica de certas psicologias que formam uma escola de pensamento (dotada de teoria e prática). Esse exame evoca uma distinção entre o que é local e importado, o que é nativo e imigrante, o que é original ou estrangeiro.

Danziger (2006) entende, ainda, que a História da Psicologia aponta para uma consciência de si que atenta para o desenvolvimento de variações do fazer profissional, mais sintonizadas com as contendas regionais do que as estrangeiras. Essa perspectiva atenta para as tradições de cada contexto. Em alguns casos, o processo de recepção e circulação promove mudanças superficiais em relação às psicologias centrais, ao passo que, noutros, envolve mudanças radicais que rompem ou reestruturam o que era central.

A recepção e circulação de psicologias alude, também, à promoção daquilo que não é hegemônico segundo um país central, pois é localmente produzido e instalado no topo de seu funcionamento. Em tal disseminação, incorre-se um processo de apropriação de psicologias que se tornam híbridas em relação a sua psicologia central e colaboram com a elaboração de um eixo de conhecimento psicológico periférico, ao serem recebidos em um dado país. Procuramos exemplificar didaticamente esse processo conforme a Figura 1, exposta em seguida.

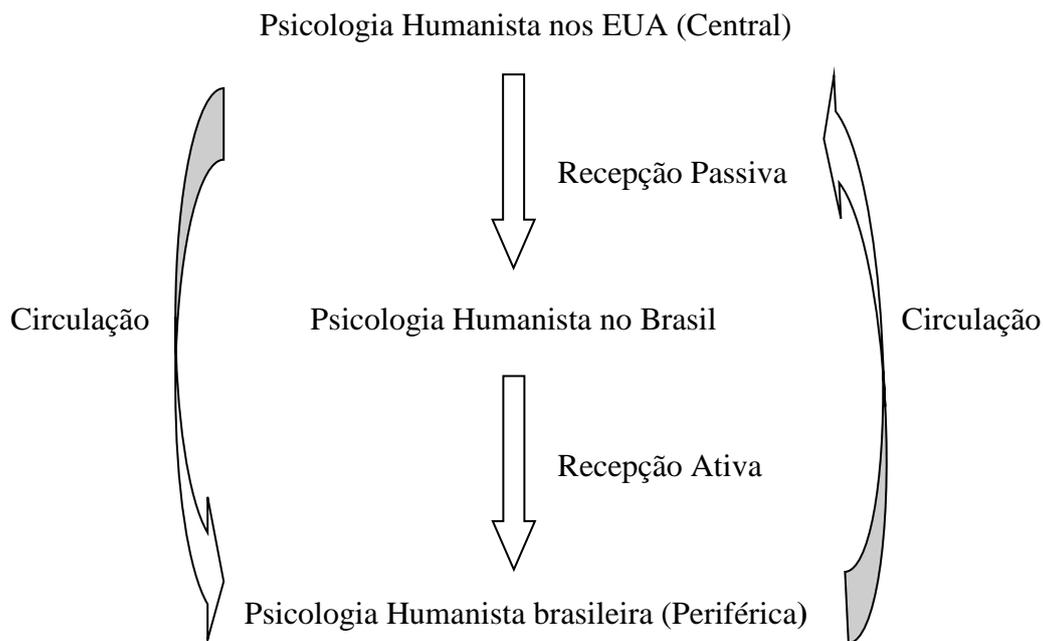


Figura 1. Exemplificação conceitual.

Utilizamos como exemplo a Psicologia Humanista que surgiu nos EUA, nos anos de 1950-1960. Houve uma recepção dos seus aportes no Brasil, que foi passiva no sentido de reproduzir os ditames dessa Psicologia; e, também, foi ativa ao se apropriar dela segundo outras perspectivas e problematizações relacionadas às contendas sociais e culturais de uma região-época, e de acordo com os interesses de alguns grupos de pesquisa. Desse processo, a Psicologia Humanista adquiriu uma expressão propriamente brasileira, a partir de suas circulações no território nacional, em suas esferas acadêmicas e extra acadêmicas.

Destarte, a noção de recepção e circulação é útil à História da Psicologia para referir aos interesses locais e suas variadas perspectivas sobre um mesmo conhecimento psicológico. Não há, pois, uma transmissão pura de conhecimento sobre uma psicologia de um local para outro, pois os interesses de cada localidade ditam e perpassam um caráter particular para tudo o que é recebido e circula em uma região. Todas as

psicologias e conhecimentos psicológicos resultam de recepções e circulações, sendo plurais e conflitantes em suas diferenças internacionais e nacionais (Burman, 2015).

Entendemos, finalmente, o processo de recepção e circulação como um movimento em que um determinado conhecimento psicológico se torna distinto e híbrido em relação a sua matriz original. No caso da Psicologia brasileira, a despeito da origem epistêmica predominantemente oriunda de vários países situados ao norte da linha do equador, como os EUA, a Alemanha, a França, a Rússia, a Inglaterra etc., existem várias teorias e práticas que se atualizaram de forma autônoma e ganharam contornos específicos que se distinguiram de sua origem.

Em suma, os conceitos mencionados, ao longo deste tópico, se articulam em características comuns, proveitosas à História da Psicologia, pois, conforme assinala Dagfal (2004): rompem com as velhas antinomias entre o social e o disciplinar, o externo e o interno; compreendem os problemas históricos em um marco transindividual e intersubjetivo; e aspiram a uma certa objetividade, não ingênuas.

### **Implicações da noção de recepção e circulação em pesquisas historiográficas em Psicologia**

Compreendemos a historiografia como uma abordagem científica de pesquisa que empreende uma (re)constituição do passado, de modo a identificar os vestígios de um dado conhecimento psicológico, para coletá-los, descrevê-los, organizá-los e analisá-los conforme uma inteligência própria do pesquisador (Campos, 1998). As principais fontes historiográficas da Ciência Psicológica se encontram em trabalhos publicados, instrumentos elaborados e práticas difundidas em centros de formação do psicólogo.

Situamos, destarte, a noção de recepção e circulação como uma ferramenta teórica-conceitual que pode oferecer apoio e inspiração para historiógrafos organizarem um entendimento próprio de coleta e análise de dados concernentes à contextualização de um conhecimento psicológico, em sua passagem de um país para outro contexto local de Psicologia.

O emprego da mencionada noção se torna importante para o estudo historiográfico da História da Psicologia, ao argumentar que existe um componente propriamente local e contextual em diversas psicologias que migram de um lugar para outro (Pickren & Rutherford, 2012). Muitas perspectivas de Psicologia não são meras conformações de um pensamento imigrante, pois é uma apropriação ativa, que inclui um âmbito de experiência a impulsionar outros horizontes de problemas, os quais estabelecem novos sentidos e formas de relação de um pensamento com o seu público.

Entendemos, pois, que o uso da noção de recepção e circulação serve como recurso teórico para estudar a História de uma corrente psicológica contemporânea e investigar as formas como esta foi legitimada em diversos locais, adentrando as condições que possibilitaram a manifestação do seu conhecimento em cada país (Cirino, Miranda & Cruz, 2012). Tal noção possibilita explorar o contexto científico-cultural, social e institucional de um país receptor, para examinar como este recebeu determinada Psicologia e refletir o modo como esse conhecimento circulou nele, apontando suas diferenças e especificidades em relação a outro país.

Para realizar uma historiografia da recepção e circulação, urge: especificar a Psicologia que será estudada e o seu período histórico; ter alguma noção do contexto (*Zeitgeist*) que possibilitou a recepção do conhecimento em voga; atentar para os agentes sociais envolvidos na recepção (visitas de expoentes internacionais e idas de pesquisadores para o Exterior), traduções e produções de textos nacionais referentes à

Psicologia estudada, eventos ocorridos etc. Por se tratar de um recurso conceitual útil a pesquisas historiográficas em Psicologia, ressaltamos que não existe um procedimento metodológico de coleta e análise de dados fechado e universal para a sua aplicação. Como toda perspectiva de pesquisa, podem existir alguns obstáculos possíveis no cumprimento desse tipo de historiografia, pois há um grande fragmento de informações distintas e dispersas em vários períodos e países fora do eixo estadunidense e europeu. A motivação para investigar materiais de acesso restrito ou difícil e em outras línguas é disposição a ser considerada no começo da pesquisa.

Ponderamos na ideia de que a possibilidade de pesquisas historiográficas em recepção e circulação suscitam várias intelecções metodológicas historiográficas. O que foi exposto aqui se afigura apenas como uma sistematização teórico-conceitual sugerida por nós. Diversos planejamentos de estudos são possíveis de tecer de acordo com a criatividade do pesquisador. Apontamos, destarte, três implicações relacionadas à apropriação da noção de recepção/circulação em pesquisas historiográficas na Psicologia.

Primeira. É uma atitude crítica concernente à oportunidade de pôr novamente em discussão aquilo que parece óbvio a uma comunidade acadêmica, ao percorrer o caminho que conduziu a difusão do conhecimento de um lugar para outro e suas incorporações locais. Nesse sentido, proporciona-se a recapitulação de algumas reflexões concernentes à historiografia da Psicologia, a saber (Hilgard, Leary & McGuire, 1998): continuidade-descontinuidade; presentismo-historicismo; internalismo-externalismo; grandes homens (expoentes)-*Zeitgeist*; história legítima-história crítica. Estes versos e reversos não são independentes uns dos outros e devem ser considerados em uma pesquisa de rigor.

Segunda. A noção de recepção e circulação abaliza um diálogo entre o eixo original de surgimento da Psicologia estudada e sua expansão para outro local, sendo possível assinalar suas (des) continuidades e hibridizações. Essa perspectiva reforça a ideia de mudança do conhecimento com origem na sua dispersão de uma cultura para outra e das condições que possibilitaram a sua apropriação; além disso, explana a existência de uma história local que não é mera extensão de um centro, pois elucida um horizonte de ideias distintas e singulares ao seu pensamento de origem.

Terceira. Como medida contra o esquecimento (Araújo, 2012b), a História da Psicologia, que se ocupa da compreensão do horizonte de recepção e circulação, longe de ser exercida como mecanismo avaliativo de um conhecimento em detrimento de outro, implica uma historiografia contextual que reconhece os elementos que há em tal propagação e apropriação, sejam eles esquecidos ou naturalizados nas contendas atuais.

### **Considerações finais**

Procuramos estabelecer uma intelecção introdutória e didática sobre os aspectos teóricos da noção de recepção e circulação e suas implicações para pesquisas em História da Psicologia. Na narrativa aqui tecida, destarte, é possível estabelecer algumas considerações relacionadas às potencialidades da aludida noção para pesquisas historiográficas no Brasil.

A primeira concerne à aceitação dos vocábulos recepção e circulação por parte do público brasileiro. Conquanto tenham sido explicados, convém salientar que essas noções surgiram nos EUA, como tentativa de historiadores da Psicologia entenderem o que está acontecendo além das terras estadunidenses, procurando historiografar e estabelecer diálogos. Essa atitude não precisa ser uma via de mão única, cabendo aos

psicólogos historiadores brasileiros utilizar tais noções, situando-as em uma linha de pesquisa maior, para estabelecer diálogos e investigações.

A segunda consiste em evidenciar uma série de características resultantes da aplicação dessa lente historiográfica, a saber: (1) todo conhecimento psicológico é contextual; (2) por vezes, é comum ocorrer um “historicídio”, uma supressão do conhecimento local em relação a uma história da Psicologia dominante; (3) todo conhecimento científico pode ocultar o contexto sociopolítico de sua produção e validação; (4) não negar a Psicologia desenvolvida em um eixo geográfico central, pois dela incorre uma variedade histórica no mundo que foi fundamental para a emergência de conhecimentos diversos; e (5) os conhecimentos psicológicos locais não são versões reduzidas do que surgiu e foi desenvolvido em uma Psicologia central.

A terceira aponta para a elaboração conjunta de várias Histórias da Psicologia no mundo, saindo da lógica hegemônica de naturalização de uma só História da Psicologia. Quantas vezes se realizar a visada historiográfica em voga, novas histórias irão surgir e adornar um conhecimento psicológico. Essa mirada permite, pois, uma orientação que vai além de somente um ponto de vista unilateral e estreito. Não se trata, portanto, de integrar a Psicologia em uma História unitária, mas reconhecer e adentrar suas histórias específicas e espalhadas em diversos contextos, abdicando de encontrar, ou especular, um plano de coerência nelas em suas recepções.

Finalmente, recomendamos que a perspectiva histórica demonstrada seja utilizada em diversas pesquisas historiográficas nos mais diversos domínios da Psicologia, com o intento de ampliar o conhecimento do contexto em que trabalhamos e estudamos. Para exemplificar o uso da noção de recepção e circulação, trazemos, em seguida, três estudos que com o emprego desses conceitos em pesquisas históricas que abordam à Psicologia Humanista de Carl Rogers.

## Referências

- Araújo, S. (2012a). Entre a história, a filosofia e a psicologia: introduzindo um campo de pesquisa interdisciplinar. Em S. Araújo (Org.). *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas* (pp. 11-14). Juiz de Fora, MG: UFJF.
- Araújo, S. (2012b). A história da psicologia como medida contra o esquecimento. Em E. Lourenço., R. Assis. & R. Campos. (Orgs.). *História da psicologia e contexto sociocultural: pesquisas contemporâneas, novas abordagens* (pp. 47-70). Belo Horizonte: PUC Minas.
- Brock, A. (2014). What is polycentric history of psychology?. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 14*(2), 646-659. Acesso em 13 de outubro de 2014, em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/12565>
- Burman, J. (2015). Neglect of the foreign invisible: historiography and the navigation of conflicting sensibilities. *History of Psychology, 18*(2), 146-169.
- Campos, R. (1998). Introdução à historiografia da psicologia. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 15-19). São Paulo: Unimarco; Loyola.
- Cirino, S., Miranda, R. & Cruz, R. (2012). The beginnings of behavior analysis laboratories in Brazil: a pedagogical view. *History of psychology, 15*(3), 263-272.
- Dagfal, A. (2004). Para una «estética de la recepción» de las ideas psicológicas. *Frenia, IV*(2), 07-16.

- Danziger, K. (2006). Universalism and indigenization in the history of modern psychology. Em A. Brock (Ed.). *Internationalizing the history of psychology* (pp. 208-225). New York: University Press.
- Grynzspan, M. (2012). Por uma sociologia histórica da recepção e da circulação de textos. *Revista de Sociologia e Política*, 20(44), 11-30. Acesso em 03 de janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v20n44/v20n44a02.pdf>
- Hilgard, E., Leary, D., & McGuire, G. (1998). A história da psicologia: um panorama de avaliação crítica. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 399-432., J. Ceschin & P. Silva, Trans.). São Paulo: Unimarco; Loyola.
- Jauss, H. (2002). *Pequeña apología de la experiencia estética* (D. Inneraty, Trad.). Barcelona: Ediciones Paídos. (Original publicado em 1972).
- Masolo, D. (2009). Filosofia e conhecimento indígena: uma perspectiva africana. Em B. Santos. & M. Meneses (Orgs.). *Epistemologias do sul* (pp. 507-530). Coimbra: Almedina; CES.
- Miranda, R. (2014). *O laboratório de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte: diálogos entre Psicologia e Educação*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 216 p.
- Penna, A. G. (2000). *Introdução à epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Penna, A. G. (2001). *Introdução à Psicologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pickren, W. (2012). Waters of march (Águas de março): circulating knowledge, transforming psychological science and practice. Em E. Lourenço., R. Assis. & R. Campos. (Orgs.). *História da psicologia e contexto sociocultural: pesquisas contemporâneas, novas abordagens* (pp. 17-46). Belo Horizonte: PUC Minas.

- Pickren, W. & Rutherford, A. (2012). Rumo a uma história global da psicologia. Em S. Araújo (Org.). *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas* (pp. 57-66., G. Castanon & S. Araújo, Trads.). Juiz de Fora, MG: UFJF.
- Santos, B. (2007). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry*. Evanston: Northwestern University Press.
- Wertheimer, M. (1998). Pesquisa histórica – Por quê?. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 21-42). São Paulo: Unimarco; Loyola.

## Estudo 2 – Relações de Carl Rogers com a Fenomenologia: análise historiográfica

### 1 Introdução

No Brasil é comum relacionar a Psicologia Humanista de Carl Rogers com a Fenomenologia. Esta filosofia parece chancelar um lugar epistêmico e histórico de influência no pensamento rogeriano, ao passo que é possível encontrarmos muitos psicólogos humanistas centrados na pessoa que utilizam diversos aportes da Fenomenologia, seja como uma pauta profícua de crítica e/ou ampliação da abordagem de Rogers (Frota, 2012), seja como uma crença, por alguns (Fonseca, 2007; Amatuzzi & Carpes, 2010), de que ele foi um psicólogo de procedência fenomenológica. O próprio Rogers (1961/1997) reconheceu uma aproximação tardia do seu pensamento com a Fenomenologia, ao passo que Herbert Spiegelberg (1972), um historiador do movimento fenomenológico, o mencionou como um representante de tal movimento na Psicologia estadunidense. Alguns autores brasileiros (Moreira, 2010a; Frota, 2012) e estrangeiros (Segrera, 2002) atentam, ainda, para um movimento pós-rogeriano da abordagem centrada na pessoa (ACP) que se desenvolve no Brasil conforme uma tendência fenomenológica. No dicionário de *vocabulários e noções básicas da ACP* (Gobbi, Missel, Justo & Holanda, 2005), por exemplo, é possível encontrar alguns termos relacionados à Fenomenologia, como *Merleau-Ponty, Husserl e Heidegger*.

Conquanto enfatizar que incorre equívoco enquadrar Rogers em uma matriz fenomenológica ou afirmar que a Fenomenologia o influenciou seja um engano (Moreira, 2010b), a existência de uma discussão sobre a relação de Rogers com a

Fenomenologia está longe de ser esgotada<sup>7</sup>. Com efeito, assumimos essa discussão com a proposta de responder a duas perguntas lançadas por Spiegelberg (1972), a saber, “O quão diferente é a Fenomenologia Rogers de suas formas tradicionais? Até que ponto ele é devedor da Fenomenologia filosófica?” (p. 149, tradução nossa).

Para tanto, objetivamos analisar as relações de Rogers com a Fenomenologia segundo uma base analítica bibliográfica inspirada pelas contribuições da História da Psicologia como uma lente compreensiva. Entendemos a História da Psicologia como uma perspectiva de pesquisa que intenta perfazer uma compreensão de como certas práticas psicológicas surgiram, desenvolveram e propagaram em um lugar, relacionando-se com o presente, em continuidades e descontinuidades. A pesquisa histórica em Psicologia possibilita, pois, uma (re)construção de sentido sobre os conhecimentos psicológicos, aprofundando a compreensão de seus aspectos internalistas (teóricos) e externalistas (por exemplo, contextos sociais, culturais e políticos) (Araújo, 2012).

Para auxiliar a (re)construção histórica da relação de Rogers com a Fenomenologia, recorreremos à noção de *recepção e circulação* (Dagfal, 2004; Danziger, 2006; Grynzspan, 2012), para investigar quais elementos dessa corrente de pensamento foram contatados e elaborados por ele, nos aspectos internalistas e externalistas da sua Psicologia Humanista. Entendemos que a noção de recepção alude a um processo de migração de um conhecimento psicológico de um local para outro. Nesse processo, ocorre uma circulação de ideias organizadas e propagadas, num espaço-tempo, em certas operações sociais, como a organização de livros, eventos acadêmicos e a publicação de artigos em periódicos. No caso da Fenomenologia, esta foi recebida nos EUA e foi apropriada pelos psicólogos da época, incluindo Rogers, segundo alguns

---

<sup>7</sup> Além dessa discussão existe outra, recorrente no Brasil, sobre as possibilidades (Moreira & Torres, 2013) e impossibilidades (DeRobertis, 1996; Goto, 2008) do desenvolvimento de uma psicoterapia pós-rogeriana inspirada pelos aportes da Fenomenologia.

entendimentos e implicações que distinguiram outro modo de pensamento/aplicação sobre ela. Em outras palavras, existem elementos de recepção e circulação da Fenomenologia na Psicologia estadunidense e na Psicologia Humanista de Rogers que implicam uma assimilação e elaboração desse conhecimento que passou a ser apropriado conforme as contendas de um contexto, que o tornou híbrido e singular em relação a sua origem.

Destarte, para cumprir com o objetivo proposto, estudando a recepção e a circulação da Fenomenologia na Psicologia rogeriana, inicialmente, delineamos o nosso plano de pesquisa, inspirado em elementos da historiografia de Joseph Brožek (1998), para investigar diversas amostras bibliográficas (obras) de Rogers. Discutimos, posteriormente, os resultados da análise dos filósofos de orientação fenomenológica, ou fenomenólogos, referenciados por Rogers. Em seguida, analisamos alguns momentos da relação de Rogers com o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense, com amparo em suas menções à Fenomenologia. Finalmente, ponderamos o tipo de relação que Rogers estabeleceu com a Fenomenologia, argumentando uma resposta aos questionamentos lançados por Spiegelberg.

## **2 Método**

Estabelecemos um plano metodológico inspirado pelos aportes da historiografia de Joseph Brožek (1998) e influenciado pela proposta de pesquisa bibliográfica elaborada por Lima e Mito (2007). Da historiografia aludida, nos inspiramos na perspectiva de que a técnica de levantamento de citações e referências a um determinado autor é um recurso útil de indicação do clima de recepção e circulação dele

em um contexto cultural. Com base nessa inspiração, implicamos<sup>8</sup> uma proposta de estudo sobre a frequência de referências e menções a filósofos de orientação fenomenológica no decorrer das obras rogerianas, para analisar a recepção de determinados fenomenólogos, de suas publicações e dos seus pensamentos na Psicologia Humanista de Carl Rogers. Nessa perspectiva, as obras de Rogers são utilizadas como fonte primária de reconstituição histórica de sua relação com a Fenomenologia e determinar a recepção e a influência desta no pensamento dele.

No primeiro momento, utilizamos uma abordagem internalista às obras de Rogers para entender a sua relação com a Fenomenologia, pela referência de filósofos com essa orientação. Como procedimento, selecionamos 20 livros publicados por Rogers, 3 entrevistas concedidas por ele, 6 artigos considerados seminais a sua abordagem (Wood et al., 2008) e 1 diálogo gravado e transcrito. Evidenciou-se o fato de que o material era heterogêneo o suficiente para representar o trabalho de Rogers em todos os momentos de sua carreira – desde a elaboração do *aconselhamento não-diretivo* (1940-1950), passando pela *terapia centrada no cliente* (1951-1963) e culminando na *abordagem centrada na pessoa* (1963-1987). Reconhecemos que não nos foi possível reunir todo o material bibliográfico publicado por Rogers, todavia consideramos que essa amostra bibliográfica foi representativa para caracterizar a (re)constituição do pensamento dele. Em cada amostra bibliográfica, foram examinadas as referências, as notas de rodapé (muitas contendo referências) e os índices, em busca de menções a filósofos de orientação fenomenológica. Nos capítulos, artigos e entrevistas que não continham esses elementos, foi feita uma análise página por página.

---

<sup>8</sup> Frisamos que *implicar* não significa replicar os mesmos procedimentos que Brožek (1998) empregou nos periódicos estadunidenses que citaram e referenciaram Wilhelm Wundt. Implicação, segundo ponderamos, consiste em realizar algo diferente, porém semelhante em alguns procedimentos, em relação às citações e referências dos fenomenólogos nas obras de Rogers. Brožek não usou a noção de *recepção* e *circulação* em suas pesquisas, no entanto articulamo-las com o plano metodológico dele.

Tais obras – entendidas aqui como amostras bibliográficas – foram lidas de acordo com a ordem cronológica de publicação da edição original. Sobre elas, utilizamos a técnica de leitura seletiva que objetiva procurar e determinar o material que interessa a pesquisa. É o momento de seleção de informações e trechos pertinentes e relevantes, além de identificar e descartar informações e dados secundários (Lima & Miotto, 2007). Ressaltamos que, durante a leitura, foram buscadas palavras-chave como, por exemplo, Fenomenologia, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice-Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre. Além deles, exercitamos uma atenção livre a qualquer nome de filósofo que pudesse aparecer durante a leitura. Nesse ponto, o reconhecimento dos nomes de uma variedade de filósofos de orientação fenomenológica foi auxiliado pelos apontamentos de Herbert Spiegelberg (1972, 1982).

Após a leitura seletiva na amostra bibliográfica, foram obtidos alguns materiais (trechos de texto e referências) considerados pertinentes para a pesquisa. Esses foram armazenados com a finalidade de ordenar e resumir informações em relação à obra de Rogers que foi lida, o número de referências a filósofos de orientação fenomenológica e observações sobre a página e o conteúdo do que foi escrito no trecho do texto. Posteriormente, organizamos-tabulamos sinteticamente esse material.

A Tabela 1, exposta em seguida, remete-se a 20 livros de Rogers. Este, ao longo de sua vida, publicou centenas de artigos em periódicos científicos, que foram, posteriormente, organizados como capítulos de livros. Além disso, Rogers manteve uma vasta produção com diversos colaboradores. Nas obras organizadas por Rogers que continham textos de outros autores, segundo os critérios de cumprimento do objetivo de nossa pesquisa, foram destacados somente os capítulos de Rogers para a coleta dos dados. Ressalvamos, entretanto, o fato de que informações sobre os seus colaboradores

que referenciaram fenomenólogos foram armazenadas para discussões em outras pesquisas.

*Tabela 1.* Filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers.

<b>Obra (Ano de publicação original/Edição consultada)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Nome(s)</b>
1. Tratamento clínico da criança problema (1939/1978)	-	
2. Psicoterapia e consulta psicológica (1942/2005)	-	
3. Manual de Counseling (1946/2000)	-	
4. Terapia centrada no cliente (1951/1992)	-	
5. Psychotherapy and personality change (1954)	-	
6. Psicoterapia e Relações Humanas Volume 1 (1959/1977)	-	
7. Tornar-se Pessoa (1961/1997)	-	
8. Psicoterapia e Relações Humanas Volume 2 (1962/1977)	-	
9. De pessoa para pessoa: o problema de ser humano (1967/1976)	1	José Ortega y Gasset
10. The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics (1967)	-	
11. O homem e a ciência do homem (1968/1973)	-	
12. Liberdade de aprender (1969/1979)	1	Paul Tillich
13. Grupos de Encontro (1970/2002)	-	
14. Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas (1972/1977)	1	Simone de Beauvoir
15. Um jeito de ser (1980/1983)	-	
16. A pessoa como centro (1980/1977)	-	
17. Sobre o poder pessoal (1977/2001)	-	
18. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa (1983)	-	
19. Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa (1987/2004)	-	
20. Liberdade de aprender em nossa década (1983/1985)	2	Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty
<b>Total</b>	<b>5</b>	

A segunda tabela alude às entrevistas feitas com Rogers. Pré-selecionamos duas delas traduzidas para o português, e uma ainda sem tradução. Destacamos a conversa de Rogers com Richard Evans, psicólogo que fez um trabalho pioneiro de entrevista com diversos expoentes da Psicologia para entender o desenvolvimento deste saber no século XX, e a entrevista de Rogers concedida a Willard Frick, que compreendeu a Psicologia Humanista e a sua assunção com suporte nos relatos de alguns dos seus expoentes. A

entrevista (auto)biográfica que David Russell fez com Rogers, também, demonstrou-se material imprescindível a nossa pesquisa.

Tabela 2. Filósofos de orientação fenomenológica referenciados nas entrevistas com Carl Rogers

<b>Obra (Ano de publicação original/Edição consultada)</b>	<b>Frequência</b>	<b>Nome</b>
1. <i>Psicologia humanista: entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers</i> , de Willard Frick (1971/1975)	-	
2. <i>Carl Rogers: o homem e suas ideias</i> , de Richard Evans (1975/1979)	-	
3. <i>Carl Rogers the quiet revolutionary: an oral history</i> , de Carl Rogers e David Russell (2002) <sup>9</sup>	1	Paul Tillich
Total	1	

Constituíram material de análise os seis artigos considerados seminais à Psicologia Humanista de Rogers, no livro intitulado *Abordagem Centrada na Pessoa*, organizado por John Wood et al. (2008), com a primeira edição publicada em 1994. Nesse livro constam seis artigos de Carl Rogers, publicados em revistas estadunidenses, de 1946 a 1963, e traduzidos para o português brasileiro, a saber: *Aspectos significativos da terapia centrada no cliente* (1946), *Algumas observações sobre a organização da personalidade* (1947), *Pessoa ou ciência? Uma questão filosófica* (1953), *As condições necessárias e suficientes para mudança terapêutica na personalidade* (1957), *A equação do processo da terapia* (1961), *Conceito de pessoa em funcionamento pleno* (1963). Na análise de todos esses artigos, constatamos a inexistência de menções a filósofos de orientação fenomenológica.

Frisamos que o diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich (1965/2008), também, foi analisado como uma amostra bibliográfica à parte dos livros, artigos e entrevistas tabelados. Como uma conversa transcrita, o texto foi lido na íntegra utilizando a técnica

<sup>9</sup> Por ser uma entrevista transcrita sem citações ou referências, analisamos o índice do livro e o seu texto.

de leitura seletiva para buscar menções à Fenomenologia ou a alguma discussão do tipo. Consideramos que o contato e o diálogo, em 1965, de Rogers com Tillich, um filósofo e teólogo de influências fenomenológicas e ontológicas (Spiegelberg, 1982; Goto, 2004), constituiu um caso de análise especial, que foi incluído na discussão sobre as suas referências.

A organização dessas informações, em suma, nos possibilitou visitar e aprofundar as obras de Rogers que contêm referências a filósofos de orientação fenomenológica. Nessas obras, utilizamos a técnica de leitura interpretativa que

(...) tem por objetivo relacionar as ideias expressas na obra com o problema para o qual se busca resposta. Implica na interpretação das ideias do autor, acompanhada de uma interrelação destas com o propósito do pesquisador. Requer um exercício de associação de ideias, transferência de situações, comparação de propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar (Lima & Miotto, 2007, p. 41).

Consideramos que esse plano metodológico pareceu ser o mais indicado para iniciar o aprofundamento de nosso objetivo, pelo argumento de que essa lógica de pesquisa possui um amplo alcance de análises de informações bibliográficas que organiza dados dispersos em diversas publicações de Rogers, além de possibilitar que se amplie ou (re)constitua a relação dele com a Fenomenologia e o que desta foi recebida por ele. As discussões desses resultados estão no tópico *Análise I: sobre os filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers*.

Ressaltamos, contudo, que durante a etapa de leitura seletiva e organização das obras de Rogers, foi possível observar algumas menções dele à Fenomenologia em

diversos momentos de sua carreira. Estas não se focavam em algum fenomenólogo, em específico, mas na Fenomenologia de um modo geral. Percebemos, assim, a necessidade de outra perspectiva que articulasse essa visada internalista a Rogers com uma perspectiva externalista ao seu contexto de recepção e circulação de ideias sobre a Fenomenologia que se constituía na Psicologia estadunidense, de modo a entender o tipo de relação que Rogers estabeleceu com ela ao longo de sua carreira.

Apontamos, destarte, que a nossa análise se encaminhou para os seguintes momentos da relação de Rogers com a Fenomenologia, a saber: (1) a mudança da noção de *campo perceptual* para *campo fenomenológico*, nos anos de 1947 a 1951, com base nas influências dos psicólogos estadunidenses Donald Snygg e Arthur Combs; (2) a orientação de dois doutorandos europeus, nos anos de 1950, Max Pagès e Eugene Gendlin, que possuíam influências da Fenomenologia; (3) a participação de Rogers, em 1958, na banca de doutorado de Adrian van Kaam, o criador do método fenomenológico empírico, e na sua posterior supervisão de pós-doutorado na Universidade de Chicago; (4) a revisão do livro sob a organização por Rollo May, *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology* (1958), e a publicação de sua resenha, em 1958, na revista *Contemporary Psychology*, além da participação em outro livro organizado por May, intitulado *Existential Psychology* (1960); (5) a colaboração de Rogers em duas obras pioneiras à Psicologia de inspiração fenomenológica estadunidense, *The phenomenological problem* (1959) e *Behaviorism and Phenomenology: contrasting bases for modern psychology* (1964); (6) a estada no Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento, na década de 1960, que proporcionou diversas discussões sobre o paradigma fenomenológico de ciência; (7) a alusão de uma pesquisa fenomenológica feita em um *Workshop*, publicada no livro *Encountering Groups* (1970). Todos esses momentos estão descritos e analisados em subtópicos disponíveis no tópico *Análise II*:

*as relações de Carl Rogers com a Fenomenologia na Psicologia estadunidense.*

Apresentamos, finalmente, as duas análises a seguir.

### **3 Análise I: filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers**

Com base no levantamento dos filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers, ao longo das obras consultadas nas Tabelas 1 e 2, podemos elaborar a terceira tabela, mais sintética, que inspira algumas análises em relação aos autores referenciados por Rogers.

Tabela 3. Obras de filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers

<b>Livro de Rogers (Ano de publicação original/Edição consultada)</b>	<b>Filósofo citado</b>	<b>Obra referenciada por Rogers</b>
De pessoa para pessoa: o problema de ser humano (1967/1976)	José Ortega y Gasset	The modern theme
Liberdade de aprender (1969/1979)	Paul Tillich	The courage to be
Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas (1972/1977)	Simone de Beauvoir	The second sex
Liberdade de aprender em nossa década (1983/1985)	Martin Heidegger	What is called think?
Liberdade de aprender em nossa década (1983/1985)	Maurice Merleau-Ponty	Phenomenology of perception
Carl Rogers the quiet revolutionary: an oral history, de Carl Rogers e David Russell (2002)	Paul Tillich	Rogers não menciona nenhum livro de Tillich, mas cita o diálogo ocorrido em 1965.
Total	6	

Em relação à referência de José Ortega y Gasset, Rogers (1967/1976), ao apresentar o tópico *A respeito de bibliografias*, ressalta que o livro está organizado de um modo atípico e anárquico, no que concerne às citações e referências omitidas do

texto. A única exceção é o capítulo de Van Dusen que foi publicado como artigo em uma revista. No tópico seguinte, intitulado *Algumas leituras correlatas*, Rogers (1967/1976) exprime uma lista de referências que lhe foram úteis a compreender os outros e o problema de ser humano. Em suas palavras, “Estes trabalhos me ajudaram. Contudo, não considero qualquer destes livros – ou qualquer livro – como necessário” (p. 323). De certa forma, pode-se pressupor que essas referências foram indicadas por Carl Rogers e pelos colaboradores do livro, Barry Stevens, Eugene Gendlin, Wilson Van Dusen e John Schlien. Não sabemos ao certo se a referência de Ortega y Gasset partiu de Rogers. Além disso, Rogers parece não dar muita substância a esse filósofo como uma influência da sua Psicologia.

No que concerne à referência de Simone de Beauvoir, Rogers (1972/1977b) menciona a filósofa em uma parte final do livro, intitulada *Uma bibliografia anotada para futuras pesquisas*. Rogers (1972/1977b) descreve essa parte como uma ajuda para os leitores interessados em aprofundar os terrenos específicos ao casamento, divórcio, dificuldades sexuais, diversos relacionamentos conjugais, problemas conjugais e educacionais dos filhos etc. Ressaltamos, todavia, que essa bibliografia anotada para futuras pesquisas, não foi elaborada por Rogers, mas por uma amiga sua, conforme podemos notar na seguinte citação dele.

Muitos leitores não de querer aprofundar-se em terrenos específicos. Por esse motivo pedi à minha amiga, extremamente lida, a Dr<sup>a</sup> Alice Elliott, que preparasse a seguinte bibliografia anotada, à qual acrescentei alguns títulos. Acredito que dessa lista (e das breves descrições, cuidadosamente escritas) o leitor possa escolher não somente os tópicos que gostaria de continuar versando, mas também o nível de leveza ou de peso da sua leitura. Duvido que encontre

muitas respostas, mas o seu pensamento será, sem dúvida, enriquecido (...). Aos livros, acrescentei filmes e *cassetes* gravadas, relacionadas com esses tópicos (Rogers, 1972/1977b, p. 219, grifo do autor).

Na descrição da obra de Beauvoir, *The second sex*, Rogers (1972/1977b) escreve:

*The Patriarchal Times afirma que essa famosa mulher francesa acredita que a vida em nossa cultura ocidental obriga as mulheres a assumir um lugar secundário na sociedade. Isto se faz pela tradição social e pela educação, controladas pelos homens. Enquanto tais condições não se alterarem, a mulher não poderá ocupar o lugar que lhe cabe por direito na sociedade com um sentido de dignidade humana e é relegada à dependência e à subserviência. Livro que se lê e compreende com facilidade. Trata-se de um clássico do campo* (p. 221, grifos do autor).

Observamos que Rogers aproveitou uma resenha de jornal para sugerir a obra de Beauvoir, além desta, provavelmente, ter sido incluída na bibliografia para futuras pesquisas por sua amiga, Alice Elliott. Isso enfraquece o argumento de que o pensamento fenomenológico de Beauvoir tenha exercido influência no pensamento rogeriano.

Sobre a referência de Rogers à obra *The courage to be*, de Paul Tillich, cumpre frisar que ela está referenciada por Rogers (1969/1979) em um bibliografia preparada, novamente, por Alice Elliot, para estimular o leitor a “(...) ir mais longe em suas

investigações” (p.319). Com a curiosidade de saber quem foi Alice Elliott, encontramos, no mesmo texto de Rogers (1969/1979), a seguinte explanação sobre ela.

*A senhorita Elliot leciona no curso secundário e é também professora de professores em curso de doutoramento em comunicação. Está, portanto, bem aparelhada para oferecer sugestões ao nível tanto da educação popular quanto magisterial. É uma das pessoas mais amplamente lidas que eu conheço (...). Por essas razões, creio que a seleção feita por ela – dentre centenas de volumes – de leituras altamente relevantes, dará a educadores e a leigos a oportunidade de buscar seus interesses além dos limites desse livro (p. 319, grifos do autor).*

Apesar das indicações de referências não procederem diretamente de Rogers, este exprime, supostamente, ter lido o livro de Tillich, antes do diálogo que ambos expuseram em 1965, em um estúdio de rádio e televisão da Faculdade Estadual de São Diego – Califórnia. Nesse diálogo, é possível perceber certa familiaridade de Rogers com o pensamento de Tillich, dado que foi o psicólogo que incensou a discussão com o filósofo, apontando-lhe um interesse sobre o conceito de *demônico* (Rogers & Tillich, 1989/2008). Ambos discutiram sobre o problema da natureza humana, a liberdade, a auto aceitação, a relação com Deus, a pessoa, as relações e a questão dos valores. Há uma menção de Tillich a Jean-Paul Sartre, mas em nenhum momento o diálogo pondera algo sobre a Fenomenologia. Em uma entrevista concedida a David Russell, Rogers relembra o seu encontro com Tillich naquela ocasião e observa sua dificuldade em engajar Tillich em um diálogo, em virtude do seu comportamento fechado e germânico. Rogers ressalva, ainda, que não estudou a Filosofia de Tillich, mas que durante a conversa seus pensamentos convergiram em muitos pontos (Rogers & Russell, 2002).

Destarte, a Filosofia de Tillich não parece ter sido influente ao pensamento de Rogers em algum momento de sua carreira.

Na obra *Liberdade de Aprender em nossa década*, Rogers (1983/1985a) cita diretamente grande parte de um relatório, escrito por Hugh Gunnison e Peter Ladd, sobre a implementação de um programa de educação de professores em St. Lawrence. Nesse relatório, é possível observar uma alusão à ideia de que esse programa tem uma orientação fenomenológica e da tradição das artes liberais (Rogers, 1983/1985a, p. 174-175). Há, ainda, uma menção à experiência de ensino como uma “ingenuidade disciplinada” (p. 178), referindo-se à obra *Phenomenology of perception*, de Maurice Merleau-Ponty. O livro de Merleau-Ponty está referenciado no final do capítulo de Rogers, entretanto, no corpo do texto, a menção de Merleau-Ponty ocorre em nível de um *apud* (autor citado por outro autor) ao relatório de Gunnison e Ladd. Observamos que no índice disposto ao final do livro não consta o nome de Merleau-Ponty. Com efeito, não se pode constatar que Rogers leu diretamente a obra de Merleau-Ponty, pressupondo-se que este não exerceu influências diretas em seu pensamento.

Ainda na mesma obra, Rogers (1983/1985a) cita e referencia o livro de Martin Heidegger, *What is called think?*, para estabelecer a definição heideggeriana de ensino – indutora a sua reflexão. Embora extensa, a reproduzimos.

Ensinar é ainda mais difícil do que aprender (...) e por que assim é? Não porque o professor tem que possuir um estoque mais amplo de informações, e tê-lo sempre à mão. Ensinar é mais difícil do que aprender, porque o que o ensino exige é o seguinte: deixar aprender. O verdadeiro professor, em verdade, não deixa que nada mais seja aprendido, a não ser a aprendizagem. A conduta dele, portanto, amiúde, produz a impressão de que nós, propriamente falando, nada

aprendemos dele, se é que, por ‘aprender’, repentinamente entendemos apenas a obtenção de informações úteis. O professor acha-se à frente de seus estudantes somente nisso: que ele ainda tem muito mais a aprender do que eles – ele tem de aprender a deixá-los aprender. O professor tem de ser capaz de ser mais lecionável que os aprendizes. O professor acha-se muito menos certo do terreno em que pisa do que aqueles que aprendem estão do deles. Dessa maneira, se a relação entre o mestre e o que aprende é genuína, nunca existirá lugar nela para a autoridade do sabichão ou predominância autoritária do funcionário. Portanto, ainda constitui algo exaltante tornar-se um mestre – o que é algo inteiramente diferente de tornar-se um professor famoso (Heidegger citado por Rogers, 1983/1985a, p. 27).

Rogers concorda, pois, com o pensamento de Heidegger e acentua sua posição de que cabe ao professor ensinar o estudante a aprender, fomentando isso com criatividade e amor. Segundo Rogers (1983/1985a), essa é a ideia central do seu livro. Nota-se que, diferentemente de Merleau-Ponty, o nome de Heidegger está disponível no índice do livro de Rogers (1983/1985a). Percebemos que Rogers contata uma obra de Heidegger, todavia não com a intenção de aprofundar algum aporte fenomenológico, e sim recortar uma ideia de ensino e demonstrar que ela não é recente, possuindo raízes anteriores, datadas nas conferências ministradas por Heidegger, nos anos 1950. Rogers acena que pretende atualizar essa ideia na situação presente. Destarte, é possível inferir que Rogers não se influencia pela Fenomenologia e Ontologia heideggerianas, mas recorta um pensamento de Heidegger para iniciar uma discussão sobre novas formas de incitar a aprendizagem e mostrar o seu método educacional centrado no aluno e suas aprendizagens significativas.

Consideramos que a obra *Liberdade de aprender em nossa década* (Rogers, 1983/1985a) é a que mais exprime menções a filósofos de orientação fenomenológica. Deveras, dos filósofos analisados, Heidegger é o único que traz uma referência mais consistente e direta no trabalho de Rogers. Apesar disso, não é possível afirmar que Heidegger foi influente à psicoterapia ou à educação rogeriana. Curiosamente, todos os filósofos analisados foram referenciados por Rogers desde 1967, momento em que ele estava aposentado da universidade e desenvolvendo a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) na Califórnia. Rogers não exercia mais a clínica, pois se interessava em ampliar a sua perspectiva em outros campos, como a educação, a facilitação de grupos e as relações interpessoais (como as de matrimônio).

Essa análise bibliográfica sobre os fenomenólogos referenciados por Rogers oferece, pois, uma base inicial para refletir a relação dele com a Fenomenologia no âmbito filosófico. Consideramos que essas referências são insuficientes para pressupor que a abordagem de Rogers é fenomenológica ou que ele é um fenomenólogo. É fato, contudo, que Rogers estabeleceu uma relação com a Fenomenologia, não por influência direta dessa filosofia, mas pelo contato com alguns psicólogos que tinham alguma influência dela. A relação de Rogers com a Fenomenologia que foi recebida e circulou na Psicologia estadunidense é alvo da segunda análise empreendida por nós.

Ressaltamos – a modo de esclarecimento ao leitor – que as filosofias de Søren Kierkegaard e Martin Buber, bastante citadas e referenciadas por Rogers, não entraram na análise por considerarmos que esses filósofos não procedem de uma Filosofia fenomenológica. Em específico, a Filosofia de Kierkegaard é anterior à assunção da Fenomenologia, no início do século XX; enquanto a Filosofia buberiana, embora contemporânea à Fenomenologia, é desprovida de uma influência metodológica desta perspectiva. Os pensamentos de Kierkegaard e Buber meneiam para uma posição

existencialista que, conquanto filosófica, não utiliza o método fenomenológico de Edmund Husserl ou foi inspirada por algum pensamento dos seus seguidores. São comuns, entretanto, alguns pensadores brasileiros se inspirarem nessas filosofias existenciais em complemento à proposta fenomenológica (Valls, 2012), trazendo implicações para a clínica (Luczinski & Ancona-Lopez, 2010). Apontamos, finalmente, que é possível aprofundarmos as relações de Rogers com Buber e Kierkegaard em trabalhos já publicados (Holanda, 1998; Vieira & Pinheiro, 2011).

#### **4 Análise II: relações de Carl Rogers com a Fenomenologia na Psicologia estadunidense**

Essa visada situa, dentro de uma progressão temporal mostrada de forma didática, a relação de Carl Rogers com a Fenomenologia que se estabelecia na Psicologia estadunidense de sua época. Conforme Spiegelberg (1972), houve uma propagação do movimento fenomenológico, nos EUA, em especial na Psicologia. Ressaltamos que essa etapa de análise não se concentrou mais na relação de Roger com a Filosofia fenomenológica, mas com a recepção e circulação da Fenomenologia na Psicologia estadunidense. Essa etapa, em suma, apresenta o pano de fundo (*background*) das ideias que Rogers indicou sobre a Fenomenologia, ao longo de suas obras investigadas. Consideramos que essa etapa analítica aprofunda uma perspectiva histórica que articula os aspectos internalistas à Psicologia de Rogers com os aspectos externalistas circunscritos ao contexto de circulação de ideias psicológicas sobre a Fenomenologia que Rogers contactou nos anos de 1940-1960.

##### ***4.1 Relação de Carl Rogers com Donald Snygg e Arthur Combs, nos anos de 1940-1950***

Alguns trabalhos (Spiegelberg, 1972; Gomes, Holanda & Gauer, 2004; Moreira, 2010b) apontam que existe uma aproximação da teoria de Carl Rogers com a Fenomenologia, desde a elaboração do conceito de campo fenomenológico ou fenomenal (*phenomenological field*), procedente de Donald Snygg e Arthur Combs.

Snygg, em 1941, publicou na *Psychological Review* o artigo intitulado *The need for a phenomenological system of psychology*. Isso o tornou conhecido como um dos psicólogos pioneiros na constituição do movimento fenomenológico nos EUA (Spiegelberg, 1972). Snygg estudou Psicologia da *Gestalt* com Wolfgang Köhler na Alemanha, em 1929. Nesse estudo, Snygg enfatizou a importância do campo perceptual para o comportamento, ao elaborar uma distinção entre o que é um ambiente geográfico e um ambiente psicológico e da influência de ambos no comportamento. O termo *fenomenológico*, no entanto, somente foi integrado ao vocábulo *campo*, após o seu doutorado, em 1935, na Universidade de Toronto, onde o seu orientador, William Line, sugeriu o uso dessa palavra para mencionar um quadro de referência central que organiza a percepção, o comportamento e a motivação humanos. Observamos que a proposta de Snygg não deriva diretamente de uma Filosofia fenomenológica, mas há certa influência indireta dela pela Psicologia de Köhler, para repensar uma perspectiva alternativa à Psicologia Comportamental da época (Spiegelberg, 1972).

No texto mencionado, Snygg argumenta que uma abordagem fenomenológica na Psicologia deve consistir, primariamente, na exploração do campo fenomenológico da pessoa como fonte de constituição da sua personalidade. Para Snygg (1941/1959), o comportamento é determinado pelo campo fenomenológico, um conjunto de percepções que ela tem do organismo e de sua relação com o ambiente. Essas percepções

constituem o *self* e orientam o comportamento de alguém em sua relação com o mundo. Em 1945, Snygg começou a trabalhar com Combs, um ex-doutorando de Rogers.

Durante uma conferência proferida na ocasião no final do seu mandato de presidência na Associação Americana de Psicologia, em 1947, Rogers, inspirado pelos estudos sobre personalidade que se desenvolviam nos EUA, nos anos de 1930-1940, citou e referenciou um estudo de Snygg e Combs no prelo e um artigo de Snygg, sobre um experimento com ratos. Essa palestra foi transcrita, sob o título de *Some Observations on the organization of personality*<sup>10</sup>, e publicada, no mesmo ano, na revista *The American Psychologist*. Nesse texto, Rogers (1947/2008) usa em abundância a dicção *campo perceptual* como fonte de organização da personalidade e da percepção da realidade que conduzem o comportamento. Utilizando exemplos clínicos que demonstram tal relação e como esta afeta processos de ajustamento, Rogers argumenta que a mudança do *campo perceptual* é a chave clínica para promover uma mudança de personalidade e possibilitar comportamentos mais ajustados aos atributos psicológicos do cliente. É possível, contudo, observar em Rogers a posterior mudança de nomenclatura de *campo perceptual* para *campo fenomenológico*.

Inspirado pelo conceito snyggiano de campo fenomenológico, Combs publicou o artigo intitulado *Phenomenological concepts in nondirective therapy*, em 1948, no *Journal of Consulting Psychology*. Nesse artigo, Combs (1948) indica que o termo *não-diretivo* é sinônimo ou equivalente a *fenomenológico*. Possivelmente esse artigo, somado às leituras de Rogers a Snygg, ocasionou tal mudança de nomenclatura no conceito. Em 1951, Rogers publicou o livro *Client-Centered Therapy* em que, no último capítulo, elabora uma teoria da personalidade e do comportamento. Nessa teoria, sobretudo nas quatro primeiras proposições sobre a estruturação da personalidade, é

---

<sup>10</sup> Indicamos que existe tradução desse texto para o português em um livro organizado por John Wood et al. (2008).

possível encontrar menções e referência ao trabalho de Snygg e Combs, agora publicado como *Individual Behavior: a new frame of reference for psychology* (1948). No livro de Rogers (1951/1992) existem diversas menções à expressão *campo fenomenológico*, indicando-o como sinônima de campo perceptual ou campo experiencial.

Destarte, torna-se evidente a influência do conceito de campo fenomenológico, elaborado por Snygg e desenvolvido em parceria com Combs, sobre a Psicologia clínica de Rogers. Este contatou esse conceito e o elaborou conforme uma teoria da personalidade, indo além de uma perspectiva de Psicologia experimental desenvolvida por Snygg e, de certa forma, colaborando com a proposta de um sistema de compreensão fenomenológico na Psicologia.

#### ***4.2 Contato de Carl Rogers, na década de 1950, com dois estudantes europeus que tinham influências da Fenomenologia: Max Pagès e Eugene Gendlin***

Em uma entrevista concedida a Edwin Boring e a Gardner Lindzey, em 1967, Carl Rogers pondera sobre a sua relação tardia e incidental com o pensamento fenomenológico. Em suas palavras:

Fiquei surpreso de constatar, por volta de 1951 (a data de publicação de *Terapia Centrada no Cliente*), que a direção do meu pensamento e os aspectos centrais de meu trabalho terapêutico poderiam ser acertadamente classificados como existenciais e fenomenológicos. Parece estranho que um psicólogo americano possa se encontrar em estranha companhia. Hoje essas influências são significantes para a nossa profissão (Rogers citado por Spiegelberg, 1972, p. 156, grifos do autor, tradução nossa).

Rogers (1961/1997) credita esses apontamentos filosóficos aos seus alunos da Universidade de Chicago. Quem foram, porém, esses alunos? Inferimos que, pela data enunciada, Max Pagès, possivelmente, foi um deles. Após terminar a graduação em Psicologia no Instituto Nacional de Orientação Profissional, na Universidade de Sorbonne, Pagès migrou para os EUA com o intento de estudar aconselhamento psicológico e psicoterapia com Rogers. Versado em Filosofia e em Sociologia, Pagès (1955/1976a) ressalta que durante a sua estada, em 1951, na Universidade de Chicago, percebeu em Rogers uma Fenomenologia prática. Segundo o autor, “Ao mesmo tempo Rogers quer fazer, a todo o momento, uma síntese entre o método fenomenológico do clínico e o método científico” (p. 08). Após se doutorar em Filosofia e Letras, Pagès retornou para a França, onde se tornou professor de Psicologia Social na Universidade de Paris-Dauphine.

Apesar disso, Pagès (1955/1976a) critica o pensamento rogeriano como possuidor de várias lacunas decorrentes do individualismo de sua clínica. Para ele, pensar uma abordagem fenomenológica de Rogers implica apontar um aspecto sociológico que convém à superação desse individualismo. Por isso, o trabalho de Pagès (1975/1976b) se direciona para uma proposta de trabalho grupal e Psicologia Social influenciada pela orientação não diretiva elaborada por Rogers. Tal proposta estabelece um diálogo da teoria rogeriana com os aportes das fenomenologias de Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Em especial, Rogers (1959/1977a) cita o trabalho de Pagès, *Orientação não diretiva em psicoterapia e psicologia social* (1955), que contém essa discussão e crítica. Ou seja, Rogers contactou o pensamento de Pagès e este, possivelmente, foi um dos alunos que lhe indicaram o direcionamento fenomenológico e existencial de seu pensamento. Curioso é notar que Rogers (1970/2002, 1977/2001),

nos anos de 1960-1970, passou a se preocupar com os fenômenos grupais e a repercussão social do seu trabalho.

Outro estudante de Rogers que, com certeza, o influenciou em relação ao pensamento fenomenológico foi Eugene Gendlin, filósofo austríaco que se interessou pela psicoterapia centrada no cliente e migrou para Chicago para iniciar, em 1952, o doutorado. Sob a orientação de Rogers, a tese de Gendlin, *The function of experiencing in symbolization*, defendida em 1958, consistiu na elaboração de uma escala de processos experienciais na clínica para auxiliar intervenções psicoterapêuticas. Para isso, Gendlin cunhou o conceito de *experienciação* em substituição ao conceito rogeriano de experiência. Posteriormente, em 1962, Gendlin publicou os resultados de suas pesquisas no livro *Experiencing and the creation of meaning: a philosophical and psychological approach to the subjective*.

Influenciado pelos aportes fenomenológicos de Edmund Husserl, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, Gendlin (1962) entendeu a *experienciação* como um processo contínuo de conhecimento interno que produz sentidos. Trata-se de focar os processos de sentir algo em um presente imediato que é de origem orgânica e pré-conceitual. Ao se voltar para o que sente, a pessoa pode elaborar um sentido que se refere, em termos simbólicos, a sua vivência direta de algo. Toda experiência direta tem um caráter pré-conceitual contendo um significado implícito que pode ser acessado desde que contactado no presente imediato.

No que concerne à fundamentação do conceito de *experienciação*, de Husserl, Gendlin (1962) se inspirou na ideia de que todo conhecimento tem um componente pré-predicativo (intuitivo) de mundo, sem palavras; de Sartre, Gendlin (1962) alude à plenitude de um sentido implícito; e de Merleau-Ponty Gendlin (1962) se apropria da essência da emoção como fonte constituinte da nossa experiência de significação do

mundo – a emoção tem mais primazia de conhecimento direto de mundo do que a imaginação e o pensamento.

Gendlin tinha o projeto de fazer uma ponte entre a Filosofia fenomenológica e a psicoterapia de Rogers. Em uma carta dirigida a Herbert Spiegelberg, em 09 de abril de 1970, Gendlin especifica suas intenções sobre Rogers. Em suas palavras:

O problema básico de Rogers em *Terapia Centrada no Cliente* [1951] e depois (...) em Sigmund Koch, ed, *Psychology: a study of a Science* (Vol. 3, p 184 f.) [1959], foi como pensar e medir a congruência entre o *self* e o organismo, os conceitos básicos de sua teoria. Se o conceito básico era a congruência ou a divergência entre o organismo e o *self*, como se poderia falar fenomenologicamente sobre isso? Rogers já tinha o desejo de prosseguir fenomenologicamente, mas lhe parecia impossível falar fenomenologicamente da congruência entre o que se estaria consciente e o, que por definição, não se tinha conhecimento. Ele se sentia preso a uma concepção basicamente não fenomenológica. Ele queria ser fenomenológico, mas não foi. Minha contribuição foi formular a sua teoria ao longo de linhas fenomenológicas... Ao invés de ver a congruência como uma comparação entre os conteúdos da consciência e o teor do organismo, eu reformulei isso como uma maneira de experienciar um processo, consciente e observável. (Gendlin citado por Spiegelberg, 1972, p. 154, grifos do autor, tradução nossa).

Rogers (1961/1997, 1967/1976, 1967, 1969/1979, 1983/1985a) cita e referencia em abundância o trabalho de Gendlin (1962) e o seu conceito de *experienciação* para acenar uma base experiencial de conhecimento direto e implícito de mundo, de onde

emergem o conhecimento e o sentido. Curiosamente, apenas há um texto em que Rogers (1964), ao comentar sobre a Fenomenologia, refere-se à Gendlin, para discutir a existência de uma base pré-conceitual da experiência como fonte de conhecimento subjetivo, indicando-a como um conceito de origem fenomenológica. Nos anos de 1960, Gendlin se tornou professor na Universidade de Chicago desenvolvendo uma nova abordagem humanista experiencial chamada *Focalização*.

Com efeito, a influência fenomenológica de Gendlin sobre Rogers é mais patente do que a de Pagès. Outros estudantes de influência fenomenológica podem ter contactado Rogers, nos anos de 1950 em diante, todavia procuramos nos aproximar das influências que se iniciaram próximas ao ano de 1951, na Universidade de Chicago. Consideramos que os aportes de Pagès e Gendlin tinham base mais filosófica europeia do que as influências de Donald Snygg e Arthur Combs em Rogers, nos anos de 1940.

#### ***4.3 Relação de Carl Rogers com Adrian van Kaam, na década de 1950***

Existem no Brasil poucas menções sobre a relação de Carl Rogers com Adrian van Kaam (Castelo-Branco, 2014). Este é mais reconhecido por ter iniciado e encabeçado as contribuições da Universidade de Duquesne na composição de uma perspectiva de fenomenologia empírica, elaborando um método de pesquisa qualitativa compreensiva a diversos tipos de experiências (Gomes, Holanda & Gauer, 2004). A tradição de pesquisa fenomenológica empírica iniciada por van Kaam, segundo Gomes (1997), foi reconhecida por Rogers como uma inovadora perspectiva de investigação em Psicologia Humanista.

Van Kaam foi um pastor holandês que se interessou pela Filosofia e Teologia cristã. Após alguns acontecimentos na Segunda Guerra Mundial, ele se voltou para a

prática de aconselhamento como uma possibilidade de oferecer consolo às vítimas da ocupação alemã na Holanda. Dessa experiência veio o seu interesse pela Psicologia e pela Antropologia Filosófica, de onde se influenciou pelas fenomenologias de Jacques de Maritan, Max Scheler, Gabriel Marcel e Karol Wojtyla (posteriormente nomeado Papa João Paulo II). Em 1952, durante um trabalho em Paris, van Kaam recebeu o convite de Vernon Gallagher, presidente da Universidade de Duquesne, em *Pittsburgh*, para ingressar na Faculdade de Psicologia (Burston, 2008; Muto & Martin, 2009). Van Kaam, no entanto, deveria fazer uma transição formacional da Teologia à Psicologia.

Ao se mudar para os EUA, em 1954, van Kaam iniciou um doutorado em Psicologia na *Case Western Reserve University* sob a orientação de Adrian Leo. Nesse período de qualificação, van Kaam estudou com Rogers, na Universidade de Chicago e Abraham Maslow, na Universidade de Brandeis, tornando-se amigo deles. Em 1958, van Kaam concluiu o doutorado com a tese *The experience of really felling understood by a person: a phenomenological study of the necessary and sufficient constituents of this subjective experience as described by 365 subjects* (Muto & Martin, 2009). Participaram dessa banca de doutorado Carl Rogers, Abraham Maslow e Kurt Goldstein (Spiegelberg, 1972). Posteriormente, a tese de van Kaam foi publicada como artigo no *Journal of Individual Psychology*, em 1959, com o título *Phenomenal analysis: exemplified by a study of the experience of “really felling understood”* (Muto & Martin, 2009).

Basicamente, o trabalho de van Kaam estabelece uma lógica de coleta de dados, por meio de questionários, e a análise destes pelo que ele denominou como método fenomenológico empírico, distinto do método fenomenológico filosófico. A questão de van Kaam era como estabelecer um rigor de pesquisa empírica nas Ciências Humanas que valorizem os dados imediatos da experiência consciente nas pessoas pesquisadas

(Castelo-Branco, 2014). Ainda em 1958, van Kaam iniciara um pós-doutorado, sob a supervisão de Rogers, com o objetivo de estudar comparativamente as teorias da personalidade desenvolvidas por Maslow e Goldstein. Van Kaam fundou um programa de mestrado e doutorado na Universidade de Duquesne com uma orientação fenomenológica de pesquisa e desenvolvimento da Psicologia como uma ciência humana (Muto & Martin, 2009). Quem mais popularizou e disseminou essa proposta foi um seguidor de van Kaam, Amedeo Giorgi, nos anos de 1960-1970 (Gomes, 1997).

A despeito da proximidade com van Kaam, há poucas menções e referências de Rogers ao seu trabalho. É possível encontrar somente uma referência a van Kaam no artigo de Rogers, *Toward a more human science of the person*, publicado em 1985, no *Journal of Humanistic Psychology*. Rogers (1985b) reflete o motivo de a Psicologia Humanista não ter exercido impacto na Ciência, em razão da sua escassez de pesquisas empíricas e sua inadequação ao paradigma positivista. Ao exemplificar algumas possibilidades metodológicas para suprir tal escassez, Rogers refere o artigo de van Kaam (1959) como uma possibilidade. Observamos que, nessa reflexão, Rogers não acena nada em relação à Fenomenologia filosófica, mas indica o método fenomenológico empírico como possibilidade de possibilitar outro paradigma de Ciência. No mesmo artigo, Rogers (1985b) referencia, também, o livro organizado por Giorgi, *Phenomenology and psychological research*, publicado em 1984. Destarte, é possível afirmar que Rogers contactou o movimento de Fenomenologia empírica desenvolvido na Universidade de Duquesne.

#### ***4.4 Relações de Carl Rogers com as obras Existence (1958) e Existential Psychology (1960), sob a organização de Rollo May***

Rollo May é considerado um dos pioneiros do movimento fenomenológico nos EUA (Spiegelberg, 1972). Seus escritos se preocuparam em apresentar para a Psicologia estadunidense o desenvolvimento da Fenomenologia-Existencial no campo da Psiquiatria. Em 1958, Rollo May, Ernest Angel e Henri Ellenberger organizaram e publicaram o livro *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology*, contendo traduções dos textos de alguns fenomenologistas, como Ludwig Binswanger, Eugene Minkowski, Erwin Straus, Viktor von Gebsattel e Roland Kuhn.

*Existence* é considerado uma obra pioneira na recepção das bases fenomenológicas existenciais da psicoterapia nos EUA (Spiegelberg, 1972), ao passo que, no primeiro capítulo, intitulado *The origins and significance of the existential movement in psychology*, May (1958) pondera algumas resistências da Psicologia estadunidense a esse movimento de procedência fenomenológica, a principal, o entendimento de que à Psicologia e à Psicoterapia de bases filosóficas são consideradas um retrocesso pelos estudiosos dos EUA. No início do livro, May (1958) agradece a Carl Rogers pela revisão e sugestões feitas ao seu texto, conforme a primeira nota de rodapé do capítulo 1. Ainda no mesmo ano, Rogers publicou uma resenha do livro *Existence*, na Revista *Contemporary Psychology*.

Esses dados nos permitem afirmar que Rogers contatou, desde o início, nos EUA, a recepção do movimento fenomenológico e existencial na psicoterapia. Em um simpósio sobre a solidão contemporânea, em 1958, Rogers utilizou um caso clínico de Binswanger como base para discutir a sua teoria da consideração positiva incondicional pelo cliente. O caso a que Rogers referiu foi o de *Ellen West*, cuja tradução integral está na obra *Existence*. Posteriormente, a palestra de Rogers foi publicada como artigo, em 1961, e incluída como um capítulo do livro *A way of being*, em 1980 (Rogers, 1961,

1980a). Antes da publicação em inglês, uma parte desse livro foi lançada em português, sob o título de *A pessoa como centro* (Rogers, 1980/1977c).

Posteriormente a *Existence*, May organizou outra obra chamada *Existential Psychology*, em 1960, em parceria com Gordon Allport, Abraham Maslow, Herman Feifel e Carl Rogers. Diferentemente de *Existence*, em *Existential Psychology*, é possível encontrar mais ideias de psicólogos estadunidenses sobre o movimento fenomenológico existencial na psicoterapia. Em especial, Rogers (1960/1980b) aponta ressalvas a esse movimento na Psicologia dos EUA, reivindicando a necessidade de pesquisas empíricas que comprovem os argumentos existenciais de May. Por exemplo, no capítulo *Duas tendências divergentes*, Rogers (1960/1980b) disserta sobre a tensão entre a tendência objetiva científica e a tendência existencial filosófica; exemplifica uma possibilidade de conciliação com base em uma pesquisa empírica, realizada por ele e alguns colaboradores, sobre fatores preditivos de delinquência em 75 adolescentes; e utiliza os resultados para discutir e comprovar a noção de liberdade usada por May. Rogers não faz, entretanto, nenhuma menção à Fenomenologia ou a alguma pesquisa fenomenológica empírica.

Observamos, finalmente, que Rogers e May trilharam duas abordagens humanísticas em paralelo. As influências da Fenomenologia e do Existencialismo são mais próximas a May do que a Rogers. Destarte, podemos inferir que Rogers contactou indiretamente, via May, diversos aportes do movimento fenomenológico existencial na clínica. Rogers se permitiu, ainda, a releitura de um caso clínico da *Daseinanalyse* de Binswanger. É importante notar, no entanto, que Rogers não se filiou a tal movimento clínico, não aprofundou uma Filosofia fenomenológica nem situou uma pesquisa fenomenológica empírica em decorrência dele. Rogers ressaltou, ainda, que se

interessou por essa perspectiva de Psicologia, embora não estudasse a Fenomenologia e o Existencialismo (Rogers & Russell, 2002).

#### ***4.5 Colaboração de Carl Rogers com dois livros pioneiros à Psicologia de inspiração fenomenológica, nos EUA, em 1959 e 1964***

Em 1959, Alfred Kuenzli, docente da *Southern Illinois University*, organizou um livro intitulado *The Phenomenological Problem*. Conforme Kuenzli (1959), a motivação para organizar tal obra foi o conceito de campo fenomenológico, postulado por Donald Snygg, e sua expansão na Psicologia estadunidense, com suporte em suas influências de estudos sobre a personalidade e o comportamento. Reunindo diversos autores com ideias distintas sobre as implicações da Fenomenologia para a Psicologia, Kuenzli (1959) acredita ter organizado um esclarecimento sobre a ênfase fenomenológica na Psicologia estadunidense. Em suas palavras,

Ao invés de voltar para Husserl, que não parece ser especialmente pertinente as preocupações dos psicólogos contemporâneos, talvez os alunos possam vir a desenvolver cada vez mais para os trabalhos aqui apresentados (...). Um psicólogo fenomenológico moderno utiliza todos e quaisquer métodos – como entrevistas clínicas, técnicas projetivas, observação do comportamento e experimentação em laboratório – que podem ajudá-lo a ganhar a compreensão da visão individual da realidade (p. ix).

Essa perspectiva demonstra que o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense entendia a Filosofia como um retrocesso, ao passo que incute na

Fenomenologia uma visão de ciência preocupada com suas aplicações clínicas, empíricas e experimentais na compreensão do campo fenomenológico de cada indivíduo. No livro organizado por Kuenzli (1959), constam textos de Snygg, inclusive o artigo *The need for a phenomenological system of psychology*, Arthur Combs, Carl Rogers e outros.

Sobre a participação de Rogers nesse livro, apontamos que é uma republicação do artigo *Some observations on the organization of personality* (1947) analisado no subtópico 4.1. Lembramos que, nesse texto, Rogers (1947/1959) não utiliza a dicção *campo fenomenológico*, mas *campo perceptual*. Ao lermos essa versão do artigo, em comparação com a versão publicada (Rogers, 1947/2008) no livro organizado por John Wood e outros no Brasil, observamos que ambos os textos são praticamente o mesmo. A única exceção é que, na variante estadunidense, Rogers (1947/1958) refere o trabalho de Snygg e Combs, *Individual Behavior: a new frame of reference for psychology* (1948). Na versão brasileira, traduzida diretamente da publicação original, o título dessa referência está como manuscrito não publicado. Não resta dúvida de que o contato de Rogers com Snygg e Combs e a publicação do seu artigo, influenciado por eles, possibilitaram a participação no pioneiro livro de Kuenzli sobre o movimento fenomenológico nos EUA.

Em 1964, Thomas Wann organizou o livro intitulado *Behaviorism and Phenomenology: contrasting bases for modern psychology*. Este contou com as participações de Carl Rogers, Buhhrus Skinner, entre outros autores. Consta da transcrição de palestras e debates ocorridos na *Rice University*, em um simpósio organizado pela Divisão de Psicologia Filosófica da Associação Americana de Psicologia para comemorar os 50 anos daquela universidade.

O capítulo de Rogers (1964), *Toward a science of the person*, não contém referências a nenhum fenomenólogo, mas possui menções, em especial, aos trabalhos de Gordon Allport, Donald Snygg, Arthur Combs, Eugene Gendlin e Richard Jessor, um dos colaboradores do livro *The Phenomenological Problem*. Ressaltamos que os livros desses expoentes referenciados por Rogers, possuem alusões à Fenomenologia como um aporte profícuo à Ciência Psicológica.

Rogers (1964) argumenta que acredita na Psicologia Comportamental e aceita sua perspectiva de ciência, mas prefere tentar ir além dela; todavia, ele mantém esperanças de que algum dia exista algum programa de estudos que concilie as perspectivas comportamentais com as fenomenológicas. Rogers (1964) lança um questionamento sobre as consequências do pensamento fenomenológico-existencial e da teoria do *self* para a pesquisa e teoria em Psicologia. Referindo-se a Gendlin, Rogers (1964) argumenta que toda base de conhecimento emerge de um fluxo contínuo de experiência pré-conceitual, o mesmo se aplica para toda ciência objetiva, como a Psicologia Comportamental, que tem um apoio subjetivo de conhecimento. Eis a base de uma nova perspectiva de fazer Ciência que é fenomenológica.

A consequência da Fenomenologia para a Ciência é a assunção de uma Psicologia mais humana, que suplanta a tendência comportamental, desenvolvendo algo além dela. A Fenomenologia na Ciência Psicológica possibilita, pois, a descoberta de perspectivas da pessoa, teorias e métodos. Essa perspectiva pode oferecer contribuições para a Psicologia Comportamental ao mudar de considerações externas sobre a pessoa, baseada em observações do comportamento, para considerações sobre o universo dos sentidos interiores que emergem da experiência dela (Rogers, 1964).

É curioso notar que, ao postular essas implicações fenomenológicas na Psicologia, Rogers (1964) ressalta a necessidade de uma comprovação empírica em

pesquisas que abordem a personalidade e outras questões psicológicas. Para ele, tais pesquisas devem explorar as seguintes classes de variáveis: o sentido, o *self*, sua mudança, a interação psicoterapêutica e o aprendizado pessoal de se observar internamente. Para exemplificar isso, Rogers (1964) refere diversas pesquisas que ele e os seus colaboradores desenvolveram; nenhuma que aplique o método fenomenológico empírico. São pesquisas que utilizavam inventários de personalidade, Teste de Acepção Temática, Técnica Q, escalas de processo e análise semântica do conteúdo da fala do psicoterapeuta. Esses exemplos, ou modelos de pesquisa, que Rogers desenvolveu na clínica, são anteriores a sua discussão da inserção da Fenomenologia na Psicologia e não são definidos em outros momentos como pesquisas fenomenológicas ou de inspiração fenomenológica (Rogers & Dymond, 1954; Roger, 1961/1997). Rogers (1964) utiliza suas pesquisas, contudo, como exemplos para indicar outra tendência alternativa à ciência vigente e apontar que elas estão imersas em uma terceira força em Psicologia. Possivelmente o autor quis fortalecer o seu argumento com exemplos derivados de sua experiência de pesquisa, pois, em suas palavras, “Esse é o meu julgamento, como eu tento compreender o vigoroso impulso do movimento fenomenológico-existencial em uma variedade de outros campos” (p. 130).

Rogers (1964) argumenta, finalmente, a necessidade de a Psicologia reconhecer que

(...) há outra perspectiva. Do ponto de vista existencial, de dentro da estrutura interna fenomenológica de referência, o homem simplesmente não têm características de uma máquina; ele não é simplesmente um ser engatilhado por motivos inconscientes: ele é uma pessoa em processo de criação de si mesmo,

uma pessoa que cria significado de vida, uma pessoa que encarna uma dimensão de liberdade subjetiva (p. 129, tradução nossa).

Finalmente, ponderamos que a participação de Rogers nos livros organizados por Kuenzli e Mann demonstra uma simpatia com um movimento fenomenológico que se estabelecia nos EUA, nas décadas de 1950-1960, inspirado pelo conceito de campo fenomenológico, de Snygg, e pelo uso de pesquisas empíricas para validar seus argumentos. Em específico, Rogers intencionalmente não quis adentrar questões filosóficas mais profundas, o que é uma característica da Fenomenologia, e entende que o movimento fenomenológico na Psicologia aponta para uma visão compreensiva da experiência interna e da personalidade. Rogers intercede para o reconhecimento de uma nova perspectiva de fazer ciência psicológica que é fenomenológica e não comportamental.

#### ***4.6 Estada de Carl Rogers no Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento, na década de 1960***

Ao se aposentar, em 1963, Rogers se mudou para *La Jolla*, Califórnia. Nesse período, ele estava desiludido com a academia e o seu jeito rígido de pensar e pesquisar os fenômenos humanos. Ainda que aposentado da universidade e da clínica, Rogers se dedicou ao estudo e às práticas grupais e educacionais. Perto de sua casa, havia o Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento, onde trabalhavam dois de seus ex-doutorandos, Thomas Gordon e Richard Farson. Convidado por eles, Rogers se tornou um colaborador associado e pôde realizar práticas grupais e dialogar com cientistas de áreas diversas (Kirschenbaum, 2007). Entre eles, merecem destaque William Coulson e

Michael Polanyi com os quais Rogers realizou estudos sobre perspectivas de ciência alternativas às Ciências Comportamentais e ao paradigma positivista. Esses estudos possibilitaram a organização de um simpósio, em 1967, sobre Ciências do Comportamento, suas filosofias e metodologias.

Em 1968, as palestras e os debates desse simpósio foram transcritos no livro *Man and Science of Man*. Na palestra de Rogers (1968/1973), este cita o seu trabalho, *Toward a science of person* (1964), sobre as possibilidades de fazer pesquisa empírica em Fenomenologia. Rogers (1968/1973), entretanto, vai além de um apontamento metodológico, e arrisca o esboço de uma teoria do conhecimento, que parte de uma base subjetiva e uma intuição fenomenológica como fonte de conhecimento válido. Rogers comenta, ainda, a existência de um movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense e se aproxima da Filosofia do conhecimento tácito, elaborada por Polanyi.

Em distinção aos escritos anteriores sobre a Fenomenologia, Rogers (1968/1973) se aproxima de um entendimento mais filosófico sobre a experiência subjetiva como base para toda a Ciência. Nesse texto, ele argumenta a Fenomenologia como um paradigma de conhecimento alternativo ao positivismo e apresenta o esboço de uma teoria do conhecimento tácito. Tal apontamento epistemológico, inovador ao pensamento rogeriano, certamente, foi influenciado pelos intensos contatos que Rogers estabeleceu com diversos filósofos da Ciência no Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento. Nesse ponto, a Fenomenologia foi entendida como um paradigma de ciência alternativo ao positivismo hegemônico na Psicologia.

#### ***4.7 Alusão de Carl Rogers a uma pesquisa fenomenológica empírica em um workshop, em 1970***

Interessado em desenvolver práticas terapêuticas, nos anos de 1960-1970, Rogers elaborou duas modalidades de intervenções grupais: os *grupos de encontro* e os *workshops*. Em suma, o grupo é um encontro intensivo, com a média de uma semana, de alguns facilitadores e dezenas de participantes, que acontece em um ambiente não clínico, geralmente hotéis e universidades, com a finalidade de proporcionar crescimento interpessoal e intrapessoal. O *workshop*, por sua vez, é um movimento grupal ainda mais intensivo, sem facilitadores e composto por centenas de pessoas, que tem a finalidade de proporcionar uma comunidade centrada na pessoa que forme facilitadores e pondere os rumos da abordagem centrada na pessoa (Rogers, 1970/2002).

Rogers, a despeito de se envolver com outros colaboradores na elaboração e na teorização dessas modalidades grupais, não abandonou sua predileção de justificar os seus argumentos e a eficiência de suas intervenções utilizando pesquisas empíricas. No livro *Grupos de Encontro*, no capítulo *O que sabemos através da investigação*, Rogers (1970/2002) menciona que fez um estudo sobre 110 pessoas que haviam participado de um *workshop* (de 500 pessoas) organizado por ele. O objetivo era pormenorizar os processos de mudança de comportamento decorridos dessa experiência grupal. Rogers aponta que, no seu modo de pensar, a leitura de todas as respostas do questionário é fenomenológica. Nesse texto, Rogers (1970/2002) apresenta o questionário estruturado que foi aplicado de modo a coletar informações sobre o significado do *workshop* realizado.

Observamos que, nesse texto, Rogers não menciona nenhum fenomenólogo e não situa sua pesquisa em qualquer modelo de pesquisa fenomenológica empírica, ao passo que os seus procedimentos estão distantes dessa perspectiva de coleta (entrevista semi ou não estruturadas) e análise dos dados (transcrição, leitura geral, divisão em

unidades de sentido, técnica de variação livre e imaginária para obter essências e categorização). Ressaltamos que o simples fato de ler as respostas de um questionário não caracteriza uma empiria fenomenológica no sentido de como esta se desenvolveu na Universidade de Duquesne.

Curiosamente, Amedeo Giorgi, um dos desenvolvedores do método fenomenológico empírico, critica o modo de Rogers pensar pesquisas fenomenológicas. Giorgi (1997/2008) argumenta que Rogers entende como fenomenológico tudo aquilo que é experiencial e que esse emprego não significa verdadeira Fenomenologia. Consideramos, portanto, que, embora Rogers tenha contatado o criador do método fenomenológico empírico e fosse simpático a essa perspectiva de pesquisa, ele não desenvolveu essa tradição.

## **5 Considerações finais**

Este trabalho revisitou as relações de Carl Rogers com a Fenomenologia segundo uma perspectiva historiográfica e analítica bibliográfica. A lente compreensiva histórica nos permite considerar que Rogers não estabeleceu uma, mas diversas relações com a Fenomenologia elucidadas conforme o desenvolvimento de dois planos analíticos – um sobre a relação de Rogers com a Filosofia fenomenológica e outro acerca dos diversos momentos relacionais dele com o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense.

Recapitulando as perguntas lançadas por Spiegelberg (1972), que nos provocaram este estudo, procuramos respondê-las de acordo com os resultados analisados e discutidos. *O quão diferente é a Fenomenologia Rogers de suas formas tradicionais?* Muito, considerando que a forma tradicional da Fenomenologia parte de

uma autorreflexão filosófica dotada de um método próprio. *Até que ponto ele é devedor da Fenomenologia filosófica?* Diretamente, pouco, todavia, ele é devedor de uma linhagem de movimento fenomenológico que se desenvolveu na Psicologia dos EUA, nas décadas de 1940-1960, que tinha como característica uma recusa, ou um receio, da Filosofia na Psicologia. Argumentamos esses apontamentos de modo a identificar o caráter das relações que Rogers estabeleceu com a Fenomenologia.

A primeira análise, efetuada sobre os filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Rogers, nos permite o entendimento de que a Filosofia fenomenológica exerceu pouca influência sobre ele. A segunda, aplicada sobre as diversas menções de Rogers à Fenomenologia, nos assente a expressarmos que a Fenomenologia que Rogers pondera não é a Filosofia fenomenológica europeia, mas o movimento estadunidense de recepção da Fenomenologia, que circulou como um novo paradigma de pesquisa em Ciências Psicológicas e sobre a personalidade, além do seu desenvolvimento na Psicologia Existencial, sob a elaboração de Rollo May. Isso explica a escassez de citações e referências de Rogers a filósofos fenomenólogos.

Constatamos que Rogers participou da recepção e circulação da Fenomenologia na Psicologia estadunidense e foi simpático ao seu movimento fenomenológico, embora não tenha elaborado nenhum método clínico, filosófico ou de pesquisa em decorrência dele – apesar de ter tentado ao seu modo. No âmbito da clínica, Rogers percebia a Fenomenologia como perspectiva para entender e pesquisar o *self*. No âmbito da Filosofia, ele tentou esboçar uma teoria do conhecimento, utilizando uma base tácita e pré-conceitual da experiência. No âmbito da pesquisa, ele não desenvolveu ou aplicou nenhum método fenomenológico empírico, mas tentou argumentar algo do tipo com base em suas experiências de investigações.

Concluimos que a Filosofia fenomenológica não exerceu influências diretas em Rogers, mas o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense sim. É possível, ainda, haver influências difusas da Fenomenologia no pensamento rogeriano, porém isso não foi possibilitado pelo nosso recorte metodológico que trabalhou somente com o que Rogers mencionou e referenciou explicitamente em suas obras.

Consideramos, finalmente, que a relação simpática de Rogers com a Fenomenologia possibilitou diversos entendimentos e desenvolvimentos de sua *abordagem centrada na pessoa* (ACP) no Brasil. Curiosamente, a ACP foi recebida e circulou no Brasil conforme uma apropriação crítica ao pensamento rogeriano, desenvolvendo um movimento pós-Rogers com orientação fenomenológica e existencial (Moreira, 2010a; Frota, 2012). Por isso, inferimos que, no Brasil, estuda-se mais Filosofia fenomenológica e suas implicações para a ACP do que nos EUA, em razão das ressalvas dos psicólogos estadunidenses a essa Filosofia. Apontamos, contudo, a necessidade de outra pesquisa historiográfica que analise o *status* corrente de circulação das ideias rogerianas em veículos de produção acadêmica (periódicos, por exemplo) e comprove empiricamente tal inferência.

## Referências

- Amatuzzi, M. & Carpes, M. (2010). Aspectos fenomenológicos do pensamento de Rogers. *Memorandum*, 19, 11-25.
- Araújo, S. (2012). Entre a história, a filosofia e a psicologia: introduzindo um campo de pesquisa interdisciplinar. Em S. Araújo (Org.). *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas* (pp. 11-14). Juiz de Fora, MG: UFJF.

- Burston, D. (2008). In memoriam: Adrian van Kaam (1920-2007). *The Humanistic Psychology*, 36, 90-91.
- Brožek, J. (1998). Abordagem quantitativa: Wundt na América. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 351-3361). São Paulo: Unimarco; Loyola.
- Castelo Branco, P. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(2), 189-197.
- Combs, A. (1948). Phenomenological concepts in nondirective therapy. *Journal of Consulting Psychology*, XII, 197-267.
- Dagfal, A. (2004). Para una «estética de la recepción» de las ideas psicológicas. *Frenia*, IV(2), 07-16.
- Danziger, K. (2006). Universalism and indigenization in the history of modern psychology. Em A. Brock (Ed.). *Internationalizing the history of psychology* (pp. 208-225). New York: University Press.
- Grynzspan, M. (2012). Por uma sociologia histórica da recepção e da circulação de textos. *Revista de Sociologia e Política*, 20(44), 11-30. Acesso em 03 de janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v20n44/v20n44a02.pdf>
- DeRobertis, E. (1996). *Phenomenological psychology – a text for beginners*. Boston: University Press of America.
- Fonseca, A. (2007). *Carl Rogers: sobre o seu paradigma fenomenológico e existencial em psicologia e psicoterapia*. Maceió: Livro Rápido.
- Frota, A. (2012). Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 168-178.

- Gendlin, E. (1962). *Experiencing and the creation of meaning: a philosophical and psychological approach to the subjective*. New York: The Free Press of Glencoe.
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. Em Vários autores. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (p. 386- 409., A. Cristina, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1997).
- Gobbi, S., Missel, S., Justo, H. & Holanda, A. (2005). *Vocabulários e noções básicas da abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor.
- Gomes, W. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336.
- Gomes, W., Holanda, A. & Gauer, G. (2004). História das abordagens humanistas em psicologia no Brasil. Em M. Massimi (Org.). *História da psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 105-129). São Paulo: E.P.U.
- Goto, T. (2004). *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus.
- Goto, T. (2008). *Introdução à Psicologia fenomenológica: a nova Psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Holanda, A. (1998). *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos.
- Kirschenbaum, H. (2007). *The life and work of Carl Rogers*. Herefordshire: PCCS Books.
- Kuenzli, A. (1959). Preface. Em A. Kuenzli (Org.). *The phenomenological problem* (pp. vii-x). New York: Harper & Brothers Publishers.

- Lima, T. & Miotto, R. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(esp), 37-45.
- Luczinski, G. & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos em Psicologia (Campinas)*, 27(1), 75-82.
- May (1958). The origins and significance of the existencial moviment in psychology. Em R. May., E. Angel. & H. Ellenberger (Orgs.). *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology* (pp.03-36). New York: Basic Books.
- Moreira, V. (2010a). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia(Campinas)*, 27(4), 537-544.
- Moreira, V. (2010b). A gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa são enfoques epistemológicos?. *Revista da abordagem Gestáltica*, 15(1), 03-12.
- Moreira, V. & Torres, B. (2013). Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição ao pensamento de Rogers. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(2), 181-197.
- Muto, S. & Martin, F. (2009). Portrait of Adrian van Kaam and Humanistic Psychology. *Journal of Humanistic Psychology*, 49(3), 355-375.
- Pagès, M. (1976a). *Orientação não diretiva em psicoterapia e psicologia social* (A. Santos, Trad.). São Paulo: EDUSP. (Original publicado em 1955).
- Pagès, M. (1976b). *A vida afetiva dos grupos: esboço de uma teoria da relação humana* (L. Ribeiro, Trad.). São Paulo: EDUSP. (Original publicado em 1975).
- Rogers, C. & Dymond, R. (Orgs.). (1954). *Psychotherapy and personality change*. Chicago: University of Chicago Press.

- Rogers, C. (1959). Some observations on the organization of personality. Em A. Kuenzli (Org.). *The phenomenological problem* (pp. 49-75). New York: Harper & Brothers Publishers. (Original publicado em 1947).
- Rogers, C. (1961). The loneliness of contemporary man as seen in the case of Ellen West. *Review of Existential Psychology and Psychiatry*, 1, 94-101.
- Rogers, C. (1964). Toward a science of the person. Em T. Wann (Org.). *Behaviorism and phenomenology: contrasting bases for modern psychology* (pp. 109-131). Chicago: University of Chicago Press.
- Rogers, C. (Org.). (1967). *The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics*. Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- Rogers, C. (1973). Algumas reflexões referentes aos pressupostos atuais das ciências do comportamento. Em C. Rogers & W. Coulson. *O homem e a ciência do homem* (pp. 55-80). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1968).
- Rogers, C. (1976). *A respeito de bibliografias*. Em C. Rogers & B. Stevens (Orgs.). *De pessoa para pessoa: o problema de ser humanos – uma nova tendência na psicologia* (pp. 321-325., M. Leite & D. Leite, Trads.). São Paulo: Pioneira. (Original publicado em 1967).
- Rogers, C. (1977a). Teoria e pesquisa. Em C. Rogers & M. Kinget. *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva* (Vol. 1., pp. 143-274, M. Bizzotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, C. (1977b). *Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas* (4a ed., O. Cajado, Trad.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora. (Original publicado em 1972).

- Rogers, C. (1977c). *Ellen West – e solidão*. Em C. Rogers & R. Rosenberg. *A pessoa como centro* (pp.91-101). São Paulo: EPU. (Original publicado em 1980)<sup>11</sup>.
- Rogers, C. (1979). *Liberdade para aprender* (E. machado & M. Andrade, Trads.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1969).
- Rogers, C. (1980a). *A way of being*. New York: Mariner Books.
- Rogers, C. (1980b). Duas tendências divergentes. Em R. May (Org.). *Psicologia existencial* (pp. 97-106). Porto Alegre: Globo. (Original publicado em 1960).
- Rogers, C. (1985a). *Liberdade de aprender em nossa década* (J. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1983).
- Rogers, C. (1985b). Toward a more human science of the person. *Journal of Humanistic Psychology*, 25(4), 07-24.
- Rogers, C. (1992). *Terapia centrada no cliente* (M. J. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1951).
- Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa* (M. Ferreira & A. Lamparelli, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1961).
- Rogers, C. (2001). *Sobre o poder pessoal* (W. Penteado, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Rogers, C. (2002). *Grupos de encontro* (J. Proença, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1970).
- Rogers, C. (2008). Algumas observações sobre a organização da personalidade. Em J. Wood (Org.). *Abordagem centrada na pessoa* (pp.45-70). Vitória: EDUFES. (Original publicado em 1947).
- Rogers, C., & Russell, D. (2002) *Carl Rogers: the quiet revolutionary – an oral history*. Roseville: Penmarin Books.

---

<sup>11</sup> A versão brasileira foi publicada antes da estadunidense.

- Rogers, C. & Tillich, P. (2008). Diálogos – 1965 (M. Janzen, Trad.). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 121-127. (Original publicado em 1989).
- Segrera, A. (2002). El enfoque centrado en la persona: reflexiones en el centenario de su fundador Carl Rogers. *Miscelánea Comillas*, 60(117), 399-419.
- Snygg, D. (1959). The need for a phenomenological system of psychology. Em A. Kuenzli. (Org.). *The phenomenological problem* (pp. 03-30). New York: Harper & Brother Publishers.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry*. Evaston: Northwestern University Press.
- Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: a historical introduction* (3a ed). Boston: Martinus Nijhoff Publisher.
- Valls, A. (2012). Kierkegaard, leitor da Fenomenologia da religião. *Natureza humana*, 14(1), 1-20.
- Van Kaam, A. (1959). Phenomenal analysis: exemplified by a study of the experience of “really felling understood”. *Journal of Individual Psychology*, 15, 66-72.
- Vieira, E. & Pinheiro, P. (2011). Convergências entre a abordagem centrada na pessoa e Soren Kierkegaard. *Psicologia Argumento*, 29(65), 167-177.
- Wood, J. (Org.). (2008). *Abordagem centrada na pessoa*. Vitória: EDUFES.

### **Estudo 3 – Recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil (1945-2014)**

#### **Introdução**

Este estudo objetiva analisar a recepção e a circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil, conforme uma perspectiva historiográfica que investiga: (1) os momentos do desenvolvimento da abordagem centrada na pessoa (ACP) nesse País (nos anos de 1940-1990); (2) as traduções das obras rogerianas para o português brasileiro (nas décadas de 1970-2000); e, (3) o *status* corrente dos artigos publicados sobre Rogers em periódicos nacionais (de 2002 até 2014). Os vocábulos *recepção* e *circulação* inserem-se em um modo de trabalhar pesquisas em História da Psicologia. Ambos são entendidos pelos autores deste estudo como um recurso conceitual que ajuda a entender as especificidades de como determinada Psicologia migra de um lugar para outro, desencadeando uma apropriação que distingue um desenvolvimento local. Entendemos que toda Psicologia pode se manifestar como modalidade de serviço, espaço de produção de conhecimento, teoria, técnica, instrumento ou conceito. Consideramos, com efeito, que a Psicologia que ora nos interessa é uma abordagem psicológica, a saber, a Psicologia Humanista de Rogers.

O termo *recepção*, no significado de emprego da História da Psicologia (Dagfal, 2004), refere à migração de uma Psicologia que ocorre mediante assimilações passivas e apropriações ativas de suas ideias, ensejando novas modalidades de intelecção e prática sobre ela. Decorre, pois, uma História local que não é mera cópia do que aconteceu e difundiu daquela Psicologia em seu contexto originário, mas é outro horizonte de

contendas relacionadas às querelas socioculturais do contexto que o recebe e o atualiza conforme novas teorias e práticas.

Subjacente à recepção de um conhecimento psicológico, acontece outro fenômeno, que remete aos mecanismos possibilitadores de tais ideias circularem em um dado contexto. A palavra *circulação* implica um movimento ordenado, ou possível de ordenação, de um conjunto de conhecimentos sobre uma psicologia, os quais se estabelecem em um dado espaço-tempo, contando com certos agentes, eventos e operações sociais que possibilitam o seu fluxo e a propagação de um pensamento (Grynzspan, 2012). Deste modo, pressupõe-se que a cultura acadêmica de pesquisa, produção e publicação de artigos em periódicos possibilita um indício de como uma psicologia circula em um país que a recebeu.

Com efeito, ponderamos que o emprego dessas noções auxilia a investigação de como a Psicologia Humanista de Rogers é recebida no Brasil e é apropriada pelos psicólogos nacionais. Para isso, argumentamos que a identificação dos momentos da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil e a análise das obras rogerianas traduzidas para o português brasileiro são um modo de investigar essa recepção. Argumentamos, ainda, que o conceito de circulação pode ser aplicado como lente suplementar sobre a técnica de levantamento bibliográfico, para analisar a produção de artigos que versam acerca da Psicologia Humanista de Rogers em periódicos brasileiros. O entendimento dessa circulação possibilita, pois, uma caracterização das ideias de Rogers que foram recebidas no Brasil e do tipo de Psicologia Humanista de base rogeriana corrente no País.

Existem alguns estudos (Moreira, 2010, 2013a; Frota, 2012) argumentando que a ACP brasileira está inserida em um movimento pós-Rogers que desenvolve a Psicologia Humanista conforme outras perspectivas que não necessariamente dão continuidade a

ela. As vertentes de orientação fenomenológica são, destarte, as que mais caracterizam o movimento da ACP pós-Rogers no Brasil e a tornam conhecida pelo mundo<sup>12</sup> (Segrera, 2002). Apesar dessa especificidade, há recentes estudos de cunho histórico que tentam compreender o desenvolvimento da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil conforme outras visadas (Tassinari & Portela, 2002; Gomes, Holanda & Gauer, 2004; Campos, 2003, 2005; Trzan-Ávila & Jacó-Vilela, 2012; Justo, 2012; Trzan-Ávila, 2013). Segundo a nossa mirada historiográfica, que articula os conceitos de *recepção* e *circulação* ao objetivo proposto, intencionamos somar contribuições a tais estudos compreensivos ao desenvolvimento da ACP brasileira.

Apontamos, destarte, a nossa lógica de tratamento historiográfico para esta investigação. Inicialmente, situamos alguns momentos de recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil. Em seguida, especificamos e refletimos como as traduções de algumas obras de Rogers colaboraram para essa recepção. Posteriormente, articulamos a noção de circulação com a técnica de levantamento bibliográfico para analisar os tipos de ideias sobre a Psicologia Humanista de Rogers que circulam em periódicos científicos brasileiros. Finalmente, com base nesses dados, ponderamos o cenário brasileiro da ACP.

### **Análise I: momentos da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil**

Tassinari e Portela (2002) apontam quatro fases históricas da abordagem centrada na pessoa (ACP) no Brasil, a saber, *pré-história* (1945-1976), *fertilização* (1977-1986), *declínio* (1987-1989) e *ascensão/renascimento* (1990 em diante). Apropriamo-nos desse entendimento para analisar a recepção da Psicologia Humanista

---

<sup>12</sup> Existem, no entanto, outras perspectivas de ACP pós-Rogers no Brasil, de linhagem clássica, experiencial, transcendental, sistêmica, pragmatista etc.

de Carl Rogers nesse País. Segundo as autoras mencionadas, em síntese: a *pré-história* é caracterizada pelo isolamento de alguns profissionais que trabalhavam com ACP no Brasil; a *fertilização* é caracterizada pela vinda de Rogers e dos seus colaboradores ao Brasil para ministrar palestras e *Workshops*, em 1977, 1978 e 1985, estimulando a emergência de vários centros de formação, fóruns e escritos; o *declínio* é caracterizado pelo luto das mortes de Rogers e Rachel Léa Rosenberg, sua colaboradora mais proeminente no Brasil, e pela pouca produção de artigos, livros e teses sobre a ACP; na *ascensão/renascimento* ocorrem a emergência de diversos profissionais e pesquisadores brasileiros, ex-alunos da fase de fertilização, que promovem centros de formação, eventos e publicações. Propomo-nos, em seguida, avançar nessas descrições apontadas por Tassinari e Portela (2002).

Na *pré-história* da ACP no Brasil, de 1945 a 1976, é possível observar que, concomitantemente à assunção do Aconselhamento Não-Diretivo e a difusão das ideias de Rogers nos EUA e no mundo, alguns psicólogos brasileiros contataram esse panorama e foram influenciados pelas ideias rogerianas, trazendo-as para o Brasil. Destacamos Mariana Alvim que, em 1945, foi aos EUA estudar instituições que tratavam jovens delinquentes e conheceu Rogers, quando ele então se mudara para a Universidade de Chicago. Ao retornar ao Brasil, no ano seguinte, Alvim trabalhou no Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Outro destaque é Ruth Scheffer, que, ao terminar o mestrado, no *Teachers College* da Universidade de Columbia, retornou ao Rio de Janeiro para lecionar na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e depois na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Fundação Getúlio Vargas. Ressaltamos que Scheffer empreendeu o seu trabalho na PUC com a colaboração do padre Antonius Benko que lecionava disciplinas sobre Rogers (Gomes et al., 2004).

No Rio Grande do Sul (RS), na metade dos anos de 1950, o Irmão da Congregação Docente de La Salle, Henrique Justo, difundiu as ideias rogerianas sobre aconselhamento, psicoterapia e educação, após viajar para a França e fazer um curso com ex-estudantes de Rogers (Gomes et al., 2004; Cavalcante & Montenegro, 2009). Ao retornar ao Brasil, Justo fundou o curso de Psicologia da PUC-RS (Psicologia: Ciência e Profissão, 1999).

Ainda nos anos de 1950, Oswaldo de Barros Santos graduou-se em Educação Física na Universidade de São Paulo (USP), fez uma especialização em orientação profissional na França e, posteriormente, se gradou em Psicologia Clínica, na Universidade Estadual da Florida, e se pós-graduou na Universidade de Columbia, em 1957. Quando de volta ao Brasil, Santos trabalhou em diversos locais, propagando o aconselhamento não-diretivo em atividades de orientação profissional. Destacam-se os trabalhos na Escola Técnica Getúlio Vargas, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e as docências na PUC-Campinas e na Universidade de São Paulo (USP), onde Santos se firmou, doutorando-se e implementando o primeiro curso brasileiro de Aconselhamento Não-Diretivo e Psicoterapia, além de realizar pesquisas com superdotados (Psicologia: Ciência e Profissão, 2003).

Provavelmente a primeira publicação no Brasil que disserta algo sobre Rogers está na tradução, em 1956, da obra *Instruzione e Personalità* (Educação e Personalidade), de Roberto Zavalloni, um padre italiano franciscano e ex-aluno de Rogers na Universidade de Chicago. Posteriormente, foram publicados os primeiros livros sobre Rogers, escritos por autores brasileiros. Em especial, apontamos o livro de Ruth Scheeffler, *Aconselhamento Psicológico* (1964), precursor na apresentação, para o público brasileiro, das ideias de Rogers sobre o Aconselhamento Não-Diretivo. Indicamos, também, o livro de Henrique Justo, intitulado *Carl Rogers: teoria da*

*personalidade e aprendizagem centrada no aluno*, publicado em 1973<sup>13</sup> (Gomes et al., 2004). Consideramos essas obras como as pioneiras na divulgação do pensamento rogeriano no Brasil.

Em suma, o primeiro momento de recepção das ideias de Rogers no Brasil foi caracterizado pelo interesse de alguns psicólogos brasileiros que se dispuseram a fazer cursos e pós-graduações, ligados a Rogers, nos EUA e em outros países. Ao retornar para o Brasil, eles instituíram pioneiramente disciplinas que versavam algo do Aconselhamento Não-Diretivo, e da Educação Centrada no Aluno, e possibilitaram a circulação das ideias rogerianas e a formação ulterior de vários psicólogos brasileiros nessa perspectiva.

Na fase de *fertilização* da ACP no Brasil, de 1977 a 1986, esmiuçamos a vinda de Rogers ao Brasil. Em 1977, a convite de Eduardo Bandeira, Rogers veio ao Brasil para visitar as cidades do Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, mas, antes de trabalhar nessas cidades, ele fez turismo na floresta amazônica. Até então, na América do Sul, ele somente visitara a Venezuela. Basicamente, Rogers veio ministrar algumas palestras e um *workshop*, uma modalidade de intervenção grupal que visa a formar facilitadores da ACP em uma imersão de encontros intensivos num espaço restrito ao longo de um tempo específico. O local foi a Aldeia de Arcozelo, em Paty dos Alferes, Rio de Janeiro, durante três semanas, com a participação de 200 pessoas (Bandeira, 2012).

Alguns resquícios dessa passagem estão disponíveis em uma entrevista que Rogers concedeu à revista *Veja* (1977) e nas diversas cartas trocadas com Bandeira (2012). Interessamo-nos, contudo, em buscar a impressão de Rogers sobre a sua vinda ao Brasil, com suporte num trecho retirado do livro *A way of being* (1980). Embora extensa, a seguinte citação é importante para o entendimento dessa impressão.

---

<sup>13</sup> Republicado, em 2002, com o título *Cresça e faça crescer – lições de um dos maiores psicólogos: Carl Rogers*.

A mais recente e talvez mais arriscada empreitada em que me engajei foi a viagem que fiz ao Brasil, juntamente com quatro membros do Centro de Estudos da Pessoa<sup>14</sup>. (...) Eu mesmo receava um pouco um voo de quinze horas e coisa do gênero. Outros acreditavam que era muito arrogante supor que poderíamos influenciar um país tão grande. Mas a ideia de treinar facilitadores brasileiros era muito atraente. Iríamos nos encontrar com plateias de seiscentas e oitocentas pessoas nas três maiores cidades brasileiras. Eram reuniões de dois dias, nos quais ficaríamos juntos no total de doze horas. (...) Ao lado de palestras bem curtas, tentamos fazer grupos sem liderança, grupos centrados em interesses específicos, um grupo de encontro de demonstração<sup>15</sup> e um diálogo entre a equipe e a plateia. No início houve um grande caos, mas aos poucos as pessoas começaram a ouvir umas às outras. Houve críticas – algumas vezes violentas – à equipe e ao processo. (...) Até então, jamais fizera uma viagem tão longa que tivesse sido tão proveitosa. (...) Acredito que deixamos uma marca no Brasil, e o Brasil certamente nos transformou a todos. Certamente ampliamos a nossa visão sobre o que pode ser feito em grandes grupos (Rogers, 1980/1983, p. 19-21).

Tal viagem ensejou uma afinidade de Rogers com o Brasil, ao passo que ele retornou em outras ocasiões, em 1978 e em 1985, e publicou três livros com alguns colaboradores brasileiros (Rogers & Rosenberg, 1977; Rogers, Wood, O'Hara & Fonseca, 1983; Santos, Rogers & Bowen, 1987). Dessa fertilização, além de Rosenberg e Santos, ambos docentes da USP, surgiram outros rogerianos que foram, posteriormente, se estabelecendo em diversas universidades, como Mauro AmatuZZi

---

<sup>14</sup> Rogers se remete a John Wood, Maureen O'Hara, Jack Bowen e a, brasileira, Maria Villas-Boas Bowen – esposa de Jack Bowen.

<sup>15</sup> Televisado pela TV Cultura (1977).

(USP e PUC-Campinas), Henriette Morato (USP-SP) Jaime Doxsey (UFES), Vera Cury (PUC-Campinas), Virginia Moreira (UNIFOR) e William Gomes (UFRGS), apenas para citar alguns (Gomes et al., 2004). Soma-se isso à residência de John Wood no Brasil, um colaborador de Rogers que estabeleceu docência na PUC-Campinas, de 1985 a 1989 (Moreira, Landim & Romcy, 2014). É digna de menção especial a tese de doutorado, não publicada, de Lucila Schwantes Arouca, intitulada *Fundamentos fenomenológico-existenciais da comunicação professor-aluno*, defendida em 1977, na PUC-SP (Gomes et al., 2004). Esse escrito, provavelmente, foi um dos estudos brasileiros pioneiro na reflexão das ideias rogerianas à luz da Fenomenologia-Existencial.

Dessa fase de *fertilização* da ACP no Brasil, decorreu outro período de *declínio*, de 1987 a 1989. Com as mortes de Rogers e Rosenberg, em 1987, o movimento de ACP brasileira entrou em luto. Rosenberg exercia uma interlocução direta com Rogers e uma liderança ativa na divulgação e na prática de suas ideias no Brasil (Morato, 2008). Como efeito do falecimento de ambos o movimento nacional perdeu força, havendo uma diminuição significativa de eventos e publicações sobre a ACP (Tassinari & Portela, 2002). Nesse movimento de baixa, observamos alguns marcos que possibilitaram novos ares e um impulso para a ACP brasileira.

O primeiro se remete à dissertação de Virginia Moreira, naquela época conhecida como Virginia Leitão, intitulada *Limites da Abordagem Centrada na Pessoa*, defendida em 1984, na Universidade Federal do Ceará, e a sua tese chamada *Para além da pessoa: um estudo crítico da psicoterapia de Carl Rogers*, defendida em 1990, na PUC-São Paulo. Em ambos os estudos, Moreira (1984, 1990) argumenta que as ideias rogerianas possuem uma visão de homem individualista, capitalista e apartada das contendas sociais do mundo. Em superação a isso, a autora estabelece uma aproximação

crítica das ideias de Rogers com a Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e de outros autores, como Paulo Freire. As ideias de Moreira circularam em diversos Encontros Latino-americanos de ACP e seus estudos de pós-graduação foram organizados e publicados no livro *Más Allá de La persona: hacia una psicoterapia fenomenológica mundana*, em 2001, no Chile. Posteriormente, esse livro foi reorganizado e lançado no Brasil, em 2007, sob o título *De Carl Rogers à Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. Após uma estada na Universidade de Santiago no Chile, Moreira estabeleceu docência na Universidade de Fortaleza, realizando diversas pesquisas que usam como base os referenciais de Rogers, de Merleau-Ponty e da psicopatologia crítica, para desenvolver uma proposta de clínica humanista-fenomenológica (Moreira, 2009, 2013b).

O segundo se refere aos estudos de Mauro Martins AmatuZZi. Em 1988, ele concluiu o doutorado na Universidade de Campinas, com a tese *O resgate da fala autêntica: uma aproximação filosófica da tarefa do psicoterapeuta e do educador*, posteriormente publicada como livro, em 1989, sob o título de *O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. Nesta obra, AmatuZZi (1989) se aproxima da Fenomenologia de Merleau-Ponty, da Pedagogia de Freire e da Filosofia Existencial de Martin Buber para propor implicações desses pensamentos para a elaboração de um modelo de relação horizontal de fala e escuta de expressões autênticas. Essa ideia esteve em sua proposta de Psicologia Humanista, notoriamente de base rogeriana, e se desenvolveu em estudos posteriores (AmatuZZi, 2001, 2010). AmatuZZi foi docente da USP (1987-1994) e da PUC-Campinas (1991-2012), onde desenvolveu diversas pesquisas fenomenológicas sobre grupos, Psicologia clínica e religiosidade. Além de formar em nível de pós-graduação diversos psicólogos humanistas, atualmente reconhecidos no cenário nacional, como Adriano Furtado

Holanda, Tommy Akira Goto, Vera Engler Cury, Elizabeth Freire, entre dezenas de outros psicólogos cujos nomes são impossíveis de mencionar nesse espaço, porém não menos engajados.

Moreira e AmatuZZi possuem vasto número de publicações sobre a ACP, o que permite reconhecê-los como figuras de liderança sobre essa abordagem no Brasil (Gomes et al., 2004). Ambos participaram das vindas de Rogers ao Brasil e se inspiraram nele para estabelecer diálogos com a Fenomenologia, nos campos da clínica, da educação e da pesquisa. Os dois, ainda, foram próximos a John Wood. Frutos de uma *fertilização* da ACP no Brasil, mas imersos em um período de transição entre o *declínio*, de 1987 a 1989, e a *ascensão/renascimento* da ACP no Brasil, de 1990 em diante, Moreira e AmatuZZi possibilitaram uma nova visada à ACP com base nos aportes da Fenomenologia. Obviamente, outros autores, imersos no mesmo contexto, também, contribuíram para isso, somando outras leituras à Psicologia Humanista de Rogers. Além das propostas de AmatuZZi e Moreira, diversas outras produções podem ser apontadas como expressivas naquele período de transição (Cury, 1987; Rosenberg, 1987; Fonseca, 1988; Freire, 1989; Holanda, 1998, Boainain, 1998; Mahfoud, 1999; Morato, 1999).

Notamos que, nas décadas de 1980-1990, começa a se desenvolver uma ACP brasileira marcada pela recepção crítica das ideias de Rogers. Estas, em suma, foram recebidas de uma maneira problematizadora dos seus limites sociais e relacionais, e repensadas, frequentemente, conforme os aportes da Fenomenologia. Decorre disso não mais uma Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, mas uma ACP brasileira, composta por autores nacionais e teorias e práticas que passam a circular e a se desenvolver de modo próprio e distinto do solo estadunidense. Consideramos, portanto, que esses momentos da recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil podem

ser mais bem entendidos, conforme nossa próxima análise sobre as traduções dos livros de Rogers para o português brasileiro.

### **Análise II: traduções das obras de Carl Rogers para o português brasileiro**

O contexto de recepção das ideias de Carl Rogers no Brasil possibilitou as primeiras traduções de algumas obras desse autor, inseridas entre o momento, *pré-histórico* da ACP brasileira (de 1945 a 1976), e o de sua *fertilização* (de 1977 a 1986). Para exemplificar, fizemos um levantamento das obras publicadas por Rogers e suas traduções para o português brasileiro. Trazemos esses indicadores, em seguida, na Tabela 1<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Algumas observações em relação aos livros listados nessa Tabela: (1) *Counseling with returned servicemen* foi traduzido, em 2000, para o português de Portugal, com o título de *Manual de Counseling*, porém não está mais em edição; (2) *Psychotherapie en Menselyke Verhoudingen* não foi publicado nos EUA, mas na Holanda. Ainda não existe tradução para o inglês; (3) *On becoming a person* tem uma tradução em Portugal, em 1970, pela extinta Editora Moraes. Muitos brasileiros se valeram dessa versão antes da tradução para o português brasileiro; (4) *Psychotherapie et relations humaines: theorie et pratique de la therapie non-directive* foi publicado na Bélgica e não está integralmente traduzido para o inglês, embora contenha um capítulo que Rogers, também, publicou, em 1959, no livro organizado por Sigmund Koch, *Psychology: a study of Science*. Esse capítulo foi intitulado *Formulations of the person and social context*.

Tabela 1. Livros de Carl Rogers publicados e traduzidos para o português brasileiro

<b>Livro (Ano de publicação original)</b>	<b>Tradução para o português brasileiro (Ano da 1ª publicação)</b>	<b>Editora</b>
The clinical treatment of the problem child (1939)	O tratamento clínico da criança problema (1978)	Martins Fontes
Counseling and psychotherapy (1942)	Psicoterapia e consulta psicológica (1987)	Martins Fontes
Counseling with returned servicemen (1946)	-	-
Client-Centered Therapy (1951)	Terapia centrada no cliente (1992)	Martins Fontes
Psychotherapy and personality change (1954)	-	-
Psychotherapie en Menselyke Verhoudingen (1959)	Psicoterapia e Relações Humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva – Volume 1 (1975)	Interlivros
On becoming a person (1961)	Tornar-se Pessoa (1976)	Martins Fontes
Psychotherapie et relations humaines: theorie et pratique de la therapie non-directive (1962)	Psicoterapia e Relações Humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva –Volume 2 (1975)	Interlivros
Person to person: the problem of being human (1967)	De pessoa para pessoa: o problema de ser humano (1976)	Pioneira
The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics (1967)	-	-
Man and science of man (1968)	O homem e a ciência do homem (1973)	Interlivros
Freedom to learning: a view of what education might become (1969)	Liberdade de aprender (1973)	Interlivros
Encounter groups (1970)	Grupos de Encontro (1978)	Martins Fontes
Becoming partners: marriage and its alternatives (1972)	Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas (1974)	José Olympio Editora
A way of being (1980)	Um jeito de ser (1983)	EPU
On personal power (1977)	Sobre o poder pessoal (1979)	Martins Fontes
Freedom to Learn for the 80's (1983)	Liberdade de aprender em nossa década (1985)	Artes Médicas
Carl Rogers: the quiet revolutionary: an oral history	-	-
<b>Total</b>	<b>14</b>	

A despeito dessas obras traduzidas, constatamos, ainda, a existência de três livros de Rogers que foram somente publicados no Brasil, em colaboração com alguns psicólogos brasileiros, conforme demonstramos na Tabela 2.

Tabela 2. Livros de Carl Rogers publicados somente no Brasil

<b>Livro (Ano de publicação original)</b>	<b>Colaboradores</b>	<b>Editora</b>
A pessoa como centro (1977)	Rachel Léa Rosenberg	EPU
Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa (1983)	John Wood, Maureen O'Hara e Afonso Fonseca	Summus
Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa (1987)	Antônio Monteiro dos Santos e Maria Bowen	Artes Médicas
Total	3	

Verificamos, também, três entrevistas de Rogers disponíveis em obras organizadas por outros autores, entre eles um brasileiro. A Tabela 3, a seguir, organiza esses dados.

Tabela 3. Entrevistas com Carl Rogers publicadas em português brasileiro

<b>Livro (Ano de publicação original/ Ano de tradução)</b>	<b>Editora</b>
Psicologia humanista: entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers (1971/1975)	Zahar
Carl Rogers: o homem e suas ideias (1975/1979)	Martins Fontes
Momentos Milagrosos: a natureza da mente nos relacionamentos e na psicoterapia (2004) <sup>17</sup>	Vetor
Total	3

Não constituiu uma tabela, contudo é digno de menção o livro organizado por John Wood et al. (2008), um colaborador de Rogers residente no Brasil, intitulado *Abordagem centrada na pessoa*, publicado em 1994 pela Editora da Universidade

<sup>17</sup> Este livro foi lançado somente no Brasil e contém um capítulo com uma entrevista a Rogers.

Federal do Espírito Santo (EDUFES). Nessa obra, constam traduções de seis artigos de Rogers considerados seminais ao seu pensamento. Incluímos essa amostra bibliográfica nas tabelas apresentadas.

Com base nisso, indicamos que, das 18 obras publicadas por Rogers em países estrangeiros, 14 foram traduzidas para o português brasileiro, somando-se a outros 3 livros publicados por ele somente no Brasil. Destarte, existem 17 obras de Rogers publicadas no Brasil, além de haverem 3 livros que contêm entrevistas dele transcritas na íntegra e 1 livro que com traduções de alguns dos seus artigos seminais. Consideramos, pois, esses 21 escritos como as obras de Rogers publicadas no Brasil. Ressaltamos que a editora brasileira que mais publicou os livros de Rogers foi a Martins Fontes (totalizando 5 livros e 1 entrevista).

Observamos que os primeiros escritos de Rogers traduzidos foram *O homem e a ciência do homem* e *Liberdade de aprender*, ambos publicados em 1973. Nos anos de 1970, especificamente de 1973 a 1979, concentra-se o maior número de publicações das obras de Rogers no Brasil, totalizando 13 ( $n = 61,9\%$ ); na década de 1980, de 1983 a 1987, foram publicados 5 livros ( $n = 23,8\%$ ); nos anos de 1990 somente foram publicados 2 dois escritos ( $n = 9,5\%$ ); e, na década de 2000 somente foi publicada 1 obra ( $n = 4,8\%$ ). Observamos que nos anos de 1970-1980 ocorreram o período áureo de publicações das obras de Rogers no Brasil ( $n = 85,7\%$ ), enquanto os anos de 1990-2000 denotam um declínio em relação a tais publicações ( $n = 14,3\%$ ). Na década de 2010 até o presente momento, 2015, não houve nenhuma nova tradução de algum livro de Rogers para o português brasileiro; todavia, 3 opúsculos de Rogers foram traduzidos e publicados em um periódico humanista nacional (Rogers & Buber, 2008; Rogers & Tillich, 2008; Rogers, 2014).

Sobre a atual edição desses livros no Brasil, 7 continuam a ser editadas, a saber, *Psicoterapia e Consulta Psicológica, Tornar-se Pessoa, Grupos de Encontro e Sobre o Poder Pessoal*, pela Editora Martins Fontes; e, *Um jeito de Ser e A pessoa como centro*, pela Editora Pedagógica Universitária (EPU). O livro organizado por Wood e outros, *Abordagem Centrada na Pessoa*, também, encontra-se em edição pela EDUFES.

Enfatizamos alguns apontamentos em relação a esse levantamento de traduções de obras de Rogers para o português brasileiro: (1) diferentemente dos livros de Sigmund Freud, por exemplo, as obras de Rogers estão dispersas em várias editoras, muitas sem uma atual edição; (2) os principais livros de Rogers que apresentam suas sistematizações teóricas e clínicas, *Terapia Centrada no Cliente e Psicoterapia e Relações Humanas – Volumes 1 e 2*, não estão mais sendo editados; (3) o mesmo acontece com as entrevistas com Rogers que possibilitam ao leitor outro entendimento de sua vida e obra; (4) os principais livros educacionais de Rogers, *Liberdade de Aprender e Liberdade de aprender em nossa década* não estão sendo mais editados; (5) os dois livros de Rogers que tratam o seu plano metodológico de pesquisas empíricas sobre os processos de mudança de personalidade na clínica, *Psychotherapy and Personality Change* e *The Therapeutic Relationship and its Impact: a Study of Psychotherapy with Schizophrenics* não estão traduzidos para o português; (6) a autobiografia de Rogers, *Carl Rogers: the quiet revolutionary: an oral history*, também não tem tradução para o português.

Consideramos que as consequências desses seis apontamentos é uma restrição ao conhecimento total dos planos de pesquisa e de fundamentação teórica, clínica e educacional de Rogers, além do conhecimento parcial da vida e da obra desse autor conforme suas narrativas. Por copilar diversos artigos de Rogers publicados na década de 1950, que versam esses assuntos, provavelmente, a obra *Tornar-se Pessoa* é a mais

conhecida no Brasil. A leitura desse livro possibilita um acesso parcial, embora profícuo, a uma totalidade do pensamento de Rogers que continuou a progredir nas décadas seguintes.

Todos esses fatores apontados e refletidos caracterizam uma via de acesso à recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, nos anos de 1970 a 2000. Obviamente, muitos autores brasileiros produziram livros sobre Rogers ou utilizaram o referencial dele nos campos teóricos, práticos e de pesquisa, mas esse não foi o foco deste estudo, dado que nos remetemos a Rogers como fonte primária dessas reflexões.

Argumentamos, portanto, com base nessa análise, que dois fatores possivelmente contribuíram para a ascensão de um movimento brasileiro ACP pós-Rogers de orientação fenomenológico-existencial. O primeiro se remete às traduções de Rogers dispersas em vários anos. Isso pode ter acarretado uma sobreposição filosófica fenomenológico-existencial como fundamentação da teoria de Rogers. Este foi simpático ao movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense e estabeleceu diálogo com os pensamentos existenciais de Søren Kierkegaard e Martin Buber. Esse foi o caminho que muitos autores brasileiros encontraram para aprofundar essas filosofias e as implicarem à ACP – talvez mais do que o próprio Rogers. O segundo ocorre mediante a uma das vindas de Rogers para o Brasil, em 1985, quando, em uma fala, ele deixou clara sua aversão a *rogerianismos*, salientando que ele mesmo não era um rogeriano e que o seu pensamento era aberto a outras possibilidades de desenvolvimento. Ou seja, o próprio Rogers deu permissão para outras utilizações e fundamentações de sua abordagem lhe sendo elas contínuas ou descontínuas. Ele afirmou que cada psicólogo deveria encontrar o próprio caminho no jeito de ser centrado na pessoa (Tassinari & Portela, 2002). Desses fatores, partimos para o entendimento da circulação de artigos sobre Rogers, publicados em periódicos

brasileiros, com o intento de elucidar o *status* corrente da ACP brasileira segundo nossa visada bibliográfica.

### **Análise III: circulação de artigos sobre a Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil (2002-2014)**

Josef Brožek (1998), pioneiramente, postulou uma abordagem historiográfica que objetivou analisar o impacto de determinadas correntes psicológicas em sua migração de um local para outro, com base no exame de publicações de artigos em periódicos sobre tais correntes em um dado país – por exemplo, ele fez uma pesquisa sobre a repercussão da Psicologia wundtiana no cenário estadunidense pelo exame de citações sobre ela em periódicos científicos. Embora Brožek não use os conceitos de *recepção* e *circulação*, entendemos que a sua abordagem consiste, basicamente, em proceder a um levantamento bibliográfico sobre um autor e sua abordagem psicológica para fazer inferências sobre a extensão de suas influências em outros países. Essa proposta coaduna-se com o nosso objetivo e serve, conforme o nosso entendimento, para apreender os processos de recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil.

Em 2005, o historiador da vida e obra de Rogers, Howard Kirschenbaum, em parceria com April Jordan, publicou o artigo *The current status of Carl Rogers and the person centered-approach*. Nesse escrito, os autores buscaram identificar o que eles designaram como o *status* corrente da abordagem centrada na pessoa (ACP) no mundo. Kirschenbaum e Jordan (2005) constataram que, desde a morte de Rogers, em 1987, o número de publicações sobre a ACP aumentou substancialmente junto com vários

centros de formação no Mundo<sup>18</sup>. Os autores identificaram a existência de 456 artigos sobre a ACP, publicados de 1946 a 1986, e 462 textos, publicados de 1987 a 2004, evidenciando uma prevalência de artigos empíricos que discutem os resultados da terapia e dos fatores comuns que a promovem e sustentam a sua relação. Conquanto o estudo de Kirschenbaum e Jordan (2005) seja ilustrativo e nos inspire, ele não versou a realidade de produções brasileiras sobre a ACP, somente as dos EUA e as da Europa – o que nos instigou a realizar tal feito.

Apropriamo-nos das propostas de Brožek (1998) e Kirschenbaum e Jordan (2005), segundo a nossa inspiração, para entender os processos de recepção e circulação da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil. No esteio dessas duas fontes de inspiração historiográfica, optamos por limitar o nosso estudo a artigos publicados em periódicos nacionais, pois ponderamos que no Brasil uma parte significativa da produção científica está relacionada às universidades e seus centros de pesquisa. A maioria dessas instituições subsidia a formação de psicólogos e mantém diversos periódicos, os quais possibilitam que suas produções científicas circulem e propaguem um conhecimento (Pacheco, 2005).

Ajuizamos a ideia de que as publicações de artigos em periódicos oferecem um suporte à Ciência na circunstância de recepção e circulação de uma Psicologia em um país. Diferentemente dos livros, os artigos publicados em periódicos científicos, atualmente virtualizados e disponíveis na *internet*, oferecem uma divulgação de conhecimento mais ampla, direta e sem custos, para a comunidade brasileira; daí, a nossa opção de nos restringir ao exame da circulação de artigos sobre a Psicologia Humanista de Rogers em periódicos brasileiros para, posteriormente, fazer inferências sobre a sua recepção.

---

<sup>18</sup> No artigo consta somente uma menção ao Centro de Estudos da Pessoa, em Porto Alegre, como espaço brasileiro de formação em ACP. O trabalho, todavia, não considera outros diversos centros de formação espalhados pelo Brasil.

O levantamento bibliográfico aqui proposto abordou duas bases de dados, ou bibliotecas virtuais, a saber, o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o *Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia* (PePSIC). O SciELO é o banco de dados virtuais de periódicos científicos mais popular do Brasil, em razão de sua política de indexação de vários periódicos, oriundos de áreas diversas, e de acesso aberto (gratuito) no País e em outros 12 países ibero-americanos, mais Portugal e a África do Sul. Criado em 1998, e atualmente contando mais de 1 milhão de acessos por dia, o SciELO é considerado pela *United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) como o maior provedor de periódicos indexados e de acesso aberto do Mundo (Packer, Cop, Luccisano, Ramalho & Spinak, 2014). O PePSIC é uma fonte da *Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia* (BVS-Psi ULAPSI), lançada em 2005, que utiliza o mesmo formato e método de organização de dados do SciELO. Apesar de possuir uma política de acesso aberto, diferentemente do SciELO, o PePSIC se concentra somente na divulgação dos periódicos de Psicologia no Brasil. Atualmente, o PePSIC tem distribuição em 10 países, além do Brasil. Assim, avaliamos o SciELO e o PePSIC como as bibliotecas virtuais que melhor servem como fontes de dados para a nossa pesquisa, pois ambas têm representatividade na circulação de artigos científicos na Psicologia brasileira<sup>19</sup>.

Fizemos um levantamento de *termos*, também conhecidos como descritores ou palavras-chave, relacionados à Psicologia Humanista de Rogers, no índice de *assuntos* do SciELO. Constatamos a existência dos seguintes termos (total de 9): Carl Rogers, Terapia Centrada no Cliente, Abordagem Centrada na Pessoa, Terapia não-diretiva,

---

<sup>19</sup> Havíamos planejado, inicialmente, incluir o Banco de Teses da CAPES neste estudo. No período de coleta, entretanto, devido à manutenção e reformulação no sistema de catalogação de teses e dissertações, a CAPES delimitou todas as buscas somente aos anos de 2011 e 2012. Essa restrição nos impossibilitou de fazer uma pesquisa mais abrangente, restando-nos esperar a CAPES reestabelecer os outros anos para, futuramente, concretizarmos o planejado.

Psicoterapia Humanista, Psicoterapia Humanista-Fenomenológica, Psicologia Humanista, Psicologia Humanística e Plantão Psicológico. Repetimos o mesmo procedimento no PePSIC, ao passo que obtivemos os seguintes termos (total de 19): Carl Rogers, Carl Rogers's Theory, Teoria Rogeriana, Abordagem Centrada na Pessoa, Terapia Centrada no Cliente, Terapia Centrada en el Cliente, Terapia Centrada na Pessoa, Terapia Centrada em la Persona, Psicoterapias Humanistas, Psicologia Humanista, Psicologia Humanista Existencial, Psicologia Humanística, Psicoterapia Existencial, Psicoterapia Existencialista, Psicoterapia Fenomenológico-Existencial, Plantão psicológico, Planton, Planton Psicológico e Aconselhamento Psicológico.

Todos os artigos resultantes da aplicação desses termos no sistema de dados foram copilados em tabelas. Os critérios que utilizamos para a seleção e tabulação dos artigos foram que estes possuísem em seu título, resumo e palavras-chave qualquer assunto (teórico, empírico ou relato de experiência) que remetesse à Psicologia Humanista de Rogers. Em caso de dúvidas, procedemos à leitura integral do texto para confirmar se ele remetia a algo de Rogers e de sua abordagem. Os artigos foram divididos em relação ao título, o nome do(s) autor(es), a filiação institucional, o periódico onde foi publicado, o ano de publicação e o tema do trabalho. No caso de repetição de um artigo em relação ao seu termo e a sua disponibilidade de acesso nas duas bibliotecas virtuais, salientamos que ele foi catalogado somente uma vez.

Após a organização desses dados, segundo os critérios mencionados, procedemos a uma leitura geral deles, de modo a identificar o *status* corrente da circulação de ideias sobre Rogers e sua Psicologia Humanista no Brasil. Consideramos que o momento de *ascensão/renascimento* da ACP no Brasil, descrito por Tassinari e Portela (2002), no período de 1990 em diante, necessitava de algumas atualizações, dado que as autoras fizeram essa ponderação em 2002. Assim, propomo-nos apurar essa

reflexão conforme as investigações dos artigos publicados nos últimos anos até o momento atual, ou seja, de 2002 até 2014<sup>20</sup>. O número total de trabalhos analisados, nesse período, foi 58. Conforme observamos na Tabela 4, os dados quantificados indicaram maior circulação de artigos no PePSIC, concentrando 74,2% dos textos analisados – talvez pelo fato de esse banco de dados ser exclusivo da Psicologia.

*Tabela 4.* Total de artigos obtidos no SciELO e no PePSIC, de 2002 a 2014

<b>Banco de dados</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
SciELO	15	25,8
PePSIC	43	74,2
Total	58	100

Desse montante geral, distribuimos o número de publicações sobre a Psicologia Humanista de Rogers, nos últimos 12 anos, segundo indicamos na Tabela 5.

*Tabela 5.* Distribuição de publicações nos anos de 2002 a 2014

<b>Ano</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
2002	1	1,8
2003	-	-
2004	-	-
2005	1	1,8
2006	3	5,1
2007	1	1,8
2008	1	1,8
2009	8	13,7
2010	4	6,9
2011	6	10,3
2012	15	25,8
2013	5	8,6
2014	13	22,4
Total	58	100

Percebemos que o ano de 2012 reúne o maior número de publicações ( $n = 25,8\%$ ), sendo ele o mais produtivo no período analisado. O biênio 2003-2004, por sua vez, foi o mais improdutivo na circulação de artigos nas bases consultadas. Após 2005,

<sup>20</sup> Não inserimos o ano de 2015, pois consideramos que este, ainda, não foi encerrado em termos de publicação de periódicos. Obviamente, existem artigos publicados em 2015, relacionados à Psicologia Humanista de Rogers, no entanto um levantamento detalhado disso somente será possível em 2016.

não houve nenhum ano improdutivo, havendo constantes publicações sobre a Psicologia Humanista de Rogers. Em relação ao número de artigos publicados em 2014 (total de 13), inferimos que um motivo para isso ocorre pela recepção do *XII Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa* no Estado do Ceará, nos dias 26 de maio a 1º de junho, de 2013 (Moreira, 2013c). Esse Fórum contou com representantes da ACP de 13 países e possibilitou discussões e trocas de experiências que geraram diversos trabalhos, alguns deles publicados, no ano de 2014, em uma edição especial da Revista da Abordagem Gestáltica – *Phenomenological Studies*, dedicada a publicar quinze trabalhos derivados daquele evento (Holanda, 2014). Ainda no âmbito da inferência, possivelmente, o pico de publicações de 2012 seja um indício de organizações de trabalhos e discussões que se assentavam antes da eclosão do Fórum mencionado.

Outra constatação, com suporte nos dados analisados, refere-se ao desempenho dos periódicos brasileiros que publicaram artigos sobre a Psicologia Humanista de Rogers, nos anos de 2002 a 2014, segundo mostramos na Tabela 6. Consideramos como *Demais Periódicos* aqueles que possuem somente 1 publicação.

Tabela 6. Desempenho dos periódicos brasileiros

<b>Periódico</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Revista da Abordagem Gestáltica – <i>Phenomenological Studies</i>	16	27,5
Revista do NUFEN – <i>Phenomenology and Interdisciplinarity</i>	15	25,8
Estudos de Psicologia (Campinas)	7	12,1
Estudos e pesquisas em psicologia	4	6,9
Temas em psicologia	3	5,1
Psicologia: Teoria e Pesquisa	2	3,5
Psicologia: Reflexão e Crítica	2	3,5
Arquivos Brasileiros de psicologia	2	3,5
Demais Periódicos	7	12,1
<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>100</b>

A Revista da Abordagem Gestáltica – *Phenomenological Studies*, com o total de 16 artigos publicados, seguida da Revista do NUFEN – *Phenomenology and Interdisciplinarity*, com o total de 15 artigos, concentram mais da metade ( $n = 53,3\%$ ) de produções e circulações sobre a Psicologia Humanista de Rogers no período analisado. Esse fato ocorre, possivelmente, em razão de os dois periódicos possuírem uma orientação editorial focada na publicação de artigos de orientação humanística, fenomenológica e existencial no campo da Psicologia.

Ressaltamos que de um ponto de vista produtivista, as Tabelas 5 e 6 demonstram escassez de produção de artigos sobre Rogers nos últimos doze anos e exprimem uma concentração de circulação em dois periódicos. Com base nisso, entendemos que: há uma dificuldade ou resistência de muitos autores aderirem à lógica de publicação em periódicos acadêmicos; existe uma predileção de publicar em periódicos especificamente humanistas, havendo pouca circulação em periódicos de orientação editorial geral, que possibilitam visibilidade ao público de outras abordagens psicológicas. Avançamos no entendimento de como esses artigos levantados desvelam a circulação nacional de conhecimentos sobre a ACP.

No que concerne ao desempenho individual de autores que publicaram nos periódicos analisados, cujos resultados estão na Tabela 7, estabelecemos um ranque dos cinco psicólogos com maior índice de produção no período compreendido.

Tabela 7. Desempenho individual de publicações

<b>Autor</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Virgínia Moreira	9	8,6
Vera Engler Cury	5	4,8
Márcia Alves Tassinari	4	3,8
Emanuel Meireles Vieira	4	3,8
José Célio Freire	4	3,8
Demais autores	79	75,2
<b>Total</b>	<b>105</b>	<b>100</b>

Observamos que Virgínia Moreira, docente da Universidade de Fortaleza, foi a mais produtiva, totalizando 9 artigos. É importante ressaltar que Moreira foi citada em outros estudos (Tassinari & Portela, 2002; Gomes et al., 2004), como figura de liderança na circulação de artigos sobre a ACP no Brasil, com base em levantamentos bibliográficos anteriores que não foram especificados pelos seus autores. Esse destaque permanece até o ano de 2014. Moreira, ainda, é apontada em outro estudo bibliométrico como pesquisadora de destaque na produção de artigos que fazem uso do método fenomenológico empírico (DeCastro, 2009) – frisamos, no entanto, que esse estudo não necessariamente tem relação com a ACP e com a nossa proposta de levantamento bibliográfico. Uma curiosidade se mostra no ranque de autores que mais publicaram no período compreendido, três deles, a saber, Virginia Moreira, Emanuel Meireles Vieira e José Célio Freire são do Ceará. Considerando o total de 58 artigos analisados no SciELO e no PePSIC, eles têm 24,3% da produção no período de 2002-2014. Conquanto tenha sido mencionado como uma das figuras de maior produtividade na perspectiva de uma geração de *acpistas* brasileiras (Gomes et al., 2004), sobretudo nos anos de 1980-1990, Mauro Martins Amatuzzi somente apresentou 1 artigo publicado em nosso levantamento. Sua ex-doutoranda, Vera Engler Cury, também, docente da PUC-Campinas, figura como uma autora com produções nos anos de 2000 até o momento atual.

Outra análise realizada foi o levantamento do desempenho institucional de Universidades e centros de formação em que se filiam os 105 autores dos 58 artigos tabulados. Em outras palavras, foi feita uma investigação sobre a filiação institucional de cada autor e coautor dos artigos levantados, conforme podemos observar na Tabela 8.

Tabela 8. Desempenho institucional de publicações sobre a Psicologia Humanista de Rogers

Instituição	Frequência	%
UFC	19	18,1
UNIFOR	18	17,1
PUC-Campinas	14	13,3
Espaço Viver Psicologia - SC	10	9,6
UFPA	6	5,7
Universidade Estácio de Sá (RJ)	6	5,7
PUC-Minas	4	3,8
FANOR - CE	2	1,9
UFTM	2	1,9
USP	2	1,9
UERJ	2	1,9
Demais Instituições	20	19,1
Total	105	100

Como resultado, percebemos que a Universidade Federal do Ceará e a Universidade de Fortaleza concentram a maior produtividade nacional de artigos sobre a Psicologia Humanista de Rogers. Ambas totalizam 37 artigos, ou seja, 35,2% da produção nacional. Optamos pelo registro, nessa Tabela, de todas as instituições que publicaram 2 ou mais artigos sobre a ACP, aglomerando sobre a designação de *Demais Instituições* as que publicaram somente 1 manuscrito. Desse montante de 105 filiações institucionais, registramos 5 filiações estrangeiras de autores advindos de Portugal (total de 3), da Espanha (total de 1) e da Rússia (total de 1). Em um exame mais detalhado, observamos que eles produziram 5 artigos que, basicamente, são os textos de procedência estrangeira publicados no Brasil no período compreendido, contabilizando 8,6% do total de publicações.

Descartamos, posteriormente, essas 5 filiações estrangeiras para distribuirmos as demais 100 filiações brasileiras dos autores que publicaram sobre a Psicologia Humanista de Rogers, com o intento de verificar suas circulações em todas as regiões do Brasil. O resultado se encontra na Tabela 9.

Tabela 9. Frequência de publicações por filiações nacionais nas regiões do Brasil

<b>Região</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Nordeste	41	41
Sudeste	38	38
Sul	13	13
Norte	7	7
Centro-Oeste	1	1
Total	100	100

O Estado nordestino apresenta a maior concentração de autores que publicaram sobre a ACP ( $n = 41\%$ ). Este dado coaduna-se com os resultados das Tabelas 7 e 8, que denotam uma predominância de autores e instituições cearenses sobre o cenário nacional de circulação de artigos sobre a Psicologia Humanista de Rogers. O sudeste, também, manifesta uma produção e circulação expressiva no cenário nacional, apresentando mais heterogeneidade institucional em relação aos autores. Notamos, destarte, com base nos dados analisados nas Tabelas 7, 8 e 9, que a produção da ACP no Brasil tem concentração representativa em Fortaleza-Ceará. Esta cidade, historicamente, foi marcada por sediar diversos cursos de formação humanista, receber colaboradores de Rogers, como John Wood e Maureen O'Hara, e contar com diversos docentes humanistas em suas universidades, sejam eles filiados a programas de graduação ou de pós-graduação. Existe, portanto, um contexto favorável à formação e a circulação de ideias humanistas que explicam a produtividade representativa dos cearenses no cenário nacional da ACP (Cavalcante & Sousa, 2007; Tassinari, 2010; Moreira, 2013c).

No que concerne ao caráter, ou tipo, de artigos que circularam de 2002 a 2014 no Brasil, obtivemos os seguintes resultados na Tabela 10.

Tabela 10. Caráter da circulação de artigos sobre a ACP de 2002 a 2014

<b>Caráter</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Teórico	47	81,1
Empírico	10	17,2
Relato de experiência	1	1,7
Total	58	100

Esses dados nos permitem fazer algumas inferências sobre o *status* corrente da ACP brasileira. Primeiro, apontamos o fato de que há notória hegemonia de circulação de artigos teóricos ( $n = 81,1\%$ ) em relação aos artigos de vertente empírica ( $n = 17,2\%$ ). O número de relatos de experiência ( $n = 1,7\%$ ) não se faz representativo no panorama nacional. Esses dados se distinguem dos resultados apontados por Kirschenbaum e Jordan (2005), em relação à predominância de artigos empíricos sobre a Psicologia Humanista de Rogers em periódicos estrangeiros. Ressaltamos que, dos 10 artigos empíricos analisados, 6 são estudos fenomenológicos empíricos, 2 são estudos de caso etnomentodológicos, 1 procede de uma análise documental sobre arquivos e 1 é um estudo qualitativo não especificado. Ponderamos, por um lado, que a falta de empiria pode constituir um problema relacionado à constituição de uma perspectiva científica mais robusta ao movimento nacional da ACP. Por outra via, os excessos de produções teóricas indicam a circulação desse movimento como reflexivo aos aportes de Rogers. O equilíbrio entre a teoria e a pesquisa empírica, segundo pensamos, é profícuo ao desenvolvimento desse movimento.

Aprofundamos, em seguida, as temáticas relacionadas aos 58 artigos em circulação de 2002 até 2014. Como resultado, distribuímos-las na Tabela 11. Ressaltamos que agrupamos diversos artigos com temáticas teóricas de discussões conceituais e históricas sobre a Psicologia Humanista de Rogers, por entendermos que muitos periódicos brasileiros possuem a categoria de submissão de *artigos teóricos e históricos*. Esse foi o motivo para criarmos esse grupo temático para tabular alguns artigos.

Tabela 11. Temáticas discutidas nos artigos

<b>Temática</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Clínica	22	37,9
Teórica/Histórica	20	34,5
Saúde	9	15,5
Organizacional	3	5,1
Hospitalar	2	3,4
Educacional	1	1,8
Jurídica	1	1,8
<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>100</b>

Existe, pois, maior quantidade de artigos que versam acerca das discussões no âmbito da clínica ( $n = 37,9\%$ ), a despeito de eles serem teóricos ou empíricos. Esse dado condiz com a tradição de pesquisas e produção de conhecimento sobre a Psicologia Humanista de Rogers, dado que essa abordagem possui em seu escopo teórico e prático, desde a sua fundação, uma contenda clínica. As temáticas teóricas e históricas, também, denotam uma significativa circulação em periódicos brasileiros ( $n = 34,5\%$ ), não havendo diferença tão significativa relativamente à circulação de discussões clínicas apontadas. Esse dado, conforme inferimos, relaciona-se com o que discutimos na Tabela 10. Em suma, o *status* corrente da ACP brasileira é de uma circulação de conhecimentos clínicos e discussões teóricas e históricas sobre o legado de Rogers.

Nesse panorama, considerando as características levantadas sobre a ACP brasileira, com esteio na circulação dos seus artigos, lembramos que, em seu movimento, há uma orientação fenomenológica que soma outra qualidade a ele (Frota, 2012). Com base nisso, destacamos 11 textos, dos 58 artigos analisados, que possuíam algum referencial fenomenológico na ACP. Tais artigos representam 18,9% do total obtido. Desses manuscritos, obtivemos os seguintes resultados, dispostos na Tabela 12.

Tabela 12. Artigos que versam a ACP de orientação fenomenológica

<b>Referencial fenomenológico</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Emanuel Lévinas	4	36,3
Maurice Merleau-Ponty	2	18,2
Martin Heidegger	1	9,1
Hans-Georg Gadamer	1	9,1
Paul Ricoeur	1	9,1
Alfred Schutz	1	9,1
Arthur Tatossian	1	9,1
Total	11	100

Com efeito, existe uma variedade de (re)leituras do legado de Rogers à luz do referencial fenomenológico. Somando-os aos 6 artigos empíricos, analisados na Tabela 10, que utilizaram pesquisa fenomenológica empírica, são 17 artigos publicados que tratam algo da Fenomenologia na ACP (29,3% do total coletado). Esse é o *status* corrente da circulação de artigos de ACP de orientação fenomenológica, nos bancos de dados do SciELO e do PePSIC, de 2002 até 2014.

Entendemos que, no Brasil, circula um tipo de ACP pós-Rogers que se interessa pelos aportes da Fenomenologia, sobretudo os de natureza filosófica para implicá-las em discussões clínicas e teóricas (Frota, 2012). Por um lado, a ACP brasileira concretiza aquilo que Rogers foi receoso em relação à Filosofia fenomenológica, dado que ele viu com ressalva a imersão dessa Filosofia na Psicologia, em razão do risco de a ciência psicológica se perder em questões filosóficas e numa falta de empiria (Rogers, 1964); por outro lado, o movimento de ACP brasileira tem como qualidade o desenvolvimento de pesquisas fenomenológicas empíricas, algo que Rogers não o fez, mas foi simpático e sugeriu como possibilidade para o avanço de uma Psicologia Humanista mais coerente com o campo das Ciências Humanas (Rogers, 1985). Rogers se apropriou indiretamente da Fenomenologia, com base na sua participação em um movimento de recepção dela na Psicologia estadunidense, nos anos de 1940-1960. Esse movimento tinha como características esse receio filosófico e o entendimento da

Fenomenologia como um paradigma de pesquisa em Ciências Psicológicas e estudos sobre a personalidade (Rogers, 1947/1959, 1964). O movimento da ACP pós-Rogers no Brasil se apropria mais diretamente dos aportes da Fenomenologia que se desenvolveram na Europa para (re)pensar a clínica centrada na pessoa e assume o desenvolvimento de uma Ciência Humana usando métodos de pesquisa qualitativa, sobretudo o fenomenológico-empírico. Eis os pontos da distinção entre a ACP de Rogers nos EUA e a ACP pós-Rogers, no Brasil.

Analisados e discutidos os resultados desse levantamento bibliográfico, finalmente, apontamos que esses dados atualizam parte da pesquisa precedida por Tassinari e Portela (2002). Intencionamos sugerir, com base no que foi exposto, que o momento de *ascensão/renascimento* da ACP no Brasil, hoje, pode ser delimitado dos anos de 1990 a 2002. Deste ano até 2014, questionamo-nos se essa *ascensão/renascimento* estagnou no âmbito acadêmico de produção científica de artigos em periódicos nacionais. As autoras mencionadas empregaram outras fontes para nomear tal momento, como o registro de núcleos, boletins, eventos acadêmicos, vivenciais e profissionais cursos de formação, artigos publicados, dissertações, teses e livre docência, livros nacionais e depoimentos<sup>21</sup>. Pelo o nosso levantamento, até a metade da década vigente, há uma estabilidade de produções e circulações de conhecimentos, em termos de artigos científicos, sobre a Psicologia Humanista de Rogers. Contudo, o que foi minutado, comparado ao número de produções de outras psicologias (comportamentais e psicanalíticas) nos últimos doze anos, pode ser considerado pouco produtivo. Certamente, a utilização de outros critérios de circulação da ACP do Brasil possibilitariam outros dados que poderão apontar se ela, ainda, encontra-se em *ascensão/renascimento* ou mudou para outro momento.

---

<sup>21</sup> Ressaltamos que Tassinari e Portela (2002) não especificaram como coletaram e analisaram esses dados, sobretudo, o levantamento de artigos, dissertações e teses.

## Considerações finais

Este estudo buscou traçar um panorama histórico da recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil, nos anos de 1945 a 2014. Para dar conta dessa extensa delimitação temporal, organizamos uma divisão dos momentos de recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, analisamos as traduções de suas obras para o português brasileiro e fizemos um levantamento bibliográfico da circulação de artigos produzidos sobre essa Psicologia em dois bancos de dados virtuais (SciELO e PePSIC). Tais critérios forneceram informações compreensivas ao desenvolvimento histórico de uma *abordagem centrada na pessoa* (ACP) brasileira. Em especial, o estudo sobre a circulação de artigos produzidos sobre a Psicologia Humanista de Rogers se integra ao movimento de sua recepção no Brasil, que é caracterizado por uma perspectiva reflexiva sobre os seus aportes teóricos e práticos.

A despeito dos resultados obtidos e discutidos conforme os critérios utilizados, ressaltamos que eles devem ser entendidos com certa cautela, por terem sido realizados com base em análises parciais, porém representativas ao estudo da recepção e circulação da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil. Para maior realização, recomendamos estudos sobre: as traduções de obras dos colaboradores de Rogers; os livros produzidos por autores brasileiros; os artigos que circulam em outras bases de dados, por exemplo, o Lilacs-BIREME; as teses e dissertações defendidas no período compreendido. Historiografia local, como em Fortaleza ou em Campinas, seria outra possibilidade de investigação sobre a recepção e circulação da ACP em regiões brasileiras. Esperamos que, futuramente, a realização de tais estudos se concretize, gerando uma ampliação compreensiva sobre os aspectos históricos da ACP brasileira e suas singularidades em

relação as suas manifestações em outras localidades do mundo. Embora não exaustivo, por ora, consideramos que este estudo oferece um apoio e uma visada que amplia o alcance e o interesse pelo tema da História da ACP no Brasil e da ACP brasileira.

Não pertence ao foco e ao escopo deste estudo, mas constitui outro, uma problematização epistemológica e histórica sobre as possibilidades e os limites da apropriação da Fenomenologia pela ACP brasileira. A Fenomenologia, em seu cerne, possui uma base de entendimento sobre a noção de experiência consciente, que é distinta da ideia rogeriana, com procedência funcionalista e pragmatista. Tal articulação implica uma discussão epistemológica e uma compreensão histórica que deve ser considerada pelos estudiosos da ACP e interessados na Fenomenologia.

## Referências

- Amatuzzi, M. (1989). *O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. Campinas, SP: Papirus.
- Amatuzzi, A. (2001). *Por uma psicologia humana*. Campinas, SP: Alínea.
- Amatuzzi, A. (2010). *Rogers: ética humanista e psicoterapia*. Campinas, SP: Alínea.
- Bandeira, E. (2012). *Carl Rogers no Brasil*. São Paulo: GRD Edições.
- Boainain, E. (1998). *Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers*. São Paulo: Summus.
- Brožek, J. (1998). Abordagem quantitativa: Wundt na América. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 351-3361). São Paulo: Unimarco; Loyola.

- Campos, R. (2003). *A abordagem centrada na pessoa (na História da Psicologia no Brasil)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Campos, R. (2005). A abordagem centrada na pessoa na História da Psicologia no Brasil: da psicoterapia à educação, ampliando a clínica. *Psicologia da Educação*, 21(2), 11-31.
- Cavalcante, F. & Sousa, A. (2007). História da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 433-437.
- Cavalcante, F. & Montenegro, A. (2009). Irmão Henrique Justo: um pioneiro na Psicologia Humanista do Brasil. *Memorandum*, 16, 85-91.
- Cury, V. (1987). *Psicoterapia centrada na pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Dagfal, A. (2004). Para una «estética de la recepción» de las ideas psicológicas. *Frenia*, IV(2), 07-16.
- DeCastro, T. (2009). *Lógica e técnica na redução fenomenológica: da filosofia à empiria em psicologia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Fonseca, A. (1988). *Grupo, fugacidade, ritmo e forma: processo de grupo e facilitação na psicologia humanista*. São Paulo: Ágora.
- Freire, J. (1989). *A ética da psicologia centrada na pessoa de Carl Rogers*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.

- Frota, A. (2012). Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 168-178.
- Gomes, W., Holanda, A. & Gauer, G. (2004). História das abordagens humanistas em psicologia no Brasil. Em M. Massimi (Org.). *História da psicologia no Brasil do Século XX* (pp. 105-129). São Paulo: E.P.U.
- Grynzspan, M. (2012). Por uma sociologia histórica da recepção e da circulação de textos. *Revista de Sociologia e Política*, 20(44), 11-30. Acesso em 03 de junho, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v20n44/v20n44a02.pdf>
- Holanda, A. (1998). *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos.
- Holanda, A. (2014). Editoria. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(1), VII-VIII.
- Justo, H. (2012). Caminhos da abordagem centrada na pessoa no sul do Brasil. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 95-104.
- Kirschenbaum, H. & Jordan, A. (2005). The current status of Carl Rogers and the person centered-approach. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 42(1), 37-51.
- Mahfoud, M. (Org.). (1999). *Plantão psicológico: novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Morato, H. (Org.). (1999). *Aconselhamento psicológico: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morato, H. (2008). Sobre Rachel Léa Rosenberg (1931/1987). *Psicologia USP*, 19(1), 98-100.

- Moreira, V. (1984). *Limites da Abordagem Centrada na Pessoa*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.
- Moreira, V. (1990). *Para além da pessoa: um estudo crítico da psicoterapia de Carl Rogers*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Moreira, V. (Org.) (2009). *Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia(Campinas)*, 27(4), 537-544.
- Moreira, V. (2013a). *Da proposta de Carl Rogers à psicoterapia humanista-fenomenológica: revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa*. Em V. Moreira (Org.). Revisitando as psicoterapias humanistas (pp. 25-34). São Paulo: Intermeios.
- Moreira, V. (Org.) (2013b). *Revisitando as psicoterapias humanistas*. São Paulo: Intermeios.
- Moreira, V. (2013c, maio 14). O Ceará é referência em psicologia humanista. Diário do Nordeste. Acesso em 14 de junho, 2015. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1266740>
- Moreira, V., Landim, L. & Romcy, G. (2014). John Keith Wood e a abordagem centrada na pessoa no Brasil. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(1), 63-70.
- Pacheco, M. (2005). Produção científica e avaliação psicológica. Em G. Winter (Org.). *Metaciência e psicologia* (pp. 07-34). Campinas, SP: Alínea.
- Packer, A., Cop, N., Luccisano, A., Ramalho, A. Spinak, E. (Orgs.). (2014). *SciELO – 15 anos de acesso aberto e comunicação científica*. Paris: UNESCO.

- Psicologia: Ciência e Profissão. (1999). Henrique Justo – homenageado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(3), 77.
- Psicologia: Ciência e Profissão. (2003). Oswaldo de Barros Santos – homenageado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(3), 101.
- Rogers, C. (1959). Some observations on the organization of personality. Em A. Kuenzli (Org.). *The phenomenological problem* (pp. 49-75). New York: Harper & Brothers Publishers. (Original publicado em 1947).
- Rogers, C. (1964). Toward a science of the person. Em T. Wann (Org.). *Behaviorism and phenomenology: contrasting bases for modern psychology* (pp. 109-131). Chicago: University of Chicago Press.
- Rogers, C. & Rosenberg, R. (1977). *A pessoa como centro*. EPU: São Paulo.
- Rogers, C. (1983). *Um jeito de ser* (M. Kupfer, H. Lebrão & Y. Patto, Trans.). São Paulo: EPU. (Original publicado em 1980).
- Rogers, C. (1985). Toward a more human science of the person. *Journal of Humanistic Psychology*, 25(4), 07-24.
- Rogers, C. (2014). Nota sobre a “natureza do homem”. *Revista da Abordagem Gestáltica* (A. Holanda & A. Nunes, Trans.), 20(1), 137-140. (Original publicado em 1957).
- Rogers, C., Wood, J., O’Hara, M. & Fonseca, A. (1983). *Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Summus.
- Rogers, C. & Buber, M. (2008). Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber (1957). *Revista da Abordagem Gestáltica* (A. Lima, Trad.), 14(2), 233-243. (Original publicado em 1957).

- Rogers, C. & Tillich, P. (2008). Diálogo entre Carl Rogers e Paul Tillich (1965). *Revista da Abordagem Gestáltica* (M. Janzen, Trad.), 14(1), 121-127. (Original publicado em 1965).
- Rosenberg, R. (Org.). (1987). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: EPU.
- Santos, A., Rogers, C. & Bowen, M. (1987). *Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor.
- Segrera, A. (2002). El enfoque centrado en la persona: reflexiones en el centenario de su fundador Carl Rogers. *Miscelánea Comillas*, 60(117), 399-419.
- Tassinari, M. (2010). A ACP no Brasil. Em E. Carrenho., M. Tassinari. & M. Pinto. *Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes* (pp.37-56). São Paulo: Carrenho.
- Tassinari, M. & Portela, Y. (2002). História da abordagem centrada na pessoa no Brasil. Em S. Gobbi., S. Missel., H. Justo. & A. Holanda (Orgs.). *Vocabulários e noções básicas da abordagem centrada na pessoa* (pp.229-259). São Paulo: Vetor.
- Trzan-Ávila, A. & Jacó-Vilela. (2012). Uma história da abordagem centrada na pessoa no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 1063-1069.
- Trzan-Ávila, A. (2013). *Uma história da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil? Rio de Janeiro e São Paulo (1950-1970)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- TV Cultura. (1977). *Grupo de encontro no programa Panorama*. Coleção Carl Rogers, n°7, DVD-R (80 min). Produzido por Tiago Cardoso, n.d.

Veja. (1977). *Entrevista Carl Rogers*. Acessado em 03 de junho, 2015, em <http://www.encontroacp.psc.br/site/entrevista-carl-rogers/>

## **Estudo Suplementar<sup>22</sup> – Tensões entre Carl Rogers e a Fenomenologia: reflexões sobre a questão da consciência**

### **Introdução**

Este estudo, de cunho ensaístico e teórico, objetiva descrever e refletir a noção rogeriana de consciência, conforme uma abordagem epistemológica (Piaget, 1967/1980) e histórica (Pongratz, 1998a, 1998b; Pickren & Rutherford, 2010, 2012), à luz do argumento de que tal visada amplia o entendimento da mencionada noção, seja em suas elaborações vernáculas ao contexto científico estadunidense, nas décadas de 1940-1950, seja em suas recepções e circulações no Brasil, mediante as apropriações fenomenológicas ocorridas nos anos de 1980 até os dias atuais.

Entendemos a noção de recepção e circulação, norteados pelo pensamento de Dagfal (2004), segundo o argumento de que toda Psicologia é local e é fruto de um movimento migratório de vários conhecimentos psicológicos que se atualizaram e se singularizaram em um contexto próprio de circulação de ideias. A mencionada noção aponta para esse movimento, entendendo-o como profícuo ao desenvolvimento de psicologias locais que se distinguem em suas manifestações teóricas e práticas num dado período.

Articulamos, reflexivamente, uma perspectiva internalista às ideias de Carl Rogers com uma vertente externalista ao contexto em que essas ideias surgiram nos

---

<sup>22</sup> Relatamos que este estudo é considerado suplementar aos demais da tese. Entendemos *suplementar* como tudo aquilo que pode ser adicionado para ampliar um juízo sobre algo. Considerando o caráter historiográfico dos estudos anteriores, optamos por acrescentar um olhar mais reflexivo as relações de Rogers com a Fenomenologia e a recepção e circulação de sua Psicologia Humanista no Brasil. Por isso, demarcamos que este estudo *não é historiográfico* e não apresenta dados empíricos, porém expressa algumas reflexões para suplementar o entendimento dos aspectos relacionais de Rogers e da ACP brasileira com a Fenomenologia, apresentados nos estudos 2 e 3.

EUA e foram apropriadas por estudiosos brasileiros. Segundo Penna (1991), inspirado nas contribuições de Canguilhem, por internalismo se entende a posição primária de abordar um determinado conhecimento, no caso, a noção rogeriana de consciência, em suas contendas teóricas; por externalismo, percebe-se outra visada sobre os aspectos históricos e culturais daquele conhecimento versado. Com efeito, elaboramos em seguida uma argumentação, específica aos propósitos deste estudo, para desenvolver tal articulação.

Piaget (1967/1980), igualmente inspirado por Canguilhem, define o estudo epistemológico da Psicologia como um campo de investigações sobre as condições mais gerais de um conhecimento psicológico, em suas fundações e fundamentações, sem perder o horizonte de suas dimensões históricas e diacrônicas. Estas apontam para uma pressuposição de que qualquer conhecimento reflete suas condições de emergência, propagação e remodelação dos seus princípios, ao passo que a Ciência não é estática.

Com esteio dessa inteligência piagetiana, argumentamos que a noção rogeriana de consciência reflete um contexto de circulação de ideias psicológicas funcionalistas e pragmatistas apropriadas por Rogers, segundo o desenvolvimento de sua teoria da personalidade e do comportamento no período de assunção da Terapia Centrada no Cliente, na Universidade de Chicago, nos anos de 1945-1958. A mencionada noção permaneceu, também, no cerne da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida nos anos posteriores à saída de Rogers daquela universidade. Com o advento da disseminação da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, nos anos de 1980 em diante, alguns estudiosos perceberam um componente fenomenológico em seu pensamento, ao passo que muitas de suas ideias foram recebidas e passaram a circular conforme uma perspectiva fenomenológica que repensa o legado rogeriano em outras contendas distintas daquelas estadunidenses (Moreira, 2010; Frota, 2012). Entendemos,

especificamente, que a noção rogeriana de consciência constitui exemplo de como ocorreu um processo de apropriação das ideias psicológicas de Rogers em sua recepção no Brasil.

Conquanto a noção rogeriana de consciência esteja situada em uma contenda de elaborações funcionalistas e pragmatistas próprias à Psicologia dos EUA, o que ocorre no Brasil é, pois, uma elaboração epistemológica *metacientífica* a Rogers, dado que este não fundamenta essa noção segundo uma perspectiva fenomenológica (Castelo-Branco, 2012). Piaget (1967/1980) ressalta que as Epistemologias *metacientíficas* consistem em uma fecunda reflexão sobre uma ciência que tende a ampliá-la. Trata-se, pois, de um modo de pensar e desenvolver dado conhecimento, apontando um problema (teórico ou metodológico) nele e o resolvendo com base em aportes externos a ele (Castelo-Branco & Barrocas, 2012). É comum a ACP brasileira se utilizar de filosofias fenomenológicas europeias para repensar e desenvolver aspectos do legado de Rogers (Segrera, 2002; Moreira, 2010; Frota, 2012), a despeito de este praticamente não ter citado nenhum fenomenólogo como alicerce do seu construto teórico e prático<sup>23</sup>, sobretudo no que concerne a sua noção de consciência.

Consideramos, destarte, que a apropriação fenomenológica *metacientífica* à Psicologia de Rogers constitui um exemplo de recepção e circulação das suas ideias no Brasil. Embora não tenha os utilizado esses termos intelectivos aos campos da Epistemologia e da História da Psicologia, é possível ressaltar algumas reflexões recentes de pensadores brasileiros (Moreira, 2010, 2013; Frota, 2012) acerca da existência de uma singularidade no desenvolvimento do legado rogeriano no Brasil, em

---

<sup>23</sup> Caso o leitor procure nas obras de Carl Rogers menção direta a qualquer filósofo fenomenólogo, encontrará somente uma sucinta alusão ao pensamento de Martin Heidegger sobre o ensino (Rogers, 1983/1985, p. 27-28). Em entrevista concedida a David Russell, Rogers reconheceu que leu, por diletantismo, alguns textos de Jean-Paul Sartre, mas não os cita (Rogers & Russell, 2002). Esses apontamentos, todavia, são insuficientes para afirmar que esses filósofos são base epistêmica do pensamento de Rogers ou uma influência histórica do seu construto teórico e prático.

termos de uma Psicologia *pós-rogeriana* ou *neorogeriana*, caracterizada, predominante e notoriamente, como uma linhagem humanista-fenomenológica, conforme observa Moreira (2010),

Não se trata mais do pensamento de Rogers puro, mas de novas teorizações variadas, que partem dele. Na verdade, o próprio Rogers não se pretendeu purista nem cristalizado em nenhuma teoria, nem mesmo a dele, afirmando durante sua última visita ao Brasil, em 1985, que não era rogeriano. Nesse sentido, é importante não apenas não ignorar os significativos desdobramentos em andamento nos últimos 20 anos após sua morte [1987], como estabelecer um diálogo entre as diferenças que preserve a proposta original de Carl Rogers em seu caráter humanista, de respeito pelo ser humano e suas potencialidades. Seu pensamento continua vivo em cada uma das vertentes atuais, mesmo que seus distintos desenvolvimentos - originados de fases diversas do pensamento rogeriano e, portanto, passando a assumir diferentes caminhos epistemológicos na continuidade de sua construção teórica - as tornem tantas vezes tão diferenciadas entre si. (p. 543).

Nesse esteio, Frota (2012) perfilha um cenário o qual reconhece que Rogers nunca se proclamou fenomenólogo ou visou a formular uma teoria fenomenológica, todavia isso não impediu psicólogos brasileiros de elencarem tal visada em relação a Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger. Acrescentamos, ainda, outras miradas em relação a Emmanuel Lévinas (Vieira & Pinheiro, 2013), Hans-Georg Gadamer (Miranda & Freire, 2012) e Alfred Schutz (Castelo-Branco, 2012).

No transcurso desse panorama argumentativo, portanto, assumimos o exercício intelectual de admitir a seguinte indagação: “(...) até que ponto não se vem criando algo novo, tão novo, que rompe com a abordagem centrada, por caminhar por paradigmas outros que Rogers se apoiou na construção de sua teoria?” (Frota, 2012, p. 175). Para responder a esse questionamento, destacamos o exame da noção de consciência, por considerarmos que esta, de um ponto de vista epistêmico, é central tanto ao pensamento de Rogers quanto aos paradigmas funcionalistas, pragmatistas e fenomenológicos de Psicologia.

Estabelecemos, pois, a seguinte lógica de investigação. No primeiro momento, consideramos que a discussão dessa temática exige uma descrição detalhada da noção rogeriana da consciência e como esta se encontrar em um *Zeitgeist*<sup>24</sup> de ideias psicológicas estadunidenses. Na segunda ocasião, examinamos as origens do aludido *Zeitgeist* nos aportes de William James, de modo a entender como ele instaurou a inteligência funcionalista e pragmatista de consciência na Psicologia estadunidense. No terceiro lance, delineamos a noção fenomenológica de consciência com base na Filosofia de Edmund Husserl – ressaltamos que este foi eleito por ter sido o fundador da Fenomenologia. Finalmente, discutimos as controvérsias e possibilidades na noção rogeriana de consciência e na apropriação fenomenológica que alguns psicólogos brasileiros fizeram dela.

### **Noção de consciência na teoria de Carl Rogers**

---

<sup>24</sup> Etimologicamente, *Zeitgeist* significa *espírito de um tempo*. Na História e Epistemologia da Psicologia, *Zeitgeist* alude a um contexto científico que afeta a preocupação intelectual de um específico período histórico (Pongratz, 1998b).

Carl Rogers desenvolveu, no Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago, uma perspectiva teórica e prática sobre intervenções psicoterapêuticas que objetivam a mudança de personalidade. O cenário de desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente aconteceu mediante um contexto estadunidense de investimento governamental e institucional em pesquisas e intervenções sobre a psicoterapia como um desempenho da Psicologia Clínica (Rogers, 1951/1992).

Com o advento da entrada dos EUA na Segunda-Guerra Mundial e a crescente demanda pelas relações de ajuda, a *American Psychological Association* (APA) considerou incompleta a formação do psicólogo clínico sem treinamento em psicoterapia e solicitou pesquisas nessa modalidade interventiva. Com investimentos oriundos da Fundação Rockefeller e a convite da APA, Rogers (1961/1997) desenvolveu: diversas premissas sobre a estruturação, desestruturação e reestruturação da personalidade e suas dinâmicas de comportamento; algumas operacionalizações de condições clínicas necessárias e suficientes à mudança de personalidade; pesquisas empíricas sobre tais condições e mudança.

A noção rogeriana de consciência se encontra, inicialmente, desenvolvida na teoria da personalidade e do comportamento, estando articulada a outras noções conexas que permitem o entendimento de como a consciência se relaciona com a experiência, de modo a compor o campo fenomenológico (perceptivo) que afeta o comportamento e o funcionamento do eu (*self*) em suas interações com o ambiente. Aprofundamos essa sentença teórica em seguida.

Rogers (1959/1977) entende *experiência* como “(...) tudo o que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência; em outras palavras, tudo o que é suscetível de ser apreendido pela consciência” (p. 161). O organismo “(...), em todos os momentos, é um sistema organizado total, no qual a

alteração de uma das partes pode produzir modificações em qualquer outra” (Rogers, 1951/1992, p. 554). Logo, o organismo sempre se organiza de forma coerente e direcionada para realizar alguma meta. Tal entendimento alude que todo indivíduo existe em um mundo experiencial próprio, do qual ele é o centro (Rogers, 1951/1992), ao passo que tudo aquilo que ele sente e experimenta pelo organismo constitui base de conhecimento.

Reside, porém, na experiência uma função simbolizadora daquilo que acontece nela e com ela. Essa função é definida, segundo Rogers (1959/1977), como *consciência*, uma operação de simbolizar (não necessariamente em termos verbais) tudo o que se passa na experiência e é elaborado por ela. A dinâmica de funcionamento da consciência acontece em termos (gestálticos) de figura e fundo (Rogers, 1951/1992).

Em outras palavras, somente é possível simbolizar uma porção momentânea da totalidade do que ocorre na experiência. Rogers (1951/1992) entende o que não é sentido e percebido imediatamente como um plano de fundo que potencialmente pode se figurar, enquanto outras experiências retornam ao fundo. Assim, aspectos não conscientes da pessoa podem ser acessados e simbolizados desde que percebidos. Consciência é sinônimo de *percepção*, uma resposta “(...) à ação de excitantes que atuam sobre o organismo, e que se refere pelo menos implicitamente, a certas operações verificáveis” (Rogers, 1959/1977, p. 164). O termo *percepção*, nesse alcance intelectual, é empregado para o reconhecimento de fontes externas que afetam a experiência; e o vocábulo *consciência* abrange o reconhecimento de excitantes e movimentos internos (por exemplo, memória e processos viscerais).

Consciência e percepção constituem operações do organismo que têm como função: dar-se conta de algo que afeta a experiência; voltar-se para isso (seja um fator interno ou externo); e simbolizar (atribuir um significado ao que é sentido) (Rogers,

1959/1977). No decurso de tais simbolizações, ocorre a elaboração de um *campo fenomenológico*, termo (sinônimo de campo perceptivo) que alude ao caráter global daquilo que é experimentado e simbolizado, via consciência, e sucede uma elaboração de si mesmo com acento afetivo, emocional e sentimental. Isso afeta as formas de como a pessoa se percebe e se conceitua, constituindo um modo particular de perceber e se relacionar com o mundo, constituindo uma realidade. Com efeito, todo *comportamento* é reativo a uma realidade percebida e simbolizada via campo fenomenológico. A despeito de haver uma realidade compartilhada em que diversas pessoas percebem um mesmo objeto, cada qual não reage a essa realidade em si, mas à percepção dela (Rogers, 1951/1992).

Como ensina Rogers (1951/1992), dos encontros entre as demandas internas do organismo e as demandas externas a ele, ocasionam-se diversas elaborações da experiência. Destas elaborações, uma parte do *campo fenomenológico* total se torna organizado como *eu (self)*, uma consciência e percepção de si e do modo de funcionar (se comportar) no mundo, avaliando-o conforme a própria experiência ou não. Ressalta-se que “(...) não há um limite definido entre a experiência do *self* e do mundo exterior” (p. 565), pois tal distinção depende da forma em que um objeto ou experiência é considerado como parte do eu (*self*).

Ante tais pressuposições teóricas, Rogers considera que o melhor ponto de apoio para entender uma personalidade é o referencial da própria pessoa. Eis o intento da Terapia Centrada no Cliente: acessar a experiência, de modo a compreendê-la em seus sentidos-significações e, com base nisso, fazer as intervenções.

Em momento posterior a essas definições, Rogers (1977/2001) prosseguiu com a intelecção de que a consciência é uma função simbolizadora da experiência. Segundo ele, a consciência se configura como função organísmica, oriunda de evoluções, que é

útil em suas manutenções, autorregulações em relação ao ambiente e autorrealizações (comportamentos mais integrados à experiência e à simbolização desta). A consciência é, pois, um pequeno cume em relação à base organísmica, dotada de uma sabedoria tácita.

O funcionamento pleno de uma pessoa (sem maiores tensões) não evoca uma consciência diferenciada e contínua, “(...) em tal pessoa a consciência é simplesmente um reflexo de algo do fluxo do organismo, naquele exato momento. Somente quando o funcionamento é interrompido, surge uma percepção rigorosamente autoconsciente” (Rogers, 1977/2001, p. 276). Ou seja, a consciência é uma operação que emerge da tensão entre organismo e ambiente, com função de reconhecer o que a produz e servir de norte para uma autorregulação que diminua e/ou elimine essa tensão (Rogers, 1977/2001). Como função do organismo, a consciência não inibe o fluxo direto das intuições e experiências organísmicas, mas pode distorcê-las ou negá-las.

Consideramos, finalmente, o pensamento de que Rogers foi um homem atento às discussões históricas e culturais de sua época. Estas contendas possuíam a ideia jamesiana de consciência como função e inspiraram a elaboração teórica de Rogers. Esmiuçamos esse raciocínio em seguida.

### **Noção de consciência na Psicologia de William James**

William James foi um médico estadunidense que iniciou a carreira acadêmica em 1873, ensinando Fisiologia e Anatomia na Universidade de Harvard. James, entretanto, se interessou por temas concernentes ao psiquismo humano, de modo que ele lecionou disciplinas relacionadas à Psicologia e à Filosofia – antes delas se tornarem ciências independentes uma da outra (Myers, 1997/2010).

Com uma formação intelectual bastante diversificada, James iniciou uma linha de pensamento precursora ao desenvolvimento científico da Psicologia Funcionalista e da Filosofia Pragmatista nos EUA (Ferreira & Gutman, 2007).

No que concerne aos propósitos deste estudo, destacamos a proposta jamesiana de Psicologia como ciência, aliada à teoria da evolução biológica que enseja uma Filosofia, de caráter não metafísico, preocupada com a resolução dos problemas cotidianos pelo exame do que as ideias são capazes de produzir na ação. A proposta de Psicologia como ciência é assumida por James em *The Principles of Psychology* (1890), conforme se pode verificar em suas palavras.

Mantive-me próximo ao ponto de vista da ciência natural ao longo do livro. Toda ciência natural aceita certos dados acriticamente... A Psicologia, ciência das mentes individuais finitas, assume como seus dados (1) *pensamentos e sentimentos* e (2) um *mundo físico* no tempo e no espaço, com o qual eles coexistem e o qual (3) eles *conhecem* [pensamentos e sentimentos]. É claro que esses dados por si próprios são discutíveis; mas sua discussão é chamada metafísica e extrapola o escopo deste livro. (...) assumindo que pensamentos e sentimentos existem e são veículos de conhecimento, sustenta-se que a Psicologia, quando houver determinado a correlação empírica dos vários tipos de pensamento e sentimento com as condições definidas do cérebro, não pode ir mais adiante – isto é, não pode ir mais adiante como ciência natural. Se vai mais adiante ela se torna metafísica. Todas as tentativas de *explicar* como produtos de entidades mais profundas nossos pensamentos fenomenicamente dados... São metafísicas. (James, 1890/1952, p. xiii, grifos do autor, tradução nossa).

Insere em tais princípios, destacamos a ideia de que a consciência ocupa o eixo central da Psicologia e da Filosofia. James (1912/1979) argumenta que a consciência não é uma estrutura física, mas um fluxo permanente de acontecimentos dinâmicos que orientam o organismo na direção de algum fim adaptativo. James (1890/1952) admite, pois, a pressuposição evolucionista de que fenômenos biológicos e psicológicos se equiparam durante os processos adaptativos do organismo ao ambiente. Com efeito,

Negar abruptamente que a ‘consciência’ existe parece tão absurdo, à primeira vista – pois inegavelmente existem “pensamentos” – (...). O que quero dizer é negar que a palavra representa uma entidade, e insistir mais enfaticamente que ela representa uma função. Quero dizer que não existe estofo primitivo ou qualidade de ser, oposto àquele de que os objetos materiais são constituídos, a partir do qual nossos pensamentos dos objetos materiais são constituídos, mas existe uma função na experiência que os pensamentos desempenham e para cuja realização essa qualidade do ser é invocada. Esta função é *conhecer*. (James, 1912/1979, p. 174, grifos do autor).

A consciência, como função própria de cada organismo, situa-se em um mundo composto por diversas experiências puras. No pensamento de James (1912/1979), as experiências puras são um fluxo imediato de vida que fornecem base para reflexões e conceituações posteriores. Essas experiências se referem a tudo aquilo ainda não definido. A experiência pura, logo, não é um conhecimento pela consciência, mas é uma base compartilhada de mundos privados e separados que criam um universo público comum. Eis a pluralidade de realidades e verdades sobre um mesmo objeto compartilhado.

James (1890/1952) considera que a consciência não é uma entidade metafísica exclusiva da matéria. Ela age como função epistêmica do organismo que serve para conhecer o que acontece consigo e no ambiente, de modo a direcionar uma adaptação satisfatória. Existe, pois, uma intencionalidade organísmica direcionada pela consciência. Convém ressaltar que a consciência somente se manifesta mediante uma tensão que mobiliza o organismo a se direcionar para alguma autorregulação. Quando há um hábito, a consciência não opera.

A despeito de ter sido considerado o primeiro estadunidense a organizar um laboratório de Psicologia Experimental, James não se interessou em produzir pesquisas (Ferreira & Gutman, 2007). Ele defendia, contudo, a ideia de que a introspecção era um meio investigativo útil, porém falível, pois nenhum estado subjetivo no presente imediato é o próprio objeto de exame. Conforme James (1890/1952), o que se examina introspectivamente em termos da autoconsciência de algum evento psíquico são seus estados subsequentes. Toda introspecção é, pois, uma retrospecção, em decorrência da lacuna temporal entre o estado consciente do que é conhecido e o estado consciente em que se conhece e forma um pensamento. Apesar disso, a investigação psicológica deve partir da introspecção e se apoiar primariamente nela, para depois buscar evidências complementares de como a consciência funciona.

Essa atitude aproximou James da Filosofia pragmatista, dado que para ele a Psicologia introspectiva deveria se conectar à Filosofia (autorreflexiva) pelo exame da experiência e do valor prático de termos como consciência, eu, vontade, pensamento, emoção, lembrança, imaginação etc. (Myers, 1997/2010).

As ideias de James se tornaram populares nos EUA, sobretudo entre os psicólogos críticos da Psicologia germânica. Destacam-se John Dewey e James Angell – respectivamente amigo e ex-doutorando de James – que propuseram uma Psicologia

entendida como funcionalista (Ferreira & Gutman, 2007). Esta adquiriu um *status* institucional nas Universidades de Chicago e de Columbia, que acolheram a ideia jamesiana de consciência e a desenvolveram sobre outros esteios mais aplicados aos âmbitos clínicos, educacionais, industriais e empresariais.

### **Noção de consciência na Fenomenologia de Edmund Husserl**

A Fenomenologia surge em um cenário alemão de discussões acerca do caráter científico da Psicologia, ulterior ao advento da Psicologia experimental de Wilhelm Wundt e a reflexão de Wilhelm Dilthey sobre a distinção entre Ciência Natural (*Naturwissenschaft*) e Ciência do Espírito (*Geisteswissenschaft*) (Peres, 2013).

Wundt entendia que a Psicologia e a Filosofia deveriam abordar a experiência consciente como princípio de objeto de estudo. Outros psicólogos e filósofos concordaram com essa premissa, mas se distinguiram em relação ao método de estudo (Cardoso & Massimi, 2013). Reconhecendo que cabia à Psicologia o caráter empírico e experimental do estudo da experiência consciente, Edmund Husserl propôs outra visada à intelecção do que é consciência e como investigá-la filosoficamente.

Influenciado pela Psicologia descritiva de Franz Brentano e com um doutorado em Psicologia sob a orientação de Carl Stumpf, na Universidade de Halle, em 1887, Husserl entendeu a Psicologia como uma ciência das vivências psíquicas. Husserl, contudo, teceu uma crítica ao psicologismo, que reduz todo o conhecimento a manifestações naturais de leis psicológicas e confunde o ato de conhecer com a própria realidade conhecida (Goto, 2008).

Husserl acena para uma posição em que a consciência se figura como uma noção-chave para entender o lugar da Psicologia nas Ciências (Cardoso & Massimi,

2013). Embora não seja originário do pensamento de Husserl, tal posicionamento é desenvolvido por ele segundo outra perspectiva – a fenomenológica. Influenciado pela noção de *intencionalidade* desenvolvida por Brentano – com origens na Filosofia escolástica – Husserl empreende nova visada sob a questão da consciência como ação que se refere a alguma coisa, produzindo outro entendimento distinto dos seus antecessores, com base em uma operação metódica autorreflexiva por ele denominada como *método fenomenológico* (Goto, 2008). Esta operação metódica serve de apoio para uma teoria da consciência e da descrição de como esta se relaciona (via atos) com os objetos do mundo dotados de uma estrutura essencial de sentido.

Urge ressaltar que a noção de consciência trabalhada pela Fenomenologia, não está circunscrita especificamente como uma realidade psicológica, mas como uma possibilidade transcendental a toda experiência. Segundo Husserl (1901/2012),

As descrições da Fenomenologia (...) não se referem às vivências ou as classes de vivências de pessoas empíricas, pois a Fenomenologia não sabe nada nem conjectura nada de pessoas, das minhas vivências ou de outros; a Fenomenologia não levanta questões, nem visa determinações, nem cria hipóteses sobre nada semelhante (p.399).

A Fenomenologia entende, pois, que fenômeno – seja pessoa, ideia, acontecimento ou objeto material – é tudo aquilo que se mostra para uma consciência. Esta é a capacidade de se voltar (direcionar) para o fenômeno conforme a apreensão do sentido que ele mostra (momento noemático) e a atribuição de um sentido para aquilo que se mostra (momento noésico). Tal exame do que é apreendido e atribuído, em termos de sentido, ocorre mediante a suspensão fenomenológica (*Epoché*), uma atitude

de retirar de ação, durante certo momento, os atos de a consciência julgar (atestar, contestar ou ser indiferente) determinado fenômeno (Husserl, 1913/2006).

Husserl evidencia, pelo crivo do método fenomenológico, que é falácia distinguir a consciência do seu fenômeno visado. Não é mais uma questão de entender que tudo parte de uma representação psicológica (psicologismo) nem que todos os objetos encontrados no mundo existem por si mesmos, independentes de uma consciência (naturalismo). Trata-se de outra concepção que entende a intencionalidade como uma correlação universal e apriorística entre consciência e mundo (Goto, 2008). Eis o fundamento da Fenomenologia.

A Fenomenologia aponta, pois, para uma atitude que não se interessa pelo fenômeno psíquico da consciência em si ou do objeto estudado em si (como um dado natural de mundo ou fato), mas elucida a dimensão de sentido que liga (correlaciona) ambos. Para Husserl (1913/2006), a consciência não possui nenhuma determinação prévia aos seus atos e a sua correlação com algum fenômeno no mundo.

Enquanto a Psicologia é uma Ciência natural que se preocupa com a consciência de um ponto de vista empírico ou experimental, conforme Husserl (1913/2006), a Fenomenologia é uma Filosofia de rigor que versa a consciência de outro ponto de vista oriundo do método fenomenológico. O conhecimento obtido, entretanto, a partir de tal método, possibilita para a Psicologia outro entendimento do que é consciência e pode servir de base para uma Psicologia de orientação fenomenológica – esta mais enquadrada como uma Ciência do Espírito (Goto, 2008).

A noção husserliana de consciência, em suma, implica os entendimentos a seguir expressos. Consciência é transcendental e não uma interioridade psíquica ou um produto ambiental. O que se obtém do método fenomenológico é a constatação de que é falácia distinguir o objeto intencional do objeto real, dado que ambos são correlatos. Em

outras palavras, a consciência: (1) não existe em si mesma, nem está restrita a um organismo ou a objetos exteriores; (2) é correlação entre os fenômenos dispostos no mundo e aquilo que é apreendido deles e doado para eles; (3) vai em direção aos fenômenos e estes se mostram para ela pelos sentidos. Fenomenologia é, destarte, um método para descrever os sentidos das essências dos fenômenos do mundo e dos atos da consciência, segundo a análise das vivências intencionais.

Algumas correntes fenomenológicas existenciais, posteriores a Husserl, como as heideggerianas, por exemplo, criticam a noção de consciência, sugerindo que é melhor evitar pensar nela para não negligenciar outras questões mais basilares ao humano, como os fundamentos do Ser. Outras, como as sartreanas, merleau-pontyanas e levinasianas, consideram a consciência, porém sob outras intelecções. Ainda assim, em todas essas correntes, há uma (contra) referência à noção husserliana de consciência (Siewert, 2012). De um modo geral, as concepções fenomenológicas, mesmo as posteriores a Husserl, não oferecem explicações casuais ou redutivas da consciência, mas buscam ampliar a reflexão do que ela é ou não é.

### **Reflexões sobre as tensões implicadas na apropriação fenomenológica de Carl Rogers no Brasil**

No transcurso do que foi mostrado nos tópicos anteriores, é possível agora elencar algumas reflexões que (re)pensam o lugar da consciência na teoria de Rogers e o que foi apropriado dele no Brasil, segundo uma perspectiva *pós-rogeriana* de inspiração fenomenológica.

Reflexão 1. Considerando que Carl Rogers obteve o seu Ph.D. em Psicologia Clínica e Educacional na Universidade de Columbia, em 1928, e desenvolveu pesquisas em psicoterapia e mudança de personalidade na Universidade de Chicago, entendemos

que ele elaborou sua teoria e prática em um *Zeitgeist* de ideias psicológicas oriundas do pensamento jamesiano e propagadas via funcionalismo e pragmatismo daquelas universidades. Em especial, Rogers recebeu orientações de Leta Stetter Hollingworth e William Dillit Kilpatrick, ambos os discípulos de John Dewey em Columbia.

Rogers assume o fato de que, antes de ingressar no doutorado, leu a obra *The Principles of Psychology* (1890), enquanto fazia um curso de introdução à Psicologia, o qual utilizava esse texto (Rogers & Russell, 2002). Entretanto, na ocasião de uma entrevista, quando inquirido sobre a possibilidade de ter sido impactado pelo trabalho de James, Rogers responde:

Não. É curioso. Ele deveria ter. Quando eu era muito jovem, eu li sua Introdução à Psicologia [Princípios da Psicologia] ou algo assim, mas eu realmente nunca estudei James e há muitas coisas que me fazem perceber que eu deveria tê-lo estudado. Nunca fui *muito* influenciado por ele, o que é estranho. (Rogers & Russell, 2002, p. 170, grifos do autor, tradução nossa).

Apesar disso, com base em um ponto de vista epistêmico e histórico, *é possível aludir que o pensamento rogeriano exprime a ideia de consciência como função do organismo* – o que possibilita apontar que Rogers possui influências da Psicologia jamesiana, sobretudo, pela via do *Zeitgeist* funcionalista e pragmatista que ele deparou. Outra dedução, sobre o contato de Rogers com as ideias jamesianas, ocorre pelo fato de ele fazer constantes alusões ao pensamento de Kurt Goldstein, um gestaltista que foi bastante influenciado pelo pensamento de James, dedicando-lhe a obra *The Organism – a holistic approach to biology derived from pathological data in man* (1939).

Conquanto as vertentes paradigmáticas funcionalistas-pragmatistas e fenomenológicas abordem, cada qual ao seu modo, a questão da consciência, elas divergem em relação ao seguinte ponto de intelecção: (1) para a Psicologia jamesiana, a consciência emerge como uma função autorreguladora do organismo em relação ao ambiente – esta ideia prossegue em seus desdobramentos funcionalistas e pragmatistas; (2) por outra via, a Fenomenologia entende que a consciência se vincula a uma correlação intencional que articula diversos atos com os fenômenos do mundo. O pensamento rogeriano, destarte, meneia para uma perspectiva de consciência funcional que precisa de um organismo para se ancorar. Esse ponto de vista se distancia da Fenomenologia, que concebe a consciência como intencional e transcendental, ou seja, não restrita a um organismo para existir.

Em uma perspectiva epistêmica interna, a constituição do conhecimento de Rogers, este foi coerente com o *Zeitgeist* estadunidense de ideias psicológicas e filosóficas de sua época. Com efeito, não há um problema no concernente à elaboração rogeriana de consciência. De um ponto de vista epistêmico externo a Rogers, urge investigar mais a aproximação dele com a Fenomenologia, no que compete à questão da consciência.

Embora existam, no Brasil, diversas orientações fenomenológicas de Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), que não necessariamente adentram ou ponderam a temática da consciência, entendemos que tal questão deve ser pensada, considerando o eixo central que ela ocupa na Fenomenologia e a tensão que apresenta em relação à teoria de Rogers. Esse conflito epistêmico não pode ser negligenciado, mas aprofundado em sua complexidade.

Sem dúvida, repensar Rogers por um paradigma fenomenológico incute mudanças em relação a sua perspectiva teórica original. Entendemos que o termo

*paradigma* designa princípios teóricos gerais amplamente aceitos por uma comunidade científica em um dado contexto (Pongratz, 2008b). O paradigma fenomenológico oferece outro modelo de pensamento ao legado de Rogers no Brasil. Destarte, a mudança paradigmática acena para um processo de *recepção/circulação* – o que não significa que esta mirada seja melhor do que a outra.

Reflexão 2. Rogers (1951/1992) deixa claro que não almeja adentrar questões metafísicas, mas práticas em relação à ênfase da experiência consciente concreta em suas ações no mundo. Interessa a Psicologia rogeriana, pois, a pessoa empírica, com uma teleologia para o seu funcionamento pleno (Rogers, 1961/1997). Na Fenomenologia, o recurso do método fenomenológico depura a relação sujeito-mundo via intencionalidade. Ao considerar a correlação consciência e objeto, suprime-se a dimensão empírica e não se adentra causalidades-efeitos. A Fenomenologia, portanto, não se interessa pela dimensão empírica da pessoa e da consciência – embora não as desconsidere – tampouco se interessa em operacionalizar intervenções e teleologias sobre elas. No entanto, interessa à Fenomenologia a ideia (o sentido) dos fenômenos pessoa e consciência, situando-as no mundo pela intencionalidade.

Do embate entre as dimensões empíricas e transcendentais da pessoa e da consciência emergem algumas revisões críticas sobre a noção rogeriana de pessoa, empreendidas de modo a apontar sua dimensão individual, apartada dicotomicamente do mundo social, ao focar a pessoa empírica. Em superação a isso, Moreira (2007) sugere a apropriação do conceito merleau-pontyano de carne, com o intento de trazer a esfera do mundano para a psicoterapia rogeriana, agora entendida como descentrada da pessoa e livre da dicotomia interior e exterior – dado que cliente, sociedade e cultura estão imersos na mesma contextura carnal de mundo. Eis um exemplo característico de recepção e circulação metacientíficas as ideias de Rogers no Brasil, dado que não é

possível encontrar diretamente nas obras rogerianas tal aproximação com Merleau-Ponty. Fruto de uma leitura crítica que seleciona na obra rogeriana um sentido de confronto à noção pessoa, essa aproximação rompe com o sucedido, dispendo-se a ultrapassá-lo e a reunir outra possibilidade de psicoterapia que contribui com o legado rogeriano, mas não está presa a ele.

No esteio compreensivo às potencialidades de recepção e circulação das ideias de Rogers, segundo os aportes fenomenológicos, indicamos a existência de filósofos que, a exemplo de Edith Stein (1932-3/2000), aplicaram o método fenomenológico sobre os fenômenos pessoa e consciência e obtiveram descrições sobre eles. Tal aproximação, embora ainda escassa no Brasil, seria um campo profícuo à ACP pós-rogeriana, dado que a Fenomenologia steiniana preconiza uma conciliação entre as dimensões empíricas (ônticas) e transcendentais (ontológicas) da pessoa, entendida como uma unidade dinâmica de singularidade e universalidade relacionada com o outro e com o mundo, havendo, pois, uma autoconsciência que se volta, ao mesmo tempo, para si e fora de si.

Reflexão 3. Podemos inferir que no Brasil existe uma abordagem fenomenológica da ACP. Reconhecemos que tal abordagem se inspira mais em alguns elementos filosóficos, obtidos com base na sustentação do método fenomenológico sobre algum fenômeno, do que na elaboração oriunda de uma Fenomenologia pura sobre algum aspecto de Rogers. Logo, ocorre mais a recepção de uma visão de sujeito e de mundo proveniente de uma Filosofia fenomenológica do que um conhecimento fenomenológico obtido das reduções do método. Observamos, segundo o pensamento de Husserl (1913/2006), que a Fenomenologia pura (aquela que utiliza o método fenomenológico sobre algum fenômeno), não é uma abordagem, pois ela sempre retorna às coisas mesmas e se revisa constantemente em seu método estático, genético e

generativo (Goto, 2008). O que decorre disso é uma Filosofia fenomenológica que pode inspirar algum conhecimento ou abordagem.

Retornamos ao exemplo da releitura de Rogers com suporte na Fenomenologia merleau-pontyana para elucidar a discussão em voga. Maurice Merleau-Ponty aplicou o método (fez uma Fenomenologia pura) sobre diversos fenômenos (como percepção) e obteve uma Filosofia fenomenológica (Fenomenologia da percepção). Moreira (2007, 2013) se inspira em alguns aportes oriundos dessa Filosofia para repensar os limites de Rogers, apontados por ela, e elaborar uma abordagem fenomenológica (merleau-pontyana) da ACP, ou uma psicoterapia humanista-fenomenológica inspirada em Rogers e Merleau-Ponty. Tal proposição implica considerar que essa perspectiva decorre de uma visão de sujeito e mundo proveniente da Filosofia fenomenológica em questão fundida com a proposta psicoterapêutica de Rogers.

Para o projeto de uma abordagem fenomenológica da ACP acontecer, segundo a intelecção husserliana mencionada, seria necessária uma aplicação do método fenomenológico sobre diversos fenômenos importantes à psicoterapia de Rogers, por exemplo, a personalidade. Disso emergiria uma filosofia da personalidade que poderia inspirar uma psicologia ou psicoterapia da personalidade com base fenomenológica. Sem dúvida, essa empreitada não tornaria a ACP brasileira mais pura e condizente com a herança rogeriana. Haveria, pois, outro critério de recepção e circulação que, por um lado, intenciona honrar uma tradição, e, de outra parte, a situa para frente, segundo novas discussões e elaborações sobre a relação da consciência com a personalidade.

Reflexão 4. A aproximação da ACP com a Fenomenologia pode ser entendida como problemática de um ponto de vista epistêmico se considerada a questão da consciência. Se percebida, contudo, com as lentes de uma dimensão histórica em contexto, em relação à recepção e circulação das ideias de Rogers no Brasil, desvela-se

um olhar mais compreensivo às diacronias, potencialidades e possibilidades de tal aproximação (Pickren & Rutherford, 2010). Existe, pois, uma ACP de sotaque brasileiro com profícuos conhecimentos que circulam em diversos meios de Ciência e centros de formação. Não é uma negatização das elaborações epistemológicas metacientíficas a Rogers que acontecem no Brasil, mas um reconhecimento de que há uma ACP brasileira que, embora descontraída de certos aspectos de Rogers, desenvolve o seu espólio humanista em um contexto distinto ao seu solo vernáculo de ideias psicológicas.

Reflexão 5. Em contrapartida, a quarta reflexão representa certo risco no pensamento de que mesmo diante de uma incoerência epistemológica devemos ser compreensivos, por uma questão histórica, as hibridizações fenomenológicas da ACP no Brasil. Essas manifestações híbridas foram chanceladas por Rogers em sua visita ao Brasil, em 1985, quando ele se declarou contra a *rogerianismos* e afirmou que defendia outros entendimentos e usos de sua abordagem, desde que vinculados a um jeito de ser (Moreira, 2010). Residem nessa postura o ponto forte e o perigo do humanismo de Rogers, a saber: por um lado, possibilita flexibilidade e criatividade para novos desenvolvimentos da ACP; por outro, pode ocasionar falta de critério e consenso para elaborar tais desenvolvimentos, dispersando-os.

Em suma, entender a ACP brasileira pós-rogeriana implica abordá-la como uma Psicologia que em um dado momento histórico adveio de um país central (EUA), mas se tornou uma Epistemologia contextual heterogênea ao eixo central – pois defrontam relações sociais, políticas e culturais brasileiras que ensejam outras teorias e práticas (Pickren & Rutherford, 2010).

### **Considerações finais**

Descritas as noções rogeriana, jamesiana e husserliana de consciência e analisadas refletidas, segundo um esteio epistemológico e histórico, que o encontro de tais noções suscita ao desenvolvimento brasileiro de uma Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) pós-rogeriana, consideramos essa visada um exercício intelectual profícuo ao entendimento do legado de Rogers em suas extensões para o Brasil.

Foram assinalados os seguintes pontos de reflexão: (1) as controvérsias da noção rogeriana de consciência funcional, de alicerce jamesiano, em relação à ideia fenomenológica de consciência e intencionalidade, de base husserliana; (2) a tensão em relação às visadas empíricas (rogeriana) e transcendentais (husserliana) sobre a pessoa e a consciência; (3) as possibilidades de pensar uma abordagem fenomenológica da ACP; (4) as intelecções que a História da Psicologia em Contexto possibilita à compreensão da ACP brasileira, não a suprimindo em relação ao contexto estadunidense de ideias psicológicas, mas enfatizando-a em relação ao seu solo de fundamentações teóricas e práticas; (5) o risco de assumir uma postura avessa aos *rogerianismos* no desenvolvimento de outras perspectivas (híbridas) de ACP. Em todas as discussões, estabelecemos um conjunto de argumentos que apontam os elementos próprios ao processo de recepção e circulação da ACP no Brasil, de modo a formar uma ACP brasileira com elementos epistemológicos metacientíficos a Rogers.

Consideramos que a visada epistemológica, por uma vereda, problematiza e aprofunda elementos teóricos concernentes a uma perspectiva de conhecimento; por outra senda, a empreitada histórica compreende o desenvolvimento e a apropriação desse conhecimento em outras regiões, de modo a apontar suas extensões. Seja um conhecimento do norte ou do sul, qualquer conhecimento é sempre contextual com fontes de validades próprias (Pickren & Rutherford, 2010). Não se trata, portanto, de invalidar outras perspectivas de ACP, mas problematizá-las em seus limites e

complementá-las de modo a situá-las em sua História em contexto. Nesta visada, incorre equívoco, senão reducionismo, afirmar o que acontece nos EUA, ou com alguma ACP-pós rogeriana, como a Psicologia de Rogers. É contra esse tipo de reducionismo, segundo avaliamos, que a Epistemologia e a História da Psicologia devem atuar, evitando sejam exercidas somente como fontes legitimadoras do passado ou do presente, mas como atividades de pesquisa e reflexão que chamam atenção ao desenvolvimento do conhecimento psicológico.

Apontamos a ideia de que outras pesquisas do mesmo caráter podem ser realizadas – por exemplo, o exame da noção de *consideração positiva incondicional*, enunciada, segundo Rogers (1959/1977), com influências em John Dewey, mas apropriadas no Brasil, frequentemente, conforme uma atitude de suspensão fenomenológica. Eis outra recepção e circulação metacientífica a Rogers possível de ser estudada.

Ponderamos, finalmente, a necessidade de mais pesquisas comparativas entre a ACP que se desenvolve no Brasil e aquela que acontece nos EUA. Resta indagar: desse diálogo, uma perspectiva pode ampliar a outra?

## Referências

- Cardoso, C. & Massimi, M. (2013). Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp.51-78). Belo Horizonte: Artesã.
- Castelo-Branco, P. (2012). Revisão dos aspectos monadológicos da teoria de Carl Rogers à luz da Fenomenologia social. *Revista do NUFEN*, 4(2), 83-98.

Recuperado em 08 de outubro, 2014, de  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v4n2/a09.pdf>

Castelo-Branco, P. & Barrocas, R. (2012). Método histórico-crítico e a pesquisa epistemológica em psicologia: uma perspectiva de Jean Piaget. *Memorandum*, 22. Recuperado em 20 de novembro, 2015, de  
<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/revista/wp-content/uploads/2012/06/castelobrancobarrocas01.pdf>

Dagfal, A. (2004). Para una «estética de la recepción» de las ideas psicológicas. *Frenia*, IV(2), 07-16.

Ferreira, A. & Gutman, G. (2007). O funcionalismo em seus primórdios: a Psicologia a serviço da adaptação. Em A. Jacó-Vilela., A. Ferreira & F. Portugal (Orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos* (pp. 121-140). Rio de Janeiro: Nau.

Frota, A. (2012). Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 168-178. Recuperado em 08 de outubro, 2014, de  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n2/v18n2a07.pdf>

Goto, T. A. (2008). *Introdução à Psicologia fenomenológica: a nova Psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia fenomenológica: introdução geral à Fenomenologia pura* (2a ed., M. Susuki, Trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).

Husserl, E. (2012) *Investigações lógicas: investigações para a Fenomenologia e a teoria do conhecimento* (D. P. Alves & C. Morujão, Trads.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicando em 1901).

- James, W. (1952). *The Principles of psychology*. London: Encyclopedia Britannica, INC. (Original publicado em 1890).
- James, W. (1979). Ensaio sobre o empirismo radical. Em W. James. *Os pensadores* (pp.171-230., J. Silva. & P. Mariconda, Trads.). São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1912).
- Miranda, C. & Freire, J. (2012). A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(1), 78-94. Recuperado em 08 de outubro, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v64n1/v64n1a07.pdf>
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia(Campinas)*, 27(4), 537-544. Recuperado em 08 de outubro, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/11.pdf>
- Moreira, V. (2013). *Revisitando as psicoterapias humanistas*. São Paulo: Intermeios.
- Myers, G. (2010). Pragmatismo e Psicologia introspectiva. Em A. Putnam (Org.). *William James* (pp. 25-42., A. Oides, Trad.). Aparecida, SP: Idéias & Letras. (Original publicado em 1997).
- Penna, A. G. (1991). *História das idéias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Peres, S. (2013). O significado do pensamento fenomenológico de Stein à luz do desenvolvimento da concepção de psicologia em Husserl. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp.23-50). Belo Horizonte: Artesã.
- Piaget, J. (1980). *Lógica e conhecimento científico* (S. Dias. & F. Araújo, Trads.). Porto: Livraria Civilização. (Original publicado em 1967).

- Pickren, W. & Rutherford, A. (2010). *A history of modern psychology in context*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Pickren, W. & Rutherford, A. (2012). Rumo a uma História global da Psicologia. Em S. Araújo (Org.). *História e Filosofia da Psicologia: perspectivas contemporâneas* (pp. 57-66., G. Castanon & S. Araújo, Trads.). Juiz de Fora, MG: UFJF.
- Pongratz, L. (1998a). Abordagem descritiva e analítica: Dilthey vs. Ebbinghaus. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da Psicologia moderna* (pp. 339-350., J. Ceschin & P. Silva, Trads.). São Paulo: Unimarco; Loyola.
- Pongratz, L. (1998b). As raízes do crescimento da ciência. Em J. Brožek & M. Massimi (Orgs.). *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 43-47., J. Ceschin & P. Silva, Trads.). São Paulo: Unimarco; Loyola.
- Rogers, C. (1977). Teoria e pesquisa. In C. Rogers & M. Kinget, *Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva* (Vol.1., 2a ed., pp. 143-282., M. Bizzoto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1959).
- Rogers, C. (1985). *Liberdade de aprender em nossa década* (J. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1983).
- Rogers, C. (1992). *Terapia centrada no cliente* (M. J. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1951).
- Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa* (M. J. Ferreira & A. Lamparelli, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1961).
- Rogers, C. (2001). *Sobre o poder pessoal* (W. Penteado, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Rogers, C. & Russell, D. (2002) *Carl Rogers: the quiet revolutionary – an oral history*. Roseville, CA: Penmarin Books.

- Siewert, C. (2012). Consciência. Em H. Dryfus & M. Wrathall. (Orgs.). *Fenomenologia e existencialismo* (pp. 83-94., C. Bartalotti & L. Pudenzi, Trads.). São Paulo: Edições Loyola.
- Segrera, A. (2002). El enfoque centrado en la persona: reflexiones en el centenario de su fundador Carl Rogers. *Miscelánea Comillas*, 60(117), 399-419.
- Stein, E. (2000) *La struttura della persona umana* (M. D'Ambra, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1932-3).
- Vieira, E. & Pinheiro, F. (2013). Person centered psychotherapy: an encounter with oneself or a confrontation with the other?. *Estudos em Psicologia (Campinas)*, (3)2, 231-238. Recuperado em 08 de outubro, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n2/09.pdf>

## Conclusão

Os estudos desenvolvidos precedentemente ilustram alguns apontamentos históricos à Psicologia Humanista de Carl Rogers, nosso objeto de estudo abordado desde a sua relação com a Fenomenologia até os seus processos de recepção e circulação no Brasil. Conquanto independentes, segundo a nossa organização, esses estudos tentaram atingir uma sequência de apreciação múltipla a alguns aspectos históricos da abordagem centrada na pessoa (ACP) nos EUA e no Brasil. A transição entre o primeiro estudo e os demais perpassou a relação de Rogers e da ACP brasileira com a Fenomenologia. No Estudo 3 e no Estudo Suplementar as aplicações da noção de recepção e circulação, apresentada no Estudo 1, foram mais ocorrentes do que no Estudo 2. Este, em conjunto com o Estudo Suplementar, aprofundou mais a relação de Rogers e da ACP com a Fenomenologia do que o Estudo 3.

No transcurso dos estudos desenvolvidos, chamamos atenção para uma série de problemas e potencialidades teórico-conceituais na aproximação da ACP com a Fenomenologia. A atitude histórica de pesquisa possui, em seu cerne, uma dimensão compreensiva às dimensões que afetam a ACP brasileira contemporânea. Existem movimentos que argumentam em favor de uma ACP de orientação humanista-fenomenológica e outros que defendem uma ACP tradicional (clássica) que não necessita de importações fenomenológicas e aproximações com essa perspectiva para cancelar o seu lugar de conhecimento. Esta tese não milita em favor de um movimento em detrimento de outro. A postura historiográfica que nos cabe (e está disponível no Estudo 1) é a de descrever e compreender os dados que obtivemos, sobretudo nos Estudos 2 e 3, para esboçar alguns apontamentos ao cenário brasileiro da ACP, conforme indicamos no Estudo Suplementar. Optamos, antes de tudo, por partir de um

olhar historiográfico para compreender alguns contornos históricos da Psicologia Humanista de Rogers.

Nesta breve conclusão, enfatizamos um ponto comum nos quatro estudos procedidos, a saber, que o componente da recepção, segundo o nosso entendimento, é o fator básico em qualquer processo de circulação e hibridização de uma psicologia. Não seria possível Rogers estabelecer uma relação com a Fenomenologia se a Psicologia estadunidense de sua época não a tivesse recebido e possibilitado a sua circulação, segundo uma característica própria e distinta da Filosofia fenomenológica europeia. Não existiria uma ACP brasileira ou uma ACP pós-Rogers de orientação fenomenológica se a Psicologia brasileira não tivesse recebido os aportes rogerianos e produzido mecanismos de sua circulação. Não haveria uma apropriação fenomenológica da ACP no Brasil se os seus estudiosos não tivessem identificado nela um componente e uma possibilidade de desenvolvimento fenomenológico, que concretizou de forma distinta a relação que Rogers estabeleceu com a Fenomenologia nos EUA. Destarte, a recepção está na base de tudo e é o elemento-chave para compreender historicamente as relações de Rogers com a Fenomenologia e as extensões de sua Psicologia Humanista no Brasil.

Uma das lições mais importantes aprendidas pelos estudos aqui organizados é a necessidade de mais pesquisas que expandam e complementem conhecimentos a ACP brasileira, tanto no que diz respeito as suas reflexões teóricas e filosóficas quanto, sobretudo, as suas fundamentações epistemológicas e históricas. Reconhecemos que a História da Psicologia Humanista de Rogers, no Brasil, ainda é algo em construção. Como toda pesquisa científica é parcial, apontamos que um limite e uma possibilidade para futuras pesquisas se encontram em outras miradas historiográficas sobre os documentos disponíveis nos arquivos de Rogers, no Centro de Estudos da Pessoa, em *La Jolla*-Califórnia, e nos arquivos da Psicologia Humanista, em Akron-Ohio. A análise

historiográfica dos arquivos de Rogers e da Psicologia Humanista, ainda, é um campo aberto e possibilitaria outros dados informativos sobre a vida e a obra de Rogers. Caso esta tese possa de alguma maneira contribuir com a divulgação da ACP e de alguns elementos de sua História nos EUA e no Brasil, conseguimos alcançar o nosso intento maior.

## Apêndice

### Apêndice A – Resumo do Estudo 1

#### Recepção e circulação: implicações para pesquisas em História da Psicologia

Este estudo propõe apresentar, didaticamente, a noção de recepção/circulação como um recurso teórico e conceitual que contribui para o desenvolvimento de pesquisas historiográficas em Psicologia. Essa perspectiva circunscreve uma discussão que centra atenção nos elementos constitutivos de um conhecimento psicológico e possibilita suas extensões e apropriações em outros contextos, enaltecendo suas localidades e especificidades em relação a sua matriz. Descrevemos, inicialmente, a mencionada noção em relação ao seu plano de fundamentação, oriundo de autores diversos e das articulações que nós estabelecemos. Em seguida, apontamos algumas implicações que a aludida noção pode proporcionar para pesquisas historiográficas em Psicologia. Por fim, foram consideradas as potencialidades dessa perspectiva.

Palavras-chave: História da Psicologia; Historiografia; Metodologia; Métodos de Pesquisa-Psicologia.

## Apêndice B – Resumo do Estudo 2

## Relações de Carl Rogers com a Fenomenologia: análise historiográfica

Objetivamos analisar as relações de Carl Rogers com a Fenomenologia mediante uma perspectiva historiográfica, inspirada pelos aportes sugeridos pelo historiador da Psicologia Josef Brožek. Foram compiladas as seguintes amostras bibliográficas de Rogers: 20 livros, 3 entrevistas, 6 artigos seminais e 1 diálogo transcrito. Essas obras foram organizadas em ordem cronológica de publicação e lidas conforme as técnicas de leitura seletiva e interpretativa. O material foi reorganizado em relação ao número de fenomenólogos referenciados por Rogers, total de 5. Desses somente 1, Martin Heidegger, é efetivamente referenciado e mencionado em um texto. Constatamos que, nos textos em que Rogers referencia fenomenólogos, ele não elabora nenhuma discussão sobre a Fenomenologia. Há, porém, diversos escritos em que Rogers disserta sobre o pensamento fenomenológico. Isso conduziu a se proceder à segunda análise sobre as menções de Rogers à Fenomenologia em sete momentos de sua carreira. A Fenomenologia que Rogers menciona não é a oriunda da Filosofia europeia, mas de um movimento de recepção e circulação dela pela Psicologia dos EUA, nas décadas de 1940-1960, como um paradigma de ciência alternativo ao positivismo hegemônico nas psicologias comportamentais. No âmbito clínico, Rogers percebeu implicações desse movimento para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções sobre o *self*. No campo filosófico, ele chegou a esboçar sucintamente uma teoria do conhecimento, que tem como base a experiência tácita e pré-conceitual. No domínio da pesquisa, ele foi simpático ao desenvolvimento de investigações fenomenológicas empíricas, mas não chegou a desenvolver alguma. Concluimos que a Filosofia fenomenológica não influenciou diretamente Rogers, mas o movimento fenomenológico na Psicologia estadunidense sim.

Palavras-chave: Carl Rogers; Fenomenologia; Historiografia.

## Apêndice C – Resumo do Estudo 3

## Recepção e circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil (1945-2014)

Objetivamos analisar a recepção e a circulação da Psicologia Humanista de Carl Rogers no Brasil, conforme uma perspectiva historiográfica que abrange: os momentos do desenvolvimento da abordagem centrada na pessoa (ACP) neste País; as traduções das obras rogerianas; e o *status* corrente de artigos publicados sobre Rogers em periódicos nacionais. A noção de recepção acena para o entendimento de como uma Psicologia, no caso a ACP, migra dos EUA para o Brasil, provocando um processo de assimilação e apropriação ativa dessa perspectiva em um contexto local. O conceito de circulação implica o entendimento de como as ideias rogerianas recebidas estão sendo organizadas e propagadas de acordo com certas operações sociais, como a publicação de artigos em periódicos. A primeira análise dividiu e refletiu a recepção da Psicologia Humanista de Rogers no Brasil, em quatro momentos, a saber, a pré-história (1945-1976), a fertilização (1977-1986), o declínio (1987-1989) e a ascensão/renascimento (1990-2000). Nesses momentos, foram analisados os psicólogos que contataram Rogers e difundiram sua abordagem no Brasil, além de explicar as especificidades das vindas de Rogers ao País, sua relação com alguns colaboradores brasileiros e a assunção de alguns expoentes nacionais. A segunda análise investiga as traduções das obras de Rogers para o português brasileiro, nas décadas de 1970-2000. Constatamos que existem 21 obras rogerianas publicadas no Brasil, no entanto somente 7, atualmente, estão em edição. Muitas obras de Rogers não são mais editadas e há 3 livros que, ainda, não foram traduzidas. Nessa conjuntura, os principais livros teóricos, metodológicos, educacionais e biográficos de Rogers estão com circulação restrita no cenário brasileiro. Isso dispersa, por um lado, o entendimento total do legado rogeriano; de outra parte, fomenta diversas leituras sobre ele, sobretudo numa égide fenomenológica-existencial. A terceira análise articula o conceito de circulação com a técnica de levantamento bibliográfico para examinar o *status* corrente da ACP brasileira em artigos publicados em periódicos brasileiros, de 2002 a 2014, no SciELO e no PePSIC. Foram obtidos 58 artigos, analisados em relação ao seu título, autoria, filiação institucional, fonte, ano e tema do trabalho. Tabulamos os seguintes resultados: 2012 foi ano de maior produção (25,8%); a *Revista da Abordagem Gestáltica* foi o periódico que mais publicou artigos (27,5%); Virginia Moreira foi a pesquisadora que mais produziu (8,6%) no período compreendido; a Universidade Federal do Ceará foi a instituição com a maior frequência de publicações (18,1%); a região Nordeste concentra o maior número de produções em ACP no Brasil (41%); há uma predominância de artigos de cunho teórico (81,1%); as temáticas clínicas são as mais frequentes (37,9%); e 29,3% dos artigos versam a respeito de algo da Fenomenologia na ACP. Concluimos que a ACP brasileira se distingue da ACP de Rogers, no que concerne ao desenvolvimento de debates e pesquisas de orientações fenomenológicas. A ACP brasileira difere, ainda, da ACP que circula nos EUA e Europa, por concentrar poucos estudos empíricos e muitas reflexões teóricas. Sugerem-se, finalmente, outros estudos que analisam o movimento de recepção e circulação da ACP no Brasil.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa; Historiografia; História da Psicologia no Brasil.

## Apêndice D – Resumo do Estudo Suplementar

### Tensões entre Carl Rogers e a Fenomenologia: reflexões sobre a questão da consciência

Estudo de cunho ensaístico e teórico, aborda epistêmica e historicamente a noção rogeriana de consciência, relacionando-a com o seu contexto estadunidense de ideias psicológicas, de procedência jamesiana, e com a recepção do legado de Rogers no Brasil, a partir de uma estirpe fenomenológica. Nesse sentido, apresentam-se as noções de consciência nas teorias de Carl Rogers, William James e Edmund Husserl. Em seguida, discute as controvérsias e as possibilidades que tal apropriação provoca ao desenvolvimento brasileiro da abordagem centrada na pessoa. Finalmente, por uma vereda, considera que a visada epistemológica problematiza e aprofunda elementos teóricos concernentes à Psicologia de Rogers e suas influências; por outra senda, a empreitada histórica compreende o desenvolvimento e a hibridização desse conhecimento em outros locais, de modo a refletir suas extensões.

Palavras-chave: Carl Rogers; Epistemologia; Fenomenologia; História da Psicologia; Terapia Centrada no Cliente.